

JULIÁN CARRÓN

O BRILHO DOS OLHOS

O QUE NOS
ARRANCA
DO NADA?

JULIÁN CARRÓN

O BRILHO DOS OLHOS

O QUE NOS ARRANCA
DO NADA?

Tradução: Cláudio Cruz

© 2020 Fraternità di Comunione e Liberazione

INTRODUÇÃO

«Que é o homem, para dele assim vos lembrades e o tratardes com tanto carinho?»¹ Que poder têm hoje essas palavras do Salmo, depois de termos percebido mais lucidamente o nosso nada, a nossa fragilidade e a nossa impotência devido a um vírus que pôs o mundo inteiro contra a parede! Com efeito, quantos não devem ter surpreendido em si mesmos – quando o medo os atormentava ou a falta de sentido assumia o controle – o desejo de que alguém tomasse conta deles até o fundo e os arrancasse do nada que pesava, ameaçador!

«O que nos arranca do nada?» Esta é a pergunta que deveria ter guiado os nossos Exercícios Espirituais anuais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, o gesto mais importante na vida da Fraternidade. Se a emergência sanitária nos impôs renunciar a eles – deveriam ter ocorrido no mês de abril, quando estávamos em pleno confinamento –, não extinguiu porém a pergunta, que aliás assumiu, precisamente à luz dos acontecimentos recentes, um peso específico ainda maior. Enviada de antemão a todos aqueles que participariam, para favorecer uma atenção à experiência própria e o amadurecimento de uma contribuição pessoal própria, a pergunta foi recebida a um só tempo como pertinente à experiência da vida – suscitando imediata gratidão – e como um grande gesto de amizade. Isso joga luz também ao sentido da palavra “amizade”: so-

¹ Sl 8,5.

mos amigos para ajudar-nos a não ter medo das perguntas, inclusive as que dão trabalho e inquietam, que ferem e abalam. Nosso estarmos juntos não poderia ser amizade se as deixássemos de lado de algum jeito.

Se falamos de um “nada”, é porque a existência do homem contemporâneo – isto é, nossa existência pessoal e social –, cada vez mais clara e imponentemente, sem tumultos ou declarações específicas, e contudo não sem efeitos visíveis, parece marcada pelo niilismo. Não estamos fazendo alusão a uma corrente cultural, mas a uma situação existencial. É para essa situação que nos interessa olhar, ainda que só em seus traços essenciais, não por um interesse analítico ou descritivo, mas com a paixão de quem deseja descobrir um caminho que permita à vida de cada um de nós caminhar para a própria realização, nas circunstâncias dadas, quaisquer que sejam.

O texto articula-se em seis capítulos e pretende delinear um percurso que, justamente enquanto enraizado numa experiência e numa história, se ofereça como contribuição para a busca e a espera de todos.

CAPÍTULO 1

O NIILISMO COMO SITUAÇÃO EXISTENCIAL

Que características tem o niilismo que, mais ou menos explicitamente, mais ou menos conscientemente, se insinuou em nossa maneira de pensar e de viver?

1. Uma suspeita sobre a consistência da realidade e sobre a positividade da vida

Por um lado, o niilismo de que falamos apresenta-se como uma suspeita sobre a consistência última da realidade: tudo acaba em nada, incluindo nós mesmos. «A partir da percepção vertiginosa da aparência efêmera das coisas, desenvolve-se como sujeição e negação mentirosa a tentação de pensar que as coisas sejam ilusão e nada».²

Por outro lado – em nexos com o primeiro –, apresenta-se como uma suspeita sobre a positividade da vida, sobre a possibilidade de um sentido e de uma utilidade da nossa existência, que normalmente se traduz na percepção de um vazio que ameaça tudo o que fazemos, determinando um desespero sutil, até em vidas atarefadas e cheias de sucessos, com agendas lotadas de compromissos e de projetos para o futuro.

² L. Giussani, *L'uomo e il suo destino*. Gênova: Marietti 1820, 1999, p. 13.

Um conhecido filme dos anos oitenta, *A história sem fim*, faz alusão a essa situação de maneira sugestiva e eficaz. Trata-se do diálogo entre Gmork, o «servo do Poder por trás do Nada» e Atreyu, o jovem herói chamado a deter o Nada. «As pessoas começaram a perder suas esperanças e esquecer seus sonhos. Por isso o Nada se espalha», diz o primeiro. «Que é o Nada?!», pergunta-lhe o segundo. «É o total vazio que nos rodeia. É o desespero que destrói o mundo, e eu tenho tentado ajudá-lo. [...] Pois as pessoas que não têm esperanças são fáceis de controlar, e quem tem o controle tem o poder».³

Em tais metáforas sugestivas expressa-se algo daquela postura que hoje indicamos com a palavra “nihilismo”. Todos podemos reconhecê-lo: o «nada que se espalha» na vida, o «desespero que destrói», «o vazio que nos rodeia», que se torna fenômeno social.

Talvez o fato de termos tido de parar por causa do Coronavírus nos tenha feito refletir, como não ocorria havia tempo, sobre quem somos, sobre como e de que vivemos, sobre que consciência temos de nós mesmos e das coisas. Como disse Tolstói: «Bastaria ao homem de hoje interromper por um instante suas atividades e refletir, comensurar as exigências de sua razão e de seu coração com as condições atuais da existência, para dar-se conta de que toda a sua vida e todas as suas ações estão numa contradição contínua e gritante com sua consciência, sua razão e seu coração».⁴

³ *A história sem fim* (*Die unendliche Geschichte*, RFT 1984), direção e cinegrafia de Wolfgang Petersen.

⁴ L. Tolstói, “Il non agire.” In: Idem, *Il risveglio interiore*. Sassuolo: Incontri, 2010.

Vejam como uma jovem colegial tomou consciência de si ao parar e refletir. Ela escreveu: «Durante a primeira semana de quarentena, acho que vivi, como muitos outros, momentos de grande incômodo. A ideia de ficar fechada em casa sem ver meus amigos e meu namorado ou sem poder sair livremente me aterrorizou. Mas depois fiz uma série de telefonemas que me animaram. Em particular, o telefonema a um amigo que, ao ouvir meu “estou bem, mas não muito”, quis investigar mais a fundo. Conversando com ele percebi que havia tempo eu não me fazia perguntas, deixava tudo passar batido, um pouco por medo, um pouco por não querer chegar a respostas incômodas. Percebi como era estúpido não fazer-me perguntas, sendo que eu não era feliz. Assim comecei a perguntar-me o que é que realmente me dava medo e me dei conta de que o que mais me deixa ansiosa é o silêncio, pois me leva a pensar, me põe diante das minhas perguntas. E o primeiro motivo por que tenho medo de me fazer perguntas é o fato de eu temer não ter respostas. Isto explica por que eu fujo tanto assim do silêncio inevitável que me toma antes de ir dormir. Para evitar ser dominada por ele, deixo minha mente ser invadida por pensamentos de todo tipo, de modo que não me preocupe em lidar comigo mesma, enquanto não chega o momento do sono. Preocupa-me a resposta que certas perguntas possam ter, temo que me obriguem a lidar com partes de mim que não quero conhecer, ou que me façam tomar um caminho trabalhoso. Como disse meu amigo, tenho preferido viver numa bolha de sorrisos, risadas, momentos de mal-estar e de tristeza, todos extremamente desvitalizados e opacos. Vivo num carrossel de emoções que um dia me põe para

cima e no outro me derruba no mais escuro mal-estar; fico exaltada com o tempo em que experimento essas emoções, para depois arquivar tudo na gaveta das “experiências bonitas”. Mas me dou conta de que isso não basta para mim, eu quero muito mais, quero algo que deve ser necessariamente grande, por que – como diz Kierkegaard – “nada de finito, nem sequer o mundo inteiro, pode satisfazer o espírito humano que sente a necessidade do eterno”».

Há algum tempo, a revista *Passos* descreveu o niilismo de que estamos falando como «um inimigo sutil, difícil de perceber e decifrar porque nem sempre se apresenta com traços precisos [...] e muito frequentemente tem a conformação impalpável de um vazio sem fim». ⁵ Impalpável e ao mesmo tempo muito concreto, digo eu. Um amigo universitário identificou-o nestes termos: «O nada é muito mais sutil e rasteiro do que eu imaginava, o pequeno nada cotidiano que muitas vezes ameaça dominar os meus dias».

Tentando focar o máximo possível no problema – que alguns talvez nem vejam ou teimem em não ver –, podemos dizer: a suspeita sobre a falta de consistência do real e a desconfiança na possibilidade de significado e de realização da existência entrelaçam-se e sustentam-se mutuamente nesse niilismo que nos concerne a todos.

A forma atual do niilismo é descritível, em suma, como uma sensação de vazio fora de nós (o contexto

⁵ D. Perillo, “O niilismo da porta ao lado”, entrevista com C. Esposito. *Passos-Litterae communionis*, n. 220, dez. 2019, pp. 8-13. *Passos-Litterae communionis* é a revista mensal do movimento Comunhão e Libertação.

em que estamos vivendo, que às vezes pode traduzir-se na «bolha de sorrisos, risadas, momentos de incômodo e de tristeza, todos extremamente desvitalizados e opacos») e dentro de nós («me dou conta de que isso não basta para mim, eu quero muito mais»); uma sensação de vazio cuja consequência é um enfraquecimento da relação com a realidade e com as circunstâncias, que no fim parecem todas insensatas, imerecedoras de obter de nós um verdadeiro assentimento. Há como que um *torpor* do eu, que freia o envolvimento com o que acontece, mesmo quando estamos presos num turbilhão frenético de atividades; aquelas atividades que repentinamente e por algum tempo foram interrompidas pelo Coronavírus – de modo que, muito ou pouco, todos fomos de algum modo “forçados” a pensar em para onde estamos indo, no que queremos fazer da nossa vida, no que é que efetivamente pode sustentá-la.

Esse frenesi não diminuiu nem durante o confinamento; para muitos simplesmente mudou de forma. Assim, descobrimos, fazendo eco a Lewis, que «o Nada é muito forte: forte o bastante para roubar os melhores anos de um homem não em doces pecados, mas em um *tremeluzir monótono da mente* sobre não se sabe o quê, nem para quê, na gratificação de curiosidades tão frágeis que o homem só está meio consciente delas». ⁶ Penso nas várias tentativas realizadas neste período para não nos determos em questionamentos inquietantes demais, procurando satisfações imediatas num carrossel de solicitações.

Torpor, tremeluzir da mente e, como observa Orwell

⁶ C. S. Lewis, *Cartas do diabo ao seu aprendiz*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 57. Grifos nossos.

em seu profético romance *1984, indiferença*: «Pensou que as únicas características indiscutíveis da vida moderna não eram sua crueldade e falta de segurança, mas simplesmente sua precariedade, sua indignidade, sua indiferença». ⁷ É uma «indiferença» que corrói o íntimo do eu e que escava uma distância, um fosso entre nós e o que acontece: «Não havia nada no meu ambiente que eu pudesse respeitar e que me atraísse», escreveu Dostoiévski. ⁸

Nada, então, parece capaz de empenhar realmente o eu. As relações que temos, as coisas que fazemos aborrecem-nos, mesmo as que por algum tempo nos entusiasmaram.

Este é o rosto que assume hoje o niilismo: uma astenia, uma ausência de tensão, de energia, uma perda do gosto de viver, intimamente ligada à ausência de algo que nos pegue de verdade. «Há mais riquezas, porém menos força; não resta mais uma ideia agregadora; tudo amoleceu, tudo mofou e vai mofar! Todos, todos, todos nós mofaremos!» ⁹

2. A perda de um sentido à altura da vida

Num poema escrito quando tinha apenas dezessete anos, Cesare Pavese exprime a angústia pela perda de um sentido proporcional ao que a vida humana espera: «Andar por entre as ruas solitário / aflito de contínuo

⁷ Cf. G. Orwell, *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 93.

⁸ F. Dostoiévski, *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 62.

⁹ F. Dostoiévski, *O idiota*. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 423-424.

com o terror / de ver desvanecer sob os meus olhos / as vagas criações tão aneladas / sentir arrefecer-se dentro d'alma / o ardor, a esperança... tudo, tudo / ficando pois assim sem um amor, / [...] / condenado à tristeza cotidiana».¹⁰

Meses atrás escreveu-me uma jovem universitária: «No último período, como nunca antes, dei-me conta de que vivo momentos de nada, momentos em que o horizonte da minha vida é caracterizado pela queda do desejo e eu desapareço, vivo pela metade. O nada dentro de mim fala de um jeito delicado, induz-me a me poupar: a poupar minhas energias, porque vale a pena fazer só o que tenho na cabeça sem nem sequer levar em consideração outras propostas; a me poupar nos relacionamentos, porque não vale a pena compartilhar minhas dificuldades. Enfim, induz-me ao mínimo indispensável, e eu me pego cada vez mais árida e descontente. Mesmo nestes últimos dias de novembro, parece que estou vivendo numa atmosfera sepulcral: tendo tantas ocasiões bonitas, desde a relação inesperada com os calouros até a formatura dos amigos mais velhos, com frequência fico fechada em meus pensamentos e em minhas dificuldades. Percebo, então, que estou à mercê do nada, de um mal-estar que não sei explicar».

Alude à mesma experiência o trecho de outra carta, que recebi recentemente: «Estando em casa sem trabalho [por causa do isolamento imposto pela emergência sanitária], comecei a experimentar na pele o que é esse nada a que você se refere. Se este tempo não for preenchido por algo que permanece, fica completamente

¹⁰ C. Pavese, "A Mario Sturani", Monza-Turim, 13 de janeiro de 1926.

vazio e eu sou nada».

Mas não é tudo. Com efeito, acompanha essas características expostas acima também uma sensação de impotência para modificar a conformação que assumimos («a conformação impalpável de um vazio sem fim», dissemos), para levantar-nos, como se não bastassem os esforços nem os estímulos que nos chegam de fora para pôr-nos de pé e resgatar-nos do vazio que sentimos.

É uma experiência dolorosa que une a muitos de nossos contemporâneos: «Na verdade, nada pode impedir o retorno, cada vez mais frequente, desses momentos em que a solidão absoluta, a sensação de vazio universal e o pressentimento de que a existência se aproxima de um desastre doloroso e definitivo se unem para mergulhá-lo num estado de sofrimento real».¹¹ Por isso o Papa Francisco sustenta que hoje «uma grave ameaça [...] é a perda do sentido da vida».¹²

Precisamos de algo que seja capaz de despertar todo nosso ser e nos reabra para a provocação da realidade e das circunstâncias, a fim de podermos «viver sempre intensamente o real».¹³ Entendemos que a mera sucessão das coisas não basta, estamos na situação de quem tenta subir uma ladeira e escorrega de novo para trás, volta ao ponto de partida. Voltamos a cair no nosso nada, não vemos o que pode contrastá-lo e não entendemos de onde partir. Desta forma, ficamos profundamente incomodados com nós mesmos.

É o mal-estar identificado nos jovens – que porém

¹¹ M. Houellebecq, *Extensão do domínio da luta*. Porto Alegre: Sulina, 2002, p. 14.

¹² Francisco, *Audiência geral*, 27 de novembro de 2019.

¹³ L. Giussani, *O senso religioso*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017, p. 167.

se estende a todos – pelo psicanalista Galimberti: «Os jovens não estão bem, mas eles nem entendem o porquê».¹⁴

«Essa frase de Galimberti», escreveu-me um jovem amigo, «me partiu o coração, porque descreve perfeitamente a minha vida neste período. Faz meses que há em mim uma espécie de insatisfação e de tristeza em tudo o que faço. Vejo que essa insatisfação está em tudo, como se sob a máscara dos sorrisos e das mil coisas para fazer reinasse o nada, uma ausência de significado verdadeiro, uma ausência de letícia verdadeira. Faltando o significado, resta só o dever, um “ter de” inútil, que me joga ainda mais para o fundo. Talvez seja esse mesmo o niilismo de que normalmente você nos fala. É um problema que concerne à minha existência. De fato, é como se minha vida agora fosse menos vida. E a primeira prova disso é que tudo o que não ocorre conforme os meus planos vira uma âncora que me afunda. Basta um nada, uma coisinha que não sai como eu queria, e eu desmorono, me rendo, me deixo levar. Perante a realidade fico como que resignado e triste. Apesar das máscaras, da tentativa de fingir que não é nada, do esforço para seguir em frente, percebo que bem no fundo, diante de todas as coisas que me aconteceram e que vejo, fico triste, mas não entendo por quê. Só que alguns anos atrás era o oposto, as dificuldades eram trampolins, não âncoras; agora tento não olhar para a necessidade que tenho no peito, finjo que não está lá, finjo que estou bem, nada mais me

¹⁴ U. Galimberti, “A 18 anni via da casa: ci vuole un servizio civile di 12 mesi”, entrevista de S. Lorenzetto, *Corriere della Sera*, 15 de setembro de 2019.

maravilha. Preciso de algo grande que vença o nada em que caí. Agradeço-lhe a companhia que me vem fazendo ao me desafiar com suas perguntas, e peço-lhe uma ajuda porque preciso recomeçar a me maravilhar, preciso entender o que me acontece durante os dias, porque neste nada eu não quero ficar».

A gente se deixa levar, fixando-se em coisas banais, sem pretensões, para preencher de algum modo o tempo que passa. «O nada não se escolhe, a gente se abandona ao nada»,¹⁵ porque, como dizia Malraux, «não há ideal ao qual possamos sacrificar-nos», com o qual possamos realmente comprometer-nos, «porque de todos nós conhecemos as mentiras, nós que não sabemos o que é a verdade».¹⁶

O niilismo atual, como se vê, já não é o de antigamente, que se batia heroicamente contra os valores; o de hoje não é ambicioso: tem o rosto de uma vida “normal”, mas com um caruncho dentro, pois nada parece valer a pena, nada atrai, nada conquista de verdade. É um niilismo recebido passivamente, que penetra sob a pele e leva a um cansaço do desejo, como um maratonista esgotado um segundo depois da partida. Augusto Del Noce falava de um «niilismo gaio», «sem inquietação», que quer suprimir o «*inquietum cor meum agostiniano*» em prazeres superficiais.¹⁷

¹⁵ C. Fabro, *Libro dell'esistenza e della libertà vagabonda*. Casale Monferrato (AL): Piemme, 2000, p. 28.

¹⁶ A. Malraux, *La tentation de l'Occident*. Paris: Bernard Grasset, 1926, p. 216.

¹⁷ A. Del Noce, *Lettera a Rodolfo Quadrelli*, Inedito, 1984. «O niilismo hoje corrente é o niilismo gaio, é sem inquietude (talvez se poderia defini-lo pela supressão do *inquietum cor meum agostiniano*)».

3. A liberdade diante de uma alternativa

Neste contexto, nossa liberdade está diante de uma alternativa. Perguntemo-nos: podemos limitar-nos a observar com distanciamento o espetáculo do nada que avança em nossa vida, como escreve Houellebecq? «De tocaia na encruzilhada do espaço e do tempo, / observo com olhar frio o avanço do nada».¹⁸

A liberdade também pode decidir não ver e fugir: «Ok, estamos à mercê do nada. E daí? Quem se importa?», na ilusão de estar resolvendo o problema simplesmente ao desviar o olhar. Podemos fazê-lo em qualquer caso. Edgar Morin, um dos mais famosos pensadores europeus vivos, observou perspicazmente: «Compreendi que uma fonte de erros e de ilusões é ocultar os fatos que nos perturbam, anestesiá-los e eliminá-los da nossa mente».¹⁹ É como dizer: vai-se o dente, vai-se a dor; o que os olhos vão veem, o coração não sente. Temos tentado fazer de tudo em tempos de Coronavírus. Se Jó tivesse vivido nesta nossa época, seu amigo Zofar, para consolá-lo das desgraças sofridas, poderia ter-lhe dito: «Nos momentos de isolamento, é preciso distrair-se! Não há analgésico melhor que o prazer!»

Mas será que é verdade? Podemos realmente lograr no intento que Del Noce atribui ao niilismo gaio, isto é, suprimir a inquietude do coração ou, como disse Morin, eliminar da nossa mente o avanço do nada? Cada um de nós olhe para sua própria experiência e julgue. Podemos realmente resolver o problema desta maneira, só virando a cara para o outro lado?

¹⁸ M. Houellebecq, *Cahier*. Milão: La nave di Teseo, 2019, p. 23.

¹⁹ Cf. E. Morin, *Ensinar a viver. Manifesto para mudar a educação*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

Assim como Andrea Momoitio, há quem tenha a sinceridade de confessar a impraticabilidade dessa opção: «Teve um dia conturbado? Não se preocupe, que eu mando uma piadinha besta dessas que não paramos de compartilhar por WhatsApp, mesmo se não vejo graça nelas, mesmo se me sinto uma cínica tentando arrancar um sorriso dos outros enquanto tudo o que quero fazer é assistir a *Hospital Central* [uma série de TV]. Gravo vídeos com minha companheira Andrea Liba, penso em *memes* bobos para postar no Instagram e depois desabo, porque não acredito em nada. Preciso saber que o meu mundo cabe aqui, mas não cabe. [...] Não tenho nada mais que contar, a não ser que estou desesperada, que me custa entender tanta atmosfera positiva e tanto otimismo, tantas chamadas de Zoom, tantas mensagens, tantos aplausos e tantas besteiras. [...] Só me resta aprender a viver com esta raiva. Esta raiva que me invade e pela qual não sei a quem culpar».²⁰ De modo igualmente sincero, Sol Aguirre confessou ter elaborado uma receita cuja inconsistência ela mesma reconhece: «E aqui estou, falando besteiras, [...] caso alguma delas desencadeie um sorriso onde antes se franzia o cenho. O riso, de novo, como antídoto para uma realidade escura demais. O riso, desprezado às vezes, sempre é o meu remédio».²¹

O fato é que queremos viver intensamente e que, como escreveu Simone Weil, «ninguém [...] se contenta pura e simplesmente com viver [...]. Queremos viver por alguma coisa».²² Mais uma vez, Dostoiévski adverte-nos: «Pode-se errar nas ideias, mas não é pos-

²⁰ A. Momoitio, *Público*, 10 de abril de 2020.

²¹ S. Aguirre, *El Español*, 3 de abril de 2020.

²² S. Weil, *L'amore di Dio*. Turim: Borla, 1979, p. 78.

sível enganar-se com o coração ou desviar a própria consciência por erro.»²³

Se não é possível errar com o coração, o que isso implica?

Podemos até decidir não levar em consideração, removendo-o, o nosso mal-estar – ou seja, o problema daquele nada que corrói os nossos dias –. Mas, eis a surpresa, a dor continua. E como! A inquietude do coração pode ser coberta, não suprimida; a insatisfação pode ser dissimulada, não eliminada. Há algo em nós que no fim das contas não pode ser calado. Apesar das máscaras que usamos e da tentativa de fingir que não é nada, esforçando-nos para seguir em frente, ficamos tristes e tudo é como um jugo que nos oprime. Muito diferente de “vai-se o dente, vai-se a dor”! A dor continua. Por quê? Porque há em nós algo que resiste e se faz sentir. «Algo havia em meu íntimo, no fundo do meu coração e da minha consciência, que não queria morrer e se expressava numa angústia abrasadora.»²⁴

O que é que resiste? Escreve-o Houellebecq na carta a Bernard-Henri Lévy que citei outras vezes por me parecer testemunhar exemplarmente a dinâmica humana que estamos descrevendo: «Para mim é penoso admitir que cada vez mais senti o desejo de ser amado. Um mínimo de reflexão convencia-me [...], toda vez, do disparate de tal sonho [...]. Mas a reflexão não podia fazer nada, o desejo persistia, e tenho que confessar que persiste até hoje».²⁵

Então não nos enganemos nem deixemos que ninguém nos engane, dizendo que é só olhar para o outro

²³ F. Dostoiévski, *Lettere sulla creatività*. Milão: Feltrinelli, 1991, p. 55.

²⁴ F. Dostoiévski, *Memórias do subsolo*, op. cit., p. 124.

²⁵ F. Sinisi, “Michel Houellebecq. ‘A vida é rara’”. *Passos-Litterae communionis*, n. 216, ago. 2019, p. 33.

lado para “resolver” o problema da vida: o niilismo encontra um ponto de resistência antes de tudo em nós mesmos. E precisamos prestar atenção a ele.

Diante do desafio do Coronavírus, Isabel Coixet teve de admitir sua impotência: «Tudo o que dávamos por óbvio não existe mais. E o que se abre diante de nós é uma densa névoa, carente de luz. Reconheço que não sei viver esta hora, estes minutos que se estão tornando eternos».²⁶ A cineasta espanhola reconhece que não consegue lidar com o que lhe vem acontecendo, a ela e a nós, e isso lhe causa um mal-estar que transforma os minutos que passam num pesadelo que parece não ter fim. Sol Aguirre, por sua vez, descreve a experiência do isolamento: «Durante a primeira semana de confinamento, tive medo. Não só pelo vírus, mas também pela possibilidade de que a tristeza me visitasse. Refiro-me a esta tristeza insuportável, duradoura, que turva a vista e a vida. Não o confessei a ninguém, porque já sei o que me diriam: você é alegre, tem projetos, cria soluções».²⁷

4. O caráter inextirpável do desejo

O que é que se evidencia nessas reações, nessas confissões sinceras e transparentes? A permanência daquela estrutura original do eu humano a que pertence o desejo de realizar-se, de ser amado e de amar, de conhecer o significado exaustivo de si e da realidade. É espantoso vê-la aparecer em alguém como Houellebecq. Não temos poder sobre a direção última do nosso desejo, sobre a tensão que

²⁶ I. Coixet, *ABC*, 31 de março de 2020.

²⁷ S. Aguirre, *El Español*, 10 de abril de 2020.

atravessa profundamente o nosso ser. É a isto que Santo Agostinho deu voz de maneira inesquecível: «*Feciste nos ad Te, Domine, et irrequietum est cor nostrum donec requiescat in Te*». ²⁸ É esse tecido original do coração o que se anuncia, em sua irreduzibilidade, talvez sob outra alcunha, no fundo mesmo do niilismo, transformado hoje em hábito cultural e fenômeno social.

Qual é então o primeiro passo de quem não quer viver fugindo de um problema que não sabe resolver? Reconhecer, exatamente neste contexto de falta de sentido, que há algo irreduzível e inextirpável que resiste ao niilismo e a todo e qualquer cinismo racionalista. O que é que resiste? O meu eu, irreduzível.

Se prestar atenção, devo reconhecer a persistência de uma estrutura elementar do meu eu, de mim, por mais que eu sofra a falta de sentido em que estou afundado, falta essa que há algum tempo já se tornou “clima”, “cultura”. Quanto mais o nada se espalha, mais as feridas e as expectativas da nossa humanidade vêm à tona com toda a sua força, não mais cobertas pelas dialéticas culturais e pelos projetos coletivos, que já não têm apelo para nós: são expectativas e feridas que emergem em sua face mais elementar, sem a armadura de muitos discursos. «Algo havia em meu íntimo [...] que não queria morrer», disse Dostoiévski. E Chesterton observa: «Quando você naufraga de verdade, você encontra de verdade o que precisa». ²⁹

Nós o vimos de maneira surpreendente com a explosão da epidemia do Coronavírus: despertados de nosso

²⁸ Santo Agostinho, *Confissões*, I, 1. «Criaste-nos, Senhor, para Ti, e nosso coração está inquieto enquanto não descansar em Ti.»

²⁹ G. K. Chesterton, *Le aventure di un uomo vivo*. Milão: Mondadori, 1981, p. 62.

torpor, apareceram as perguntas. Maurizio Maggiani, entrevistado da *Passos*, afirma: «Estávamos numa época que parecia acabar ali, em que nada mais podia acontecer, tudo tinha uma lógica própria, inatacável. O sistema não podia ser arranhado. [...] Mas um movimento sísmico ondulou essa vastidão imóvel, transformando-a numa paisagem perturbadora». Qual foi o primeiro resultado desse terremoto? As perguntas. «Precisamos fazer-nos perguntas, porque nos colocam num espaço menos apertado, nos tiram das grades da prisão à qual nos confinamos. [...] No tumulto, no nosso caos, podemos conduzir-nos à razão, à condição de adultos. Como? Justamente perguntando. Fazendo perguntas.» Diante das perguntas, aplaca-se «toda a insolência e a soberba»,³⁰ que tantas vezes nos acompanham.

Desafiados por uma circunstância vertiginosa, as perguntas abriram brechas nos muros da zona de conforto em que nos havíamos refugiado. Rompeu-se a bolha: «Vivemos tempo demais anestesiados», diz Nuria Labari, «fazendo parte de um sistema errado demais em seus fundamentos».³¹ Vivemos na pele aquilo que Giussani afirma no décimo capítulo de *O senso religioso*: «Um indivíduo que tenha vivido pouco o impacto com a realidade, porque, por exemplo, teve pouco com que se esforçar para realizar, terá um escasso sentido da própria consciência, perceberá menos a energia e a vibração da sua razão».³²

³⁰ Cf. M. Maggiani, “A mudança da vida”, entrevista concedida a Alessandra Stoppa. *Passos-Litterae communionis*, n. 224, mai. 2020, pp. 11-12.

³¹ N. Labari, *El País*, 18 de março de 2020.

³² L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 155.

Há momentos em que a realidade nos bate com tanta força, que é muito difícil atenuar seu golpe, evitar ou ignorar sua provocação. O que aconteceu despertou nossa atenção – com o concurso da nossa liberdade –, pondo em marcha a nossa razão, liberando as exigências de sentido que lhe exprimem a natureza. Refiro-me àquela urgência por significado que nos constitui e que o impacto – aceito – com a realidade nua e crua trouxe de volta à tona de maneira imponente. Foi neste sentido que falamos de um «despertar do humano».³³

5. Um grito que implica a resposta

Quanto mais o niilismo avança, mais fica insuportável viver sem um sentido, mais se faz sentir o desejo indestrutível de sermos queridos, de sermos amados.

É o que se dá com o «filho pródigo»³⁴ de que fala o Evangelho: quanto mais se afunda, mais aumenta surpreendentemente nele a saudade de seu pai. Mas até quem acha que não tem um pai se dá conta de que o desejo de ser amado persiste, irreduzível, como descrevia a carta de Houellebecq a Bernard-Henri Lévy. Esse desejo não diminui, não se apaga. «Nossa época é desconfiada em relação às palavras, foge dos dogmas. No entanto, conhece o significado do desejo.»³⁵ Acerca disso, Tchekhov observa que, para compreender quem se tem diante, o ponto a ser olhado é seu desejo: «Quando, em outros

³³ Cf. J. Carrón, *O despertar do humano. Reflexões de um tempo vertiginoso*. E-book disponível em portugues.clonline.org.

³⁴ Lc 15,11-32.

³⁵ E. Varden, *La solitudine spezzata. Sulla memoria cristiana*, Magnano (Bi): Edizioni Qiqajon - Comunità di Bose, 2019, p. 143.

tempos, dava-me na veneta compreender alguém ou a mim mesmo, eu examinava não as ações [como normalmente somos tentados a fazer, principalmente com nós mesmos: com moralismo ferrenho, facilmente detemos o olhar no que erramos, para depois nos condenarmos], em que tudo é convencional, mas os desejos». ³⁶ É o que faz Jesus: o que ele olha na Samaritana? Seu desejo. Ele dirige-se à sede daquela mulher: «Eu tenho uma água, uma água nova, diferente, a única que satisfaz a tua sede». ³⁷ Neste sentido, Tchekhov conclui: «Dize-me o que desejas, dir-te-ei quem és». ³⁸

Nosso desejo, o que autêntica e profundamente queremos, identifica o rosto último do nosso eu. Giussani dizia: «Acho que esse meu contínuo chamado para o desejo, que vem da experiência da minha vida, [...] seja uma das coisas que torna mais simpático [mais interessante] o que digo, porque é uma coisa evidentemente humana, mas ao mesmo tempo é a coisa menos aceita de todas». ³⁹ De fato, muitos gostariam de sufocá-la, olhar para o outro lado, desprezá-la.

Como viver nesta situação? De onde partir para reconquistar a vida que corremos o risco de perder? Esta pergunta exprime uma urgência existencial, é como um espinho na carne. Por causa da irreduzibilidade do desejo, que resiste apesar da difusão do nada e que dramatiza a vida fazendo a pergunta arder ainda mais,

³⁶ A. Tchekhov, “Uma história enfadonha.” In: Idem, *O beijo e outras histórias*. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 177.

³⁷ Cf. Jo 4,4-42.

³⁸ A. Tchekhov, “Uma história enfadonha”, op. cit., p. 177.

³⁹ Fraternidade de Comunhão e Libertação (FCL), *Documentação audiovisual*. Dia de meditação para os casais, Milão, 23 de janeiro de 1977.

estamos numa encruzilhada: ou resignar-nos olhando para o outro lado, fingindo que não é nada e enganando-nos a nós mesmos, ou então ir atrás da urgência do coração, que ninguém pode apagar, deixando que nosso desejo grite. Podemos reconhecer o real, começando pelo nosso incômodo, e gritar nossa sede de um significado exaustivo, de uma satisfação total.

Mas... é razoável gritar se, no fim, não há nada? Às vezes nos descobrimos desencorajados, cansados de gritar. Outras vezes prevalece a dúvida se vale a pena gritar. A razão desse desencorajamento e dessa dúvida é que damos por óbvia a existência do grito do coração, do desejo que resiste a qualquer niilismo. Mas a existência do grito, da pergunta, do desejo, é a coisa menos óbvia que há. Tão logo refletimos sobre isso, já começamos a nos maravilhar com sua existência. Ora, o que a existência do grito implica?

Se há o grito, há a resposta. Uma afirmação do gênero às vezes nos é difícil de entender e aceitar. O motivo é aquele: nós damos o grito por óbvio. Usando até o fundo a razão, fiel ao que emerge na experiência, Giussani indica uma lei permanente: «A afirmação da existência da resposta» está «implicada no próprio fato da pergunta».⁴⁰ Por mais misteriosa que seja, a resposta existe, está implicada na pergunta (nesse sentido, na entrevista citada, Maggiani observa que a resposta «já está na pergunta»⁴¹). De fato, insiste Giussani, «suprimiremos a pergunta se não admitirmos a existência de uma resposta».⁴²

⁴⁰ L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 91.

⁴¹ M. Maggiani, “A mudança da vida”, op. cit., p. 11.

⁴² L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 90.

O eu de cada um de nós «é fome, sede, paixão por um objeto último que paira no seu horizonte, mas está sempre para além desse».⁴³ A exigência de significado, de amor, de realização, é afirmação implícita «de uma resposta última que está *além* das modalidades existenciais experimentáveis», mas existe. Por que sei que existe? Porque – repito – sua existência está implicada no próprio dinamismo da minha pessoa, na estrutura de exigência da minha humanidade. «Se fosse eliminada a hipótese de um “além”, aquelas exigências seriam sufocadas de modo não natural.»⁴⁴

A pergunta por um significado exaustivo e de explicação total é constitutiva da nossa razão, é sua expressão suprema. O fazê-la, por si só, já nos “obriga” a afirmar a existência da resposta, embora além do horizonte daquilo que nós medimos. «Essa explicação [a razão, o eu] não pode ser encontrada dentro do horizonte da nossa experiência de vida [...]. Se quisermos salvar a razão, isto é, se quisermos ser coerentes com essa energia que nos define, se não quisermos renegá-la, o seu próprio dinamismo nos obrigará a afirmar a resposta exaustiva *para além* do horizonte da nossa vida.»⁴⁵ Ela não coincide com nada do que consigo agarrar, não sei o que é, mas sei que existe. Caso contrário não haveria o grito, não explicaríamos a existência da pergunta.

⁴³ Ibidem, p. 81.

⁴⁴ Ibidem, p. 176.

⁴⁵ Ibidem, p. 178. Poucas linhas depois, na mesma página, Giussani prossegue: «O ponto culminante da conquista da razão é perceber que existe um desconhecido, inatingível, ao qual todos os movimentos do homem se destinam, porque dele dependem. É a ideia de *mistério*».

Quando abolimos a categoria da possibilidade, que é o tecido mesmo da razão, quando, pela dificuldade de afirmar a resposta, por causa de sua irreducibilidade ao horizonte do que é tangível, dizemos: «Não existe, não é possível que exista», renegamos a razão em sua própria essência, deprimimos seu dinamismo vital. Se eu estivesse perdido numa floresta, gritar por socorro seria o gesto mais razoável. Mas gritar implica a possibilidade de haver alguém que escute meu grito. Por mais remota que seja, com efeito, nunca posso excluir de maneira absoluta a possibilidade de que outra pessoa me escute – possibilidade que mete à existência de outrem –. Senão seria absurdo gritar.

Nesse sentido, deixar de admitir a existência da resposta significaria negar a pergunta – que porém existe –, renegar o ímpeto da razão, trair o impulso do desejo. Pois bem, é esta “irracionalidade”, este “desespero”,⁴⁶ aquilo pelo qual o homem contemporâneo – cada um de nós – é fortemente tentado, devido às dificuldades que encontra ao longo do caminho.

6. Um «tu» que acolha o grito

O grito – como expressão da urgência de sentido da razão, do desejo de realização do coração – pertence à natureza do ser humano; pode ser atenuado, enfraquecido, contrastado, mas não erradicado, nem por nós mesmos nem pelos outros; fazê-lo não está em nossas mãos. Ele é «o maior sinal da magnitude e da nobreza

⁴⁶ Cf. *ibidem*, pp. 98-100.

da condição humana»,⁴⁷ escreve Leopardi. Decerto, de várias maneiras somos tentados a não levá-lo em consideração e frequentemente constatamos o quanto é difícil abrir-se e manter-se fiel a toda a sua amplitude. Em alguns momentos do confinamento, como muitos testemunharam, nós o sentimos aflorar com mais nitidez, com maior inexorabilidade. Em outros momentos ele é como uma fome que tende a regredir com a dificuldade de encontrar o alimento que a satisfaça ou como uma busca que se arrefece por não enxergar indícios do que procura.

E quando é que a pergunta se desperta em todo o seu alcance? Quando encontramos na nossa frente uma presença que responde, uma presença à altura da nossa exigência de totalidade. Não é difícil imaginar, então, como deve ter-se alçado forte e incontido o grito do cego Bartimeu quando soube que se estava aproximando um homem de quem ouvira dizer que respondia à pergunta profunda da vida dos homens.

«Foram então a Jericó, e quando Jesus estava saindo da cidade com os seus discípulos e uma grande multidão, um mendigo cego, Bartimeu, filho de Timeu, estava sentado à beira do caminho. Ouvindo que era Jesus, o nazareno, começou a gritar [grita-se para alguém. Muita gente deve ter passado ao lado de Bartimeu, mas só quando ouviu falar daquele homem, alguém com nome e sobrenome, é que começou a gritar]: “Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!” Muitos o repreendiam para que se calasse, mas ele gritava mais alto ainda: “Filho de Davi, tem compaixão de mim”. Jesus

⁴⁷ G. Leopardi, “Pensamentos”, LXVIII. In: Idem, *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 497.

parou e disse: “Chamai-o!” Então chamaram o cego, dizendo: “Coragem, levanta-te! Ele te chama!” O cego jogou o manto fora e, com um pulo, foi até Jesus. Este lhe perguntou: “Que queres que eu te faça?”⁴⁸

Desde então, desde que Jesus irrompeu na história, há no horizonte de vida dos homens uma Presença a quem gritar, Alguém que, diante do grito de cada um de nós, nos pergunta: «Que queres que eu te faça?» Há Alguém que abraça o nosso grito, uma Presença que ninguém mais pode eliminar, pois é um Fato que aconteceu e que acontece, que permanece na história. A possibilidade de encontrá-lo nos é dada a cada um de nós. Qualquer que seja a situação em que estejamos, a aridez ou o cansaço que sintamos, a incapacidade de sermos tomados pelas coisas ou o nada que nos assalta, nada poderá evitar – qualquer que seja a posição que decidamos assumir – sermos alcançado, ouvirmos ecoar, retumbar a pergunta de Cristo como dirigida pessoalmente a nós: «Que queres que eu te faça?» E nada pode impedir-nos de responder como o cego Bartimeu: «Rabuni, que eu veja»,⁴⁹ que eu possa ver, ou seja, experimentar a Tua atratividade que me arrasta para fora do nada.

A companhia cristã é constituída por aqueles que, assim como Bartimeu, identificaram e acolheram essa Presença capaz de receber o grito da nossa humanidade, despertando um último e irredutível amor a nós mesmos, uma ternura de outra forma impensável por nós, e sustentando o nosso caminho humano para que este não caia no nada.

⁴⁸ Mc 10,46-51.

⁴⁹ Mc 10,51.

CAPÍTULO 2

«COMO PREENCHÊ-LO, ESTE ABISMO DA VIDA?»

A pergunta que pusemos no centro da nossa atenção é fundamental: «O que nos arranca do nada?» Como podemos, no drama inevitável da vida, deixar de sucumbir à nossa vulnerabilidade e à nossa impotência? O que pode responder ao vazio de sentido? O choque provocado pelo Coronavírus, que abalou a cada um de nós fazendo-nos temer pela própria vida, tornou ainda mais aguda a pergunta, lançando-nos nas condições de examinar com maior clareza as tentativas de resposta.

1. Tentativas insuficientes

a) Argumentos que não convencem mais ninguém

Creem alguns que basta *um discurso* para vencer o desafio do avanço do nada. Mas os meros discursos, como nos mostra a nossa experiência, não são suficientes. Um pensamento, uma filosofia, uma análise psicológica ou intelectual não são capazes de voltar a pôr o humano em movimento, de dar mais fôlego ao desejo, de regenerar o eu. As bibliotecas estão cheias disso, e com a Rede tudo está ao alcance das mãos, mas mesmo assim o nada se espalha. Quanto mais se presta atenção ao que se agita no íntimo, mais se toma consciência

de tal insuficiência. «Está em jogo no ser humano algo que é obscurecido, suprimido, ignorado, distorcido. Como penetrar em tal couraça, e como saber se é esta a sua aspiração última? Comprometidos no estudo do comportamento humano, a miúdo negligenciamos a confusão humana.»⁵⁰

Quantas palavras, das que temos ouvido e até dito, ecoam em falso! Shakespeare denuncia-o com seu estilo incisivo: «Sabe dizer o maior número de ninharias. Seus raciocínios são como dois grãos de trigo perdidos em dois alqueires de palha miúda; terias de os procurar um dia inteiro para encontrá-los, e, quando os tivesses achado, não valeriam o trabalho que deram para ser procurados».⁵¹ A razão pode rodar em falso com argumentações privadas de conteúdo real. «A inteligência [...] está sempre tentada a desviar-se para um jogo de conceitos pelos quais pode deixar-se fascinar sem se dar conta de ter assim rompido o laço que a une ao real.»⁵²

Em suma, não basta propor conceitos, por mais corretos e justos que sejam: não é isso o que pode conquistar a vida e matar a sede que a caracteriza. Não é sequer um «discurso religioso» – «uma súpula de várias ideias desarticuladas que não conseguirão mobilizar os outros»⁵³ – o que pode atrair o homem de hoje. Não é suficiente ter uma visão religiosa, falar de Deus, da transcendência ou do divino para sair do pântano do niilismo. Uma pessoa pode ser culturalmente religiosa

⁵⁰ A.J. Heschel, *Chi è l'uomo?*. Milão: SE, 2005, p. 18.

⁵¹ W. Shakespeare, *O mercador de Veneza*, Ato I, Cena I. São Paulo: Martin Claret, 2013, p. 21.

⁵² F. Varillon, *L'umiltà di Dio*. Magnano: Qiqajon - Comunità di Bose, 1999, p. 30.

⁵³ Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 147.

ou até cristã e experimentar o vazio existencial, até o desespero, independentemente das palavras ditas ou dos valores proclamados. Não serão as pregações abstratas e moralistas – religiosas ou leigas – que vão arrancar-nos do nada. Por isso, Evdokimov escreve: «Os discursos já não bastam, o relógio da história marca a hora em que já não é só questão de falar do Cristo, mas sim de *tornar-se Cristo*, lugar de sua presença e de sua palavra».⁵⁴ Os conceitos, mesmo quando são todos perfeitos, não conseguem produzir sequer um fragmento do que pode vencer o nada. A gnose, em qualquer versão, não pode competir contra o niilismo existencial, concreto. E não adianta mudarmos os conceitos e aumentarmos nossos conhecimentos intelectuais para escapar disso.

Dostoiévski expressa a seu modo a intransigência ante uma fala vazia de experiência real: «Toda essa conversa fiada para autodeleite, todos esses lugares-comuns incessantes, sem fim, toda essa lengalenga, esse chover no molhado já saturou tanto [...] que, juro, fico vermelho não só de falar neles como de ouvi-los».⁵⁵ Mas a razão de tal intransigência – que na nossa época se tornou invasiva e que nós mesmos experimentamos em primeira pessoa – é indicada por Von Balthasar: «Num mundo que já não se crê capaz de afirmar o belo, os argumentos a favor da verdade esgotaram sua força de conclusão lógica: os silogismos rodam conforme ritmos prefixados, como máquinas rotativas ou calculadoras eletrônicas que devem expelir um deter-

⁵⁴ P.N. Evdokimov, *L'amore folle di Dio*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2015, p. 63.

⁵⁵ F. Dostoiévski, *Crime e castigo*. São Paulo: Editora 34, 2001, p. 162.

minado número de dados por minuto, mas o processo que leva à conclusão [desses raciocínios, desses silogismos] é um mecanismo que já não convence ninguém, e a conclusão mesma já não conclui». ⁵⁶ Até podemos dizer coisas verdadeiras, mas, na medida em que elas não acontecem diante dos nossos olhos como uma beleza concreta que atrai – «*pulchritudo est splendor veritatis*», ⁵⁷ a beleza é o esplendor da verdade, afirma Santo Tomás –, não convencem mais ninguém, nem a nós nem aos outros. Com efeito, diz ainda Von Balthasar, «se ao *verum* falta aquele *splendor* que para Tomás constitui o distintivo da beleza, então o conhecimento da verdade permanece tanto pragmático quanto formalista». ⁵⁸

b) Uma multiplicação de regras

Outros pensam que o antídoto para o niilismo existencial seja uma ética. Multiplicam-se assim os apelos ao dever, às “coisas para fazer”, que podem até produzir obediência, obséquio, em virtude da própria sobrevivência e das diversas conveniências, mas não respondem minimamente ao incômodo do eu, à sua urgência de sentido. «Faltando o significado, resta só o dever, um “ter de” inútil, que me joga ainda mais para

⁵⁶ H.V. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, vol. I. Milão: Jaca Book, 2005, p. 11.

⁵⁷ «*Pulchritudo consistit in duobus, scilicet in splendore, et in partium proportione. Veritas autem habet splendoris rationem et acqualitas tenet locum proportionis*» (Santo Tomás, *Commentum in Primum Librum Sententiarum*, distinctio III, quaestio II, expositio primae partis).

⁵⁸ H.V. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, op. cit., p. 138.

o fundo»,⁵⁹ dizia nosso amigo citado anteriormente. É uma percepção bem expressa por Tolstói: «Depois de um despertar como esse, Nekhliúdob sempre estabelecia regras que tencionava seguir, dali em diante, e para sempre: escrevia um diário e começava uma vida nova, que tinha esperança de nunca mudar – *turning a new leaf* [abrir uma página nova] – como dizia para si. Mas toda vez [...] recaía de novo, e muitas vezes mais baixo do que estivera antes».⁶⁰ A ética, ainda quando é compartilhada, não é suficiente. E novamente Von Balthasar revela-nos a razão profunda: «Se ao *bonum* falta aquela *voluptas* [aquele fascínio que atrai nossa pessoa e permite uma experiência de plenitude, de gozo] que para Agostinho é o sinal de sua beleza, então a relação com o bem permanece utilitarista e hedonista».⁶¹

Todos conhecemos a fragilidade de qualquer tentativa de depositar a resposta à sede de realização, de plenitude, num esforço moral, numa medida do próprio compromisso. Contudo, se depois de adultos nos acostumamos a conviver com a incapacidade que projetos, programas de vida e “coisas para fazer” têm em satisfazer a exigência que vem do fundo de nós, nos jovens a percepção do vazio e a fome de sentido são ardentes – mesmo quando são dissimuladas – e procuram de algum jeito, ainda que contraditoriamente, opções de satisfação ou de fuga. Num artigo publicado há alguns meses no *Corriere della Sera*, intitulado “Frágeis e sós, assim caem os nossos jovens”, Susan-

⁵⁹ Ver aqui, p. 13.

⁶⁰ L. Tolstói, *Ressurreição*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 108.

⁶¹ H.V. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, op. cit., p. 138.

na Tamaro escreveu: «Não há fim de semana que não traga a triste notícia de grupos de amigos que perdem a vida em acidentes de carro ao fim de uma noite desenfreada na balada. Para tentar conter essa trágica realidade, evocam-se novas estratégias: mais fiscalização, bafômetros na saída dos estabelecimentos, meios de transporte que possam levar os jovens sãos e salvos para casa. Intervenções certamente necessárias, e em parte protetoras, mas que não são muito diferentes de querer demarcar um abismo com arame farpado. Alguns com certeza se salvariam, mas o abismo continuaria lá do mesmo jeito [...]. O que me espanta é que ninguém, depois desses eventos repetidos, pare e diga: o que é que está acontecendo?»⁶²

Diante do abismo existencial, não se pode achar que a solução seja o «arame farpado». Para preservar a vida do vazio, não bastam as regras, as estacas, os limites. Não pode ser esta a resposta ao mistério do nosso ser, e a experiência nos dá contínua confirmação disso. As coisas não mudam nem se apelamos, com mais refinamento, àquilo que os gregos chamavam de «justa medida», uma ética do limite que nos protege de impulsos, aspirações e desejos demasiado grandes. «Eu gostaria que essa cultura do limite – escreveu Galimberti – fosse recuperada pela nossa cultura, que não conhece limites ao desejo.»⁶³

Seria então o desejo um defeito que corrigir? Perante sua imensidão e seu excesso, que não nos dão trégua,

⁶² S. Tamaro, “Fragili e soli, così cadono i nostri ragazzi”, *Corriere della Sera*, 18 de outubro de 2019.

⁶³ U. Galimberti, “Il greco senso della misura”, *D la Repubblica*, 16 de novembro de 2019, p. 182.

desde os gregos até nossos dias parece que a única estratégia seja a de redimensioná-lo. Mas essa luta mais ou menos obstinada para reduzi-lo dentro de limites aceitáveis é a confirmação mais evidente de sua imensidão estrutural, de sua inquietante exorbitância. O fracasso de toda e qualquer tentativa de frear o desejo pondo limites, impondo regras, demonstra a irreduzibilidade dele, torna visível a permanência no fundo do nosso ser do *cor inquietum* agostiniano.

c) *Nivelar por baixo o desejo*

As tentativas de redução e de mascaramento do desejo são contínuas e capilares, comenta Luisa Muraro. «A objeção e o engano vêm com a automoderação: que nos contentamos com pouco. O engano começa quando começamos a subestimar a enormidade das nossas necessidades e passamos a pensar que precisamos comensurá-las às nossas forças, que naturalmente são limitadas.» Por conseguinte, conformamo-nos «a desejos falsos como os da publicidade, assumindo como horizonte resultados quaisquer; já não nos ocupamos de nossos verdadeiros interesses, já não fazemos o que nos interessa de verdade, já não buscamos nossa conveniência» autêntica. «Na prática, acaba que nos esforçamos mais para ganhar menos.»⁶⁴ Nivelamos por baixo nosso desejo, tentando enganar nosso coração. Escreveu-me um rapaz: «Acho difícil viver à altura do meu desejo e muitas vezes jogo na baixa, e me contento com muito menos». Montale dizia: «Preenche-se o

⁶⁴ L. Muraro, *Il Dio delle donne*. Milão: Mondadori, 2003, pp. 31-32.

vazio com o inútil». ⁶⁵ «Não se pode matar o tempo sem ocupá-lo com atividades que preencham esse vazio. E já que poucos são os homens capazes de olhar fixamente para esse vazio, eis a necessidade social de fazer algo, ainda que esse algo sirva apenas para anestesiar a vaga apreensão de que esse vazio se reapresente em nós». ⁶⁶

Há algo hoje mais decisivo do que descobrir o tecido original do nosso desejo? «O mais importante que temos de levar em conta – observa De Lubac – não é o tributo que cada um paga, mais onerosamente ou menos, à fraqueza humana, e sim a natureza e o alcance de seu desejo.» ⁶⁷ A ameaça mais insidiosa do nosso tempo é justamente o desconhecimento da autêntica estatura do desejo humano; um desconhecimento que pode seguir diversos caminhos e ser incentivado de várias maneiras por quem tem interesse em controlar a vida dos outros.

Lewis, com sua habitual sagacidade, põe na boca do diabo este conceito: «Os gostos e impulsos mais profundos de qualquer homem constituem a matéria-prima, o ponto de partida, com os quais o Inimigo [Deus] o guarneceu. Afastá-los dele é portanto, sempre, um ponto ganho; mesmo em coisas diferentes é sempre desejável substituir os padrões do mundo, ou a convenção, ou a moda, pelos gostos e desgostos reais do próprio humano». ⁶⁸ Esta é a tática diabólica: afastar-nos dos nossos impulsos mais profundos, dos nossos

⁶⁵ E. Montale, *Nel nostro tempo*. Milão: Rizzoli, 1972, p. 18.

⁶⁶ E. Montale, “Ammazzare il tempo”. In: Idem, *Auto da fê*. Milão: Il Saggiatore, 1966, p. 207.

⁶⁷ H. de Lubac, “Ecclesia Mater”. In: Idem, *Meditazione sulla Chiesa*, v. 8 – *Opera omnia*. Milão: Jaca Book, 1979, p. 188.

⁶⁸ C.S. Lewis, *Cartas do diabo ao seu aprendiz*, op. cit., p. 61.

desejos constitutivos, distraíndo-nos. Mas a distração, usada por qualquer poder para separar-nos de nós mesmos, mostra sua insuficiência assim que a realidade volta a abalar-nos, como vimos nestes tempos de Coronavírus, furando a bolha dos enganos costumeiros. Com a distração, para usar uma frase do *rapper* Marracash que parece um epitáfio, «preencho o tempo, mas não o vazio». ⁶⁹

2. A nossa humanidade

Se não ocorre algo capaz de conquistar até o fundo o nosso ser, redespertando um interesse pela totalidade da realidade, tudo se torna estranho, como diz Joseph Roth: «A estranheza crescia ao redor de cada um deles, cada um se sentava como que fechado numa esfera de vidro, olhava para o outro e não o alcançava». ⁷⁰ Mas nem os meros discursos, sejam leigos ou religiosos, nem os apelos ao dever, às «coisas para fazer», inclusive em nome da religião, conseguem resgatar-nos até o fundo da astenia do desejo e do torpor do interesse que já mencionamos a seu tempo.

A carta que um jovem amigo me escreveu ilustra isso: «Descubro em mim que a maior tentação é achar que já sei a resposta a esta pergunta: “O que nos arranca do nada?” Mas nos fatos estou sempre à beira do nada. Todas as coisas, inclusive minha namorada ou

⁶⁹ “TUTTO QUESTO NIENTE - Gli occhi”, de Marracash, 2019, © Universal Music.

⁷⁰ J. Roth, *Lo specchio cieco*. In: Idem, *Il mercante di coralli*. Milão: Adelphi, 1981, p. 63.

o estudo, até minha formatura podem ficar tediosas, todas iguais e de certo modo distantes [insuficientes para preencher o desejo]. Só depois me dou conta dessa indiferença [da qual nem os afetos escapam] e, quanto mais olho para ela, mais me parece entrar em contradição com o que acho que sei. Percebo que estou rodeado pelo nada, até mesmo quando estou falando com meus colegas de curso: a conversa que se dá entre nós vive a reboque do nada, passamos de um assunto a outro sem nem lembrar-nos do que estávamos falando antes. Mas há uma coisa que entendo, em momentos assim, e é que eu não fui feito para o nada. Tenho necessidade de não jogar conversa fora, preciso de algo que me pegue e me arranque do nada, mas parece que o mero dar-me conta disso não é suficiente para identificá-lo».

No entanto, exatamente no dar-se conta de não ter sido feito para o nada há um elemento decisivo, indispensável, no caminho para identificar o que nos arranca do nada: a descoberta da própria aspiração humana, da própria humanidade.

E o que é essa nossa humanidade, que não se deixa enganar, com que não podemos brincar, à qual não podemos dar uma resposta qualquer, escolhida arbitrariamente? O engano e a distração abafam o mal-estar, mas não nos arrancam do nada. Embora ferida, grosseira, bagunçada, nossa humanidade não se deixa confundir, não se deixa enganar pelo primeiro que passa, e esse é o sinal de que está menos bagunçada do que parece. Conquanto às vezes, por falta de lealdade ou de atenção ou de moralidade última, vamos atrás do que não é verdadeiro e nos deixemos levar, cedo ou tarde a humanidade que há em nós nos faz perceber que seguimos uma grande ilusão, como dizia o título de um

livro de François Furet, *O passado de uma ilusão*, em referência à ilusão do comunismo.

Nossa humanidade constitui uma barreira crítica que em última instância é inevitável, e descobrimos isso na experiência. «O que me agrada na experiência – escreve Lewis – é a sinceridade que nela percebo. Você pode tomar quantos desvios quiser; mas basta manter os olhos bem abertos, que logo verá a placa de alerta. Talvez você se tenha enganado, mas a experiência não tenta enganar ninguém. O universo se mostra fiel sempre que você o testa com justiça.»⁷¹ Contudo, para que a experiência seja tal – eis a questão –, ela implica um juízo, uma avaliação, e portanto um critério com base no qual o juízo pode ser formulado. Qual é o critério? A nossa humanidade. Ela não é simplesmente algo que nos faz penar, um fardo que temos de carregar para nosso pesar, uma voragem que não conseguimos preencher e que atrapalha nossa relação com a realidade: não, ela é precisamente o nosso critério de juízo.

Lembro-me ainda de como exultei de alegria quando surpreendi conscientemente em mim a capacidade de julgar que permite fazer experiência na relação com tudo. De fato, a experiência é um provar julgado pelo critério da nossa humanidade: um conjunto de exigências e de evidências originais que nos pertence estruturalmente e que se aciona na comparação com o que nos vem ao encontro. Descobri que esse conjunto de exigências e de evidências que eu tinha em mim mesmo era o critério último para julgar o que acontecia.

⁷¹ C.S. Lewis, *Surpreendido pela alegria*. São Paulo: Mundo Cristão, 1998, p. 182.

Foi a consciência do alcance cognoscitivo da nossa humanidade o que levou Giussani a dizer: «Apenas uma tomada de consciência atenta, mas também terna e apaixonada, de mim mesmo pode fazer com que eu me escancare e me disponha a reconhecer»,⁷² a identificar aquilo pelo qual vale a pena viver. Deveríamos perguntar-nos se a mesma paixão, atenção e ternura caracterizam o nosso olhar por nós mesmos: às vezes parece quase que se trata de coisas de uma galáxia diferente da nossa. Como é impressionante ouvir Giussani afirmar: «Como é humano o humano, como é humana a humanidade!»⁷³ Como é humana a minha humanidade! Normalmente temos medo, não paixão pela nossa humanidade, e por isso ficamos confusos, incapazes de identificar a verdade, e no fim tudo se dissolve na abstração. «Caiu numa espécie de meditação profunda, melhor dizendo, numa espécie de esquecimento mesmo, e seguiu adiante já sem notar o ambiente, aliás até sem querer notá-lo.»⁷⁴

Quanto mais deixamos entre parênteses a nossa humanidade, mais hesitamos em reconhecer o valor do que nos acontece, incertos quanto à direção que tomar. É o contrário daquilo que o poeta espanhol Jesús Montiel notou com comoção em seus filhos, em tempos do Coronavírus: «Meus filhos não param de me surpreender. Durante o confinamento não pronunciaram uma única queixa; ao contrário de nós, adultos. Aceitam a situação porque a verdadeira normalidade de uma

⁷² L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012, p. 11.

⁷³ L. Giussani, *Affezione e dimora*. Milão: Bur, 2001, p. 42.

⁷⁴ F. Dostoiévski, *Crime e castigo*, op. cit., p. 20.

criança é sua família. Observei que uma criança, enquanto se desenvolve num entorno amoroso – não necessariamente perfeito –, não ambiciona muito mais. [...] Vocês nos bastam, dizem. [...] As crianças são, creio, a prova de que não fomos feitos para os projetos, e sim para viver amando e sendo amados. Só assim a circunstância contingente ganha sentido e o presente não desmorona».⁷⁵

As crianças identificam com facilidade aquilo de que precisam para viver: a presença dos pais. Ao passo que a nós, adultos, paradoxalmente, custa-nos identificá-lo e caímos com frequência no lamento. Obviamente há adultos que conservam e aprofundam a humanidade simples das crianças. Etty Hillesum é um exemplo luminoso disso, ao escrever em seu *Diário*: «Meu Deus, agradeço-te por me teres criado como eu sou. Agradeço-te porque às vezes posso estar tão cheia de vastidão, aquela vastidão que não é senão o estar repleta de ti».⁷⁶

3. «A arte de “sentir” o homem todo»

Quem de nós tem, todo dia, ao menos um instante de verdadeira ternura por si mesmo, pela própria humanidade? Muitas vezes nos maltratamos, lançamo-nos com ira contra a nossa humanidade, que não se deixa seduzir pela mentira: queríamos fugir dela, mas por outro lado não conseguimos obliterá-la. Expressa-o

⁷⁵ J. Montiel, “De los que son como ellos”, *The Objective*, 2 de abril de 2020.

⁷⁶ E. Hillesum, *Diário 1941-1943*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2020, p. 154.

bem a frase que Nietzsche, em *A gaia ciência*, pôs na boca do viajante: «Esse desejo ardente do autêntico, do real, do não aparente, do seguro! Como o ódio!»⁷⁷

Por isso sempre me marcou a frase de João Paulo II: «A ternura é a arte de “sentir” o homem todo».⁷⁸ Este “sentir” o homem todo é essencial para viver e é o contrário do sentimentalismo. Mas é «raro encontrar – diz Giussani – uma pessoa cheia de ternura por si mesma!»⁷⁹ Se formos contar quantas conhecemos, talvez cheguem a caber nos dedos de uma mão. Hoje prevalece quase sempre a raiva, a violência, para consigo e para com os demais, e também para com a realidade.

Todavia, o que o homem deseja experimentar é justamente essa ternura pela própria humanidade, como escreve Camus em *Calígula*: «Tudo parece tão complicado. Mas é tão simples. Tivesse eu conseguido a lua, o mundo, a felicidade, teria sido diferente. Tu o sabes, Calígula, que eu poderia ser terno. A ternura! Mas onde encontrar o suficiente para matar a minha sede? Onde encontrar um coração profundo como um lago? [...] Não há nada que me esteja bem, nem neste mundo nem no outro. No entanto, tenho certeza, e tu também a tens [...], de que me bastaria o impossível. O impossível! Procurei-o nos confins do mundo e de mim mesmo [é o que todos nós procuramos] [...] estendo as mãos e não encontro senão a ti, sempre a ti, como um escarro

⁷⁷ «Dieser Hang und Drang zum Wahren, Wirklichen, Un-Scheinbaren, Gewissen! Wie bin ich ihm böse!» (Cf. F. Nietzsche, *A gaia ciência*. São Paulo: Rideel, 2005).

⁷⁸ K. Wojtyła, *Amor e responsabilidade*. São Paulo: Loyola, 1982, p. 183.

⁷⁹ L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*. Roma; Milão: Edit-Il Sabato, 1993 p. 457.

em meu rosto. Tu, na claridade esplêndida e doce das estrelas [...]; tu, que és para mim como uma ferida que eu gostaria de arrancar de mim com as unhas». ⁸⁰

Se não encontramos “algo” que nos permita ter essa ternura por nossa sede, por nossa humanidade, acabamos olhando para ela como para uma ferida que gostaríamos de arrancar de nós – exatamente o contrário de um amor –. Mas por que gostaríamos de arrancá-la de nós? Para não sentirmos o drama, para o atenuarmos o mais possível, para não notarmos a insuficiência de todas as coisas em que depositamos nossas expectativas, para não termos de lidar com a desproporção entre o que desejamos e o que conseguimos obter. Como diz Camus: «Não há nada que me esteja bem», ou como canta Guccini, referindo-se ao relacionamento amoroso: «Vê, querida, é difícil explicar, / é difícil entender se já não entendeste... // Tu és muito, embora não sejas bastante, / [...] tu és tudo, mas esse tudo ainda é pouco». ⁸¹

Desenha-se então a alternativa: a ternura («a arte de “sentir” o homem todo») ou então o ódio pela própria humanidade («uma ferida que eu gostaria de arrancar de mim»). Quantas vezes não nos afligimos por não conseguirmos tomar as rédeas da nossa humanidade, comprimí-la: mesmo com todos os esforços para silenciá-la, quando menos esperamos ela explode, faz-se sentir.

O *Miguel Mañara* de Milosz narra exemplarmente esta experiência. Mañara entrega-se à devassidão, mas isso não consegue preencher o abismo de sua humanidade, de seu desejo. «Arrastei o Amor no prazer, e na

⁸⁰ A. Camus, “Calígola”. In: Idem, *Tutto il teatro*. Milão: Bompiani, 1993, pp. 113-114.

⁸¹ “Vedi cara”, letra e música de F. Guccini, 1970, © EMI.

lama, e na morte [...]. Eu mastigo a erva azeda da rocha do tédio. Servi Vênus com furor, depois com malícia e náusea. [...] Com certeza que, na minha juventude, procurei tal como vós a miserável alegria, a estrangeira inquieta que vos dá a sua vida e não diz o seu nome. Todavia depressa nasceu em mim o desejo de perseguir aquilo que vós jamais conhecereis: o amor imenso, tenebroso e doce. [...] Ah! como preenche-lo, este abismo da vida? O que fazer? Porque o desejo continua aí, mais forte, mais louco que nunca. É como um incêndio no mar soprando a sua chama no mais profundo do negro nada universal!»⁸² O desejo permanece, persiste, mais forte que nunca, apesar de tudo. É esta a surpresa, dissemos. Não se apaga: quanto mais a gente vive, sente, tenta satisfazê-lo ou atordoá-lo, mais ele cresce.

Para Agostinho, nada é comparável à profundidade do coração humano, que vibra em cada um de nós: «Se o abismo é uma profundidade, não seria um abismo o coração humano? O que há de mais profundo do que este abismo? Os homens podem falar, ser vistos através dos movimentos dos membros, ser ouvidos pela palavra; mas quem pode penetrar seu pensamento, examinar seu coração? Quem compreende o que faz internamente, o que pode, como age, como dispõe em seu íntimo, o que quer, o que não quer? Razoavelmente pode-se entender por abismo o homem, acerca do qual foi dito: “O homem sondará a profundidade do coração e Deus será exaltado”».⁸³

⁸² O.V. Milosz, *Miguel Mañara: Mistério em seis quadros*. São Paulo: Gruber, 2018, pp. 28-30.

⁸³ Cf. Santo Agostinho, *Comentário aos Salmos (Salmos 1-50)*. São Paulo: Paulus, 2014, 41,13.

Mas então – repetimos mais uma vez – o que é que nos arranca do nada, o que é que pode preencher este abismo da vida, este desejo irreduzível, incômodo e sublime, «ainda mais vasto que tal universo»,⁸⁴ sinal do humano que há em nós, que desmascara a parcialidade e a insuficiência das nossas tentativas?

⁸⁴ G. Leopardi, “Pensamentos”. In: Idem, *Poesia e prosa*, op. cit., p. 497 (LXVIII).

CAPÍTULO 3

«CARO CARDO SALUTIS»

«*Caro cardo salutis.*» «A carne é o eixo da salvação.»⁸⁵
É uma frase de Tertuliano, um Padre da Igreja. Pode parecer enigmática, mas seu significado fica claro assim que olhamos para nossa experiência: o que – se aconteceu, quando aconteceu – foi capaz de arrancar-nos do nada?

1. Uma presença carnal

Como contribuição pessoal para enfrentar o tema que estamos tratando,⁸⁶ uma jovem mulher me mandou uma carta que foca de maneira simples e clara no ponto que nos interessa. Portanto vale a pena repropô-la. Muita gente – creio –, mesmo na diversidade da situação de cada um, poderá facilmente reconhecer-se no que ela escreveu.

«Quando me pergunto o que me arranca do nada, não posso deixar de pensar em toda a minha história até hoje. Há dois momentos que ficaram marcados em mim e me vêm à mente quando penso neste nada. Um é a lembran-

⁸⁵ Tertulliano, *De carnis resurrectione*, 8,3: PL 2,806.

⁸⁶ Refere-se ao convite feito para que mandassem contribuições escritas acerca da pergunta: «O que nos arranca do nada?»; ver aqui, pp. 3-4.

ça de quando era criança, e da imensa desproporção que sentia quando olhava as estrelas. Eu ficava chocada com o pensamento de ser nada em comparação à imensidade do universo. E algumas noites não conseguia dormir por esse motivo, pois minha vida parecia um momento sem sentido no meio da passagem do tempo. Outra vez, voltando para casa com minha mãe depois de termos passeado pelas lojas para fazer compras (coisa de que sempre gostei muito), entrei no carro com uma tristeza infinita (uma certa tristeza que sempre senti muito próxima). Eu disse a minha mãe: “Há dias em que não aconteceu nada de particular, mas de repente sinto uma enorme tristeza e não sei por quê”. Ficamos o resto do trajeto sem falar, com o rádio de fundo. Uma tristeza infinita, que acabava no nada. Conheci CL (e com ele o cristianismo) quando mudei para uma nova escola que algumas famílias do Movimento tinham fundado. Dois anos depois da doença e da morte de meu pai – eu tinha dezessete anos –, decidi fazer a Primeira Comunhão e aderir ao Movimento. Em meu primeiro ano de faculdade conheci um padre. Vendo ele a situação dolorosa que eu estava atravessando, deu-me a carta que você havia escrito sobre o tema dos abusos sexuais (uma situação que não tinha nada que ver com a que eu estava vivendo), “Feridos, voltamos para Cristo” (*la Repubblica*, 4 de abril de 2010). Nela você falava da sede de justiça, mas podia estar falando da minha sede em geral. Dizia que esta sede “é sem confins, sem fundo”, é “incapaz de ser esgotada tão infinita é”. “Se esta é a situação, a questão ardente – que ninguém pode evitar – é tão simples quanto inexorável: ‘*Quid animo satis?*’” Como é que você conseguia chegar a fazer essa pergunta? Por que podia supor que houvesse algo que a realizasse, que a saciasse?

Li e reli a carta, sentada sozinha na minha sala, e caí no choro ao pensar: “Será que é realmente possível que esta dor, este desejo de eternidade, esta ferida, possam ser preenchidos? Que haja algo neste mundo que possa satisfazê-los?” Foi a primeira vez na minha vida que pensei ser possível haver algo real, carnal e concreto que respondesse à minha sede. Era como se repentinamente todos os elementos se recompusessem em unidade: as pessoas que eu conhecera naquela escola, o olhar tão diferente de meus professores, aqueles momentos nos acampamentos de verão quando meu coração se alargava e, vibrando, eu pensava comigo mesma que era como se eu tivesse esperado a vida inteira para ouvir aquilo mesmo que tinha ouvido. Tudo isso era um Tu concreto, à altura da minha ferida e do meu desejo de eternidade: “Alguém que torne presente o além no aquém: Cristo, o Mistério feito carne”. Estes anos foram a história de um afeto por essa carne concreta, por um Tu concreto. Nestas semanas de confinamento tenho me dado conta de que Cristo me conquistou, fazendo-me enxergar, experimentar que a minha tristeza não está condenada ao nada.»

Mas depois de ter encontrado essa presença carnal que arranca do nada, a partida não está de forma alguma encerrada. Devido às muitas vicissitudes da vida, às vezes devido à nossa presunção ou à nossa fraqueza, a dificuldades que se manifestam e nos desorientam, pode-se perder o caminho, pode-se estar longe da presença encontrada, pode-se abandoná-la. Também nesses casos há de ser sempre e somente uma carne o que nos conquista novamente. Escreveu-me nos meses passados uma estudante universitária: «Um ano atrás, sob o peso de algumas coisas que trazia comigo, estive

fugindo da companhia que antes reconhecera como essencial para minha vida. Já não me reconhecia. Eu tinha o olhar apagado, vazio, e o coração tão fatigado, que até desejava desaparecer. Eu acreditava que para mim já não houvesse nada que fazer, nenhuma esperança. Achava que já não me reergueria. Porém, graças à companhia de alguns amigos que nunca me deixaram sozinha, que tomaram conta de mim e do meu coração, eu tentei recomeçar. Retomei a partir daqueles rostos mesmos que me estavam olhando com um bem e com uma ternura que naquele momento eu não conseguia sentir por mim mesma».

Como funciona bem o detector que há em nós! Quando uma pessoa é olhada com essa ternura que abraça o eu todo, percebe-o imediatamente!

«Muitas vezes – prossegue a carta – eu me perguntei: mas se eu mesma não consigo amar-me, como podem e por que deveriam fazê-lo os demais? Que coração não devem ter essas pessoas? O que não devem ter visto? O que não devem ter encontrado para quererem tão bem a alguém como eu? Queria entender. Então me pus à procura. Foi um ano cheio, intenso, cansativo, mas maravilhoso. Foi um ano que – posso dizer bem – me revolucionou e me preencheu a vida; não porque eu tenha sido melhor ou porque a dor e o medo que eu tinha tenham desaparecido, mas porque experimentei por meio de rostos precisos aquela “inimaginada, inimaginável, jamais experimentada correspondência ao coração”.⁸⁷ Desejo que todos pudessem viver a beleza de um encontro e de uma amizade como os

⁸⁷ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2019, p. 21.

que eu vivi. É maravilhoso viver com a certeza de ter encontrado uma grande companhia ao meu coração. Quero segurá-la firme. Não posso mais perdê-la para ir atrás dos meus pensamentos, pois nunca como agora reconheço que só neste lugar tudo de mim é acolhido e amado: minhas fragilidades, meus medos, minha dor e minha necessidade; só aqui posso olhar e levar a sério a mim mesma sem deixar nada de fora, sem dar nada por óbvio. Reconheço que só nesta companhia eu encontrei amigos que querem bem ao meu coração. Espanta-me ter tanta certeza assim, porque normalmente não tenho.»

Quando deparamos com um olhar cheio de uma ternura verdadeira em relação a nós, damos-nos conta de que existe uma alternativa ao ódio e à raiva por nós mesmos.

A carta continua: «Então, o que me arranca do nada? O que me arrancou do nada daqueles dias? Esta companhia». Quer dizer: uma companhia real, carnal, histórica. Esta é a carne que salva a vida. *Caro cardo salutis*: a carne, não nossos pensamentos, não nossas imagens, não nossas fantasias, não o virtual, mas uma carne, ou seja – conclui a garota –, «rostos precisos onde encontro esse olhar de bem e de ternura que me apontam para Outro, para um Tu vivo, presente aqui e agora, e que me devolveram à vida».

«A carne é o eixo da salvação.» É uma carne reconhecível por sua diversidade, como conta o escritor Daniele Mencarelli num comovente passo autobiográfico, em *A casa dos olhares*: «À altura do vitral pararam dois jovens. A mãe segurava nos braços um menino, enquanto o pai brincava com ele, mostrando-lhe a fonte do jardim interno e, com caras e bocas, fazia o filho rir.

Quando cheguei a menos de um metro deles, os dois pais se viraram e, com eles, o filho. O passo perdeu a cadência, e assim a respiração. O pequeno devia ter uns três anos; à parte os olhos seu rosto não existia, e no lugar do nariz e da boca havia buracos de carne vermelha. Finquei os olhos no mármore do piso e passei ao lado deles, deixando de olhar para eles. [...] Perdi tempo esperando que aqueles dois jovens e o filho desfigurado fossem embora. O riso da criança chegou antes de tudo. Ainda estavam lá. Mas agora não estavam sozinhos. Na frente deles estava uma freira, velhinha, curvada para frente, com o rosto tocando a face assustadora do menino. “Você é a coisa linda da mamãe o do papai, não é?” Pegou numa mãozinha e a beijou, ao que ele caiu no riso; a freira não devia ter menos de oitenta anos, o rosto rechonchudo, branco como o leite. “Então não é só a coisa linda, mas também é simpático! Gosta disso?” E passou de novo a mãozinha na boca, no queixo, para alegria dele. Em seguida a irmãzinha se ergueu, olhando para o pai e a mãe. “Viram a risada que ele deu? Esse aí não tem prata por dentro, mas ouro, ouro vivo”. Beijou-o, indiferente a seu rosto, a tudo. Fiquei embasbacado, não consegui entender, decifrar. Presenciei algo de humano e ao mesmo tempo estrangeiro, como um rito proveniente de uma terra longínqua, não consigo encontrar dentro de mim os instrumentos para traduzi-lo na minha língua [...] tentei toda abordagem possível; tentei descartar o que vi como a um delírio de uma velha vestida de cinza; depois como ao fanatismo de uma freira surda e cega à dor que queria atestar a qualquer custo a supremacia de seu Deus, mesmo diante daquela deturpação; depois como ao espetáculo de uma atriz excepcional que

um segundo depois, talvez, no escuro de um banheiro, pode ter lavado a boca por causa do beijo dado naquele rosto informe. Mas nenhuma leitura dá conta de cobrir a distância entre o que vi e minha lógica». ⁸⁸

O escritor tentou explicar, remeter ao conhecido, ao previsível, ao compreensível, a excepcionalidade que vira, que invadira seus olhos («algo de humano e ao mesmo tempo estrangeiro»), que o atraía e de certa maneira imobilizara. Quantas vezes tentamos reduzir obstinadamente a diversidade que vemos a uma medida nossa! «O homem é tão apegado ao sistema e à dedução abstrata, que estaria prestes a alterar a verdade premeditadamente, e prestes a não ver vendo e a não ouvir ouvindo, a fim de justificar a própria lógica.» ⁸⁹

O que é que magnetizou Mencarelli? A mesma coisa que magnetizou as autoras das cartas anteriores: uma diversidade humana. Ante a face completamente desfigurada daquele menino, a irmã não se retraiu, antes teve por ele uma ternura e uma simpatia profunda, vertiginosa e carnal, uma simpatia no sentido intenso do termo, um vórtice de afeição, que tinha algo tão abissalmente humano a ponto de parecer “mais” que humano, «estrangeiro» – divino.

Apenas uma carne, uma presença carnal é capaz de arrancar-nos do nada; uma presença que todas as nossas interpretações não conseguem eliminar, de tanto que nos magnetiza, nos toma, nos atrai até as entranhas, suscitando todo o nosso desejo no momento mesmo em que nos faz experimentar uma correspon-

⁸⁸ D. Mencarelli, *La casa degli sguardi*. Milão: Mondadori, 2020, pp. 183-185.

⁸⁹ F. Dostoiévski, *Memórias do subsolo*, op. cit., p. 35.

dência inimaginável a ele. Quem não gostaria de ser olhado com a ternura com que se sentiram olhadas essas nossas amigas ou com que a irmã olhou para aquele menininho?

Só o deparar com semelhante olhar encarnado em alguém é que pode preencher o «abismo da vida» de que fala Milosz. Só uma carne pode vencer o nada. Não qualquer carne, não qualquer presença carnal, mas uma presença que carrega consigo algo que corresponde a toda a nossa expectativa e, portanto, é capaz de magnetizar o nosso ser. Com efeito, há uma carne que deixa um amargo na boca, que acaba no tédio de uma vida cheia de solidão, como acontecia com Miguel Mañara antes de seu encontro com Girolama e com a novidade que ela introduzira em sua vida. Como escreveu De Lubac: «Nada do que o homem cria ou do que permanece no plano do homem poderá arrancá-lo de sua solidão. A solidão, antes, aumentará cada vez mais conforme ele se descubre a si mesmo, pois esta não é mais que o contrário da comunhão à qual ele é chamado».⁹⁰

2. O judeu Jesus de Nazaré

O que pode vencer o niilismo em nós? Somente a magnetização exercida por uma presença, por uma carne que traz consigo, em si, algo que corresponde a toda a nossa espera, a todo o nosso desejo, a toda a nossa exigência de sentido e de afeição, de plenitude e de estima.

⁹⁰ H. de Lubac, “Ecclesia Mater”. In: Idem, *Meditazione sulla Chiesa*, op. cit., pp. 161-162.

Só pode arrancar-nos do nada “aquela” carne que é capaz de preencher o «abismo da vida», o «desejo louco» de realização que há em nós, para usar mais uma vez as expressões de Milosz.

Quando essa experiência não ocorre, nós não saímos do nosso niilismo, embora tenhamos sido formados culturalmente nos discursos religiosos e atuemos de todas as formas, porque «os argumentos a favor da verdade», de que falava Balthasar, e as «coisas para fazer» não são capazes de “tomar-nos”, de arrastar todo o nosso eu; e cedo ou tarde – normalmente mais cedo que tarde – acabamos por aborrecer-nos.

Ora, esse olhar cheio de ternura pela nossa humanidade entrou no mundo pela carne de um Homem, o judeu Jesus de Nazaré, dois mil anos atrás. «Na Encarnação, o Logos eterno ligou-Se a Si mesmo a Jesus de tal maneira que [...] o Logos já não pode ser pensado independentemente de Sua conexão com o homem Jesus. [...] Quem quer que entre em contato com o Logos toca Jesus de Nazaré. [...] Ele é o Logos mesmo, que no homem Jesus é um sujeito histórico. Decerto Deus toca o homem de muitas maneiras, também fora dos sacramentos. Mas Ele o toca sempre por meio do homem Jesus, que é Sua automediação na história e nossa mediação na eternidade.»⁹¹

Esse acontecimento – a Encarnação – é um divisor de águas na história do homem e ninguém mais poderá arrancá-lo dela. Por isso, afirma Giussani, «é numa carne que nós podemos reconhecer a presença do Verbo feito carne; se o Verbo se fez carne, é *numa carne*

⁹¹ J. Ratzinger, “Cristo, a fé e o desafio das culturas”, *Asia News*, n. 141/1994.

que nós O encontramos, identicamente».⁹² Quem o identifica percebe estar diante do evento mais decisivo de sua vida. Vemos isso claramente quando acontece. Visitemos então um dos episódios do Evangelho mais significativos sob este ponto de vista, buscando identificar-nos com aquela mulher que vai até Jesus com uma consciência dolorida de si, de sua necessidade, com o amargo na boca por todo o seu mal, com sua incapacidade de encontrar paz, com a falta de ternura por si mesma, talvez com o impulso de arrancar de si aquela sua humanidade, aquele seu desejo que tentara satisfazer desajeitadamente. No entanto, foi justamente essa humanidade, essa necessidade de ser amada, de ser olhada com verdade, que lhe permitiu surpreender o imprevisto, ou seja, a presença de Jesus.

«Um fariseu convidou Jesus para a refeição. Ele entrou na casa do fariseu e sentou-se à mesa. Havia na cidade uma mulher, que era pecadora. Quando soube que Jesus estava à mesa na casa do fariseu, ela trouxe um frasco de alabastro, cheio de perfume. Postou-se atrás, aos pés de Jesus e, chorando, começou a lavá-los com suas lágrimas. Depois, enxugava-os com seus cabelos, beijava-os e os ungia com perfume. Ao ver isso, o fariseu que o tinha convidado falou consigo mesmo: “Se esse homem fosse profeta, saberia quem é a mulher que o toca: é uma pecadora!” Então Jesus lhe dirigiu a palavra: “Simão, tenho algo para te dizer”. Ele respondeu: “Fala, Mestre”. “Certo credor”, retomou Jesus, “tinha dois devedores. Um lhe devia quinhentos denários, e o outro cinquenta. Como não tivessem

⁹² L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*. Milão: Bur, 1999, p. 123. Cf. Constituição dogmática sobre a Divina Revelação *Dei Verbum*, 4.

com que pagar, perdoou a ambos. Qual deles o amará mais?” Simão respondeu: “Aquele ao qual perdoou mais”. Jesus lhe disse: “Julgaste corretamente”. Voltando-se para a mulher, disse a Simão: “Estás vendo esta mulher? Quando entrei em tua casa, não me oferecete água para lavar os pés; ela, porém, lavou meus pés com lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Não me deste o beijo; ela, porém, desde que cheguei, não parou de beijar os meus pés. Não derramaste óleo na minha cabeça; ela, porém, ungiu os meus pés com perfume. Por isso te digo: os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, pois ela mostrou muito amor. Aquele, porém, a quem pouco se perdoa, pouco ama”.»⁹³

Aqui estamos diante daquele «realismo inaudito» de que fala Bento XVI, quando afirma que «a verdadeira novidade do Novo Testamento não reside em novas ideias, mas na própria figura de Cristo, que dá carne e sangue aos conceitos». ⁹⁴ Cada um de nós – creio – desejaria ser alcançado por semelhante olhar, qualquer coisa que tenha feito, como quer que tenha conduzido sua vida.

De que é que precisou aquela mulher para ser “tomada” pelo olhar de Cristo? Somente de sua humanidade, embora ferida e grosseira como era – como no fundo é a de todos –. Quando encontrou aquele Homem, sua humanidade, mesmo com todos os erros cometidos, foi inteiramente magnetizada, a ponto de não ter havido meio de pará-la: a mulher atravessou a hostilidade e a desaprovação dos outros e foi ao banquete lavar os pés de Jesus com suas lágrimas. A identificação com o

⁹³ Lc 7,36-47.

⁹⁴ Bento XVI, Carta encíclica *Deus caritas est*, 12.

Evangelho é uma das coisas mais bonitas que Giussani nos comunicou. De fato, normalmente lemos esses relatos dando-os por óbvios, privando-os do relevo factual, histórico, vital. Já Giussani, retornando uma vez após a outra aos episódios do Evangelho e identificando-se com os acontecimentos neles descritos, mostrou-nos – neles – como Jesus se dirigia à humanidade ferida e cheia de limites daqueles que encontrava. Nada O detinha. E nada O detém agora. E é essa mesma humanidade nossa – muitas vezes vivida com incômodo, porque as contas não fecham, porque não nos agrada, pelos muitos limites que achamos em nós – que Cristo toma até as entranhas, e é a ela que Ele se dirige e sem ela não teria como entrar na tua e na minha vida, não encontraria um ponto de contato conosco. «Somente Deus capta o ponto mais profundo da consciência em que o homem, a despeito da própria vida, dos próprios pecados, é verdadeiramente humano e humaniza. No fundo, a redenção se dá quando Cristo extrai o que de mais profundo há no homem, que vale mais que seu pecado»,⁹⁵ escreveu François Varillon.

O olhar de Cristo lê dentro de nós, nas profundezas do nosso desejo de plenitude. Recentemente o Papa Francisco lembrou isso: «Nascemos com uma *semente de inquietação*. Deus quis assim: a ansiedade de encontrar plenitude, de encontrar Deus, muitas vezes inclusive sem saber que temos esta inquietação. O nosso coração está inquieto, o nosso coração está sedento: tem sede do encontro com Deus. Procurando-o, muitas vezes por caminhos errados: perdendo-se, depois volta, procura-o... Por outro lado, Deus tem sede do

⁹⁵ F. Varillon, *Traversate di un credente*. Milão: Jaca Book, 2008, p. 98.

encontro, a tal ponto que enviou Jesus para nos encontrar, para vir ao encontro desta inquietação».⁹⁶

Nenhum ser humano jamais se sentiu tão radicalmente afirmado quanto pelo olhar introduzido na história por esse homem, Jesus de Nazaré; nenhuma mulher jamais ouviu alguém falar de seu filho com a mesma ternura original, com a mesma afirmação totalmente positiva de seu destino, para além de qualquer êxito pensável bem como de qualquer fracasso. Com esse olhar vertiginosamente afirmativo, Jesus diz à mulher que lhe lavou os pés com lágrimas: «“Teus pecados estão perdoados”. Os convidados começaram a comentar entre si [é a rebelião ante uma novidade que os põe em questão]: “Quem é esse que até perdoa pecados?” [não o dizem com admiração, mas desaprovando-o, como que dizendo: é uma blasfêmia]. E Jesus disse à mulher [ninguém consegue demovê-Lo de sua atitude em relação a ela]: “Tua fé te salvou. Vai em paz!”»⁹⁷ Esse olhar não poderá mais ser desenraizado da face da terra: por isso o que dizemos sobre nós mesmos, o que você diz sobre si mesmo ou sobre si mesma já não é a última palavra.

O que arrancou do nada a pecadora do Evangelho não foram seus pensamentos, seus propósitos, seus esforços, e sim uma Presença que tinha tamanha paixão, tamanha preferência pela pessoa dela, pelo eu dela, que ela foi conquistada. Todo o curso de sua vida foi revirado, revolucionado por aquele encontro: já não lhe importavam os olhares dos demais, pois estava toda definida por Jesus, por Seu olhar, por aquela presen-

⁹⁶ Francisco, *Homilia em Santa Marta*, 26 de abril de 2020.

⁹⁷ Lc 7,48-50.

ça de carne e osso. Ninguém mais em sua vida havia olhado para ela como aquele homem. Senão não teria entrado naquela casa, não lhe teria lavado os pés com as lágrimas, não os teria enxugado com os cabelos. Que experiência não terá vivido, que certeza não terá tido essa mulher para desafiar daquele jeito os fariseus sentados àquela mesa e toda a cidade! Sem tal certeza, fica-se à mercê dos comentários próprios e dos outros. No entanto, todos os pensamentos nossos e dos outros são superados por aquele olhar, que nenhum poder deste mundo pode apagar: eles não são eliminados, mas inibidos em sua capacidade de paralisar-nos.

Com Von Balthasar, podemos dizer que se trata de «uma certeza que não se apoia na evidência própria da inteligência humana, mas na evidência manifesta da verdade divina: não no ter agarrado, mas no ter sido agarrado». Esta, insiste o teólogo da Basileia, «é uma questão vital da cristandade atual». Porque a fé só pode ser crível para o mundo que nos circunda «se se entender a si mesma como crível, se a fé então não significar [...], como primeira e última coisa, “dar por verdadeiras certas afirmações” que, sendo incompreensíveis à razão humana, podem ser aceitas só na obediência à autoridade; a fé, com efeito, apesar de toda a transcendência da verdade divina, aliás, justamente mediante ela, conduz o homem à compreensão daquilo que Deus é em verdade, e nessa compreensão (ao lado dela) também à compreensão de si mesmo».⁹⁸

A certeza e a fé daquela mulher apoiavam-se «na evidência manifesta da verdade divina», através do olhar

⁹⁸ H.U. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, op. cit., pp. 120, 125.

sem comparações de Jesus, pelo qual se sentiu afirmada e conquistada totalmente, e na experiência de uma correspondência a suas exigências constitutivas jamais vivida antes. É tão forte essa evidência da verdade, é tão resplandecente «essa revelação da glória – insiste Balthasar –, que não precisa de outra justificação fora de si mesma».⁹⁹ A mesma consciência do quanto é decisiva essa evidência para a credibilidade da fé hoje caracterizou desde o início o compromisso educativo de Giussani: «Eu estava profundamente convencido de que uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé em condições de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o contrário».¹⁰⁰

3. Um acontecimento

Em Jesus de Nazaré, Deus tornou-se um entre nós. «A Palavra se fez carne.»¹⁰¹ Mas para entender do que estamos falando, obrigatoriamente temos de voltar ao início e olhar com atenção para o que aconteceu. O nosso “já saber”, de fato, muitas vezes altera nossa compreensão. «Ponhamo-nos naquela época, Jesus Cristo não estava na boca do povo, não era um nome já habitual: o que viam era um homem», que andava pelas ruas, que podia ser encontrado, com quem se podia

⁹⁹ Ibidem, p. 126. Cf. DS 3008.

¹⁰⁰ L. Giussani, *Educar é um risco*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2019, pp. 16-17.

¹⁰¹ Jo 1,14.

falar. Jesus era uma presença contemporânea à vida de Pedro, de Zaqueu, de Madalena. «Ao ouvirem aquele homem havia um pressentimento novo de vida; nem sequer o punham em palavras, sentiam-no». Pois bem, «houve uma noite em que para Pedro, para Zaqueu ou para Madalena, naquele dia, ocorrera alguma coisa que era a vida deles inteira, que foi a vida deles inteira»: depararam com aquele homem e foram “tomados”, magnetizados por ele. Aquela foi o acontecimento decisivo para eles. Naquele homem, com efeito, «torna-se presente o eterno, o consistente, o ser, o significado, aquilo pelo qual a vida vale a pena; finalmente se torna presente o objeto para o qual a razão é feita, para o qual a consciência é feita, para o qual o eu é feito. O consistente, o permanente, a totalidade é um homem!»¹⁰²

E para nós, que viemos dois mil anos depois? Do mesmo modo é para nós. Idêntico. Ao falar para alguns universitários, Giussani afirmou: «Pode ter sido a irrupção brevíssima e sutil de um pressentimento de promessa para a vida o que nos conduziu até aqui, sem estardalhaço de autoconsciência, sem estardalhaço crítico. Mas há um dia na vida de vocês em que ocorreu um encontro em que está encerrado todo o significado, todo o valor, todo o desejável, todo o justo, todo o belo e todo o amável. Porque Deus feito homem é isso. E o Deus feito homem alcança-nos com mãos, com olhos, com boca, com a realidade física de uma humanidade.»¹⁰³ Qual realidade? A da companhia dos que creem n’Ele, Seu corpo misterioso. O homem que disse: «Eu

¹⁰² L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*. Milão: Bur, 2009, pp. 425-427.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 426.

sou o caminho, a verdade e a vida»¹⁰⁴ ressuscitou, isto é, é contemporâneo à história. «Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos.»¹⁰⁵ Onde se vê isso? Onde se escuta isso? Sua presença aqui e agora coincide com um fenômeno visível, tangível, concreto, feito da gente que foi alcançada pela Sua iniciativa e que O reconheceu: é a realidade da Igreja. «*A contemporaneidade de Cristo ao homem de cada época realiza-se no Seu corpo, que é a Igreja.*»¹⁰⁶

«Mesmo quando Jesus estava no âmago de Sua atividade terrena, o Seu acontecimento assumia uma forma que não se identificava apenas com a fisionomia física da Sua pessoa, mas também com a fisionomia da presença daqueles que n'Ele acreditavam, a ponto de serem por Ele enviados a levar as Suas palavras, a Sua mensagem, a repetir os Seus gestos portentosos, isto é, a levar a salvação que era a *Sua* pessoa.»¹⁰⁷

Cristo é uma presença contemporânea. Dar-se conta disso implica a mesma e idêntica experiência de dois mil anos atrás – como ilustraram as duas cartas citadas e o trecho de Mencarelli –, o impacto com uma presença de humanidade diferente, que desperta um pressentimento novo de vida, que nos marca porque corresponde como mais nada à sede estrutural de sentido e de plenitude que há em nós. Também hoje se trata da experiência de um encontro no qual, como mencionei, «está encerrado todo o significado, todo o valor, todo o desejável, todo o justo, todo o belo e

¹⁰⁴ Jo 14,6.

¹⁰⁵ Mt 28,20.

¹⁰⁶ João Paulo II, Carta encíclica *Veritatis splendor*, 25.

¹⁰⁷ L. Giussani, *Por que a Igreja*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2014, p. 42.

todo o amável». Esta é a forma com que somos investidos por Sua presença agora: depararmos com «uma diversidade que atrai porque corresponde ao coração; passa, por conseguinte, pela comparação e pelo juízo da razão, e suscita a liberdade, em sua afetividade».¹⁰⁸

Para caracterizar a presença dessa humanidade diferente, Giussani usa a palavra «excepcional». Com ela, ele não entende uma superioridade de desempenho individual, uma estranheza ou uma excentricidade, mas precisamente a correspondência que mencionamos. Uma coisa pode ser definida como excepcional quando corresponde adequadamente às expectativas originais do coração, por mais que a pessoa possa não ter uma consciência clara delas. Mas por que é que o «correspondente» deveria chamar-se «excepcional»? Porque a correspondência às nossas exigências originais, que deveria ser normal, normalmente não acontece. Hoje podemos entendê-lo melhor do que nunca: temos tudo, podemos ter acesso a tudo, em todos os sentidos, muito mais do que antes, incomparavelmente mais, tanto em termos de relações e de coisas como de experiências, mas não há nada disso tudo que seja capaz de conquistar-nos até o fundo, de fazer-nos experimentar a correspondência de que tem sede o nosso coração. Portanto, quando num determinado encontro essa correspondência acontece, ela se põe como algo excepcional. A presença, a face pela qual experimentamos a correspondência, distingue-se das demais justamente por isso. E dizemos: «É excepcional!»

¹⁰⁸ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., pp. 35.

Ora, só a contemporaneidade de Cristo pode arrancar-nos do nada. Só a Sua presença aqui e agora pode ser a resposta adequada ao niilismo, ao vazio de sentido: uma presença entendida, pois, não em termos espiritualistas, abstratamente “ideais”, mas carnis e históricos. Cristo não é uma ideia ou um pensamento, mas um acontecimento real que irrompe na minha vida: eu encontro «algo que contém algo»¹⁰⁹ e magnetiza todo o meu ser: «Jesus Cristo, aquele homem de dois mil anos atrás, oculta-se, tornando-se presente sob a cobertura, sob o aspecto de uma humanidade diferente».¹¹⁰

Outra carta oferece-nos uma imagem vívida disso: «Eu não achava que à beira dos cinquenta anos fosse possível renascer. Vivi quarenta e sete anos certo de que Jesus Cristo não fosse uma “coisa” indispensável para mim. Por todos estes anos persegui objetivos que não resistiam ao impacto do tempo: a universidade, minha profissão, a família. Toda vez que alcançava o que havia prefixado não me sentia satisfeito e ia constantemente em busca de novos objetivos. Por mais que para a maioria das pessoas a minha vida parecesse boa, eu tinha a sensação de alimentar-me de algo que não me saciava. Tudo isso produziu em mim uma crise profunda. Sentia-me inútil, e até a relação com os amigos, os colegas e as pessoas queridas foi ficando difícil. Queria ficar sozinho. Um dia, no ambiente da escola de meus filhos, conheci uma pessoa que tinha olhos brilhantes. Ele também estava vivendo um momento

¹⁰⁹ L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, p. 167.

¹¹⁰ L. Giussani, “Qualcosa che viene prima”. In: Idem, *Dalla fede il metodo*. Milão: Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, 1994, p. 39.

difícil por causa de problemas do trabalho, mas me parecia tranquilo, seguro de si; em resumo, com letícia. Eu não sabia o que lhe permitia viver assim, tampouco sabia o que era CL. Nasceu uma forte amizade que me levava a desejar a companhia dele. Fomos passar férias juntos com nossas famílias, e minha curiosidade em relação a ele só crescia. Comecei a encontrar seus amigos, que depois viraram meus amigos. Comecei a participar dos gestos propostos pelo Movimento. Voltei a rezar, a ir à missa, a confessar-me. Às vezes eu me perguntava: “Por que faço isso?”, e me respondia: “Porque estou melhor”. Ainda hoje me surpreendo com essa amizade, cuja origem é o amor por Jesus Cristo. Antes eu só tinha amigos ligados ao trabalho, à paixão pelo mesmo esporte ou à convivência. Estes três anos me mudaram, me melhoraram. Quem me conhece há muito tempo, meus velhos amigos, meus parentes, meus colegas notaram em mim algo diferente. Talvez não seja a mesma luz que meu amigo tem nos olhos, mas creio que esporadicamente algum clarão apareça também nos meus olhos. Quero estar mais em contato com esse amigos para “lembrar-nos que Cristo é tudo” – como dizia Dom Giussani –, para reconhecer “Aquele que está entre nós” e para “ajudar-nos a viver essa consciência, chamando nossa atenção para ela até tornar-se habitual”¹¹¹».

É este o método pelo qual a fé se comunicou e sempre poderá comunicar-se: um encontro imprevisível, que suscita o desejo e move a pessoa a verificar a promessa que ele carrega consigo quando ela participa da

¹¹¹ L. Giussani, *A obra do Movimento. A Fraternidade de Comunhão e Libertação*. Milão: Ultreya, 2019, p. 224.

vida da comunidade cristã. «A Igreja antiga, depois da época apostólica, desenvolveu como Igreja uma atividade missionária relativamente reduzida, não tinha nenhuma estratégia própria para o anúncio da fé aos pagãos e [...], ainda assim, essa época foi um período de grande êxito missionário. A conversão do mundo antigo ao cristianismo não foi o resultado de uma ação planejada, mas o fruto da prova da fé no mundo tal como se podia ver na vida dos cristãos e na comunidade da Igreja. O convite real de experiência a experiência, e nada mais, foi, humanamente falando, a força missionária da Igreja antiga. A comunidade de vida da Igreja convidava à participação nesta vida, em que se revelava a verdade da qual vinha esta vida. [...] Somente a junção entre uma verdade coerente em si mesma e a garantia na vida dessa verdade pode fazer brilhar aquela evidência da fé esperada pelo coração humano; só através dessa porta é que o Espírito Santo entra no mundo.»¹¹²

Niilismo/carnalidade: são estes os termos que definem a nossa situação de hoje; e não só de hoje, mas de sempre, porque o niilismo de que falamos não é um fenômeno contingente, é uma possibilidade permanente do espírito humano, ainda que em outras épocas se tenham usado palavras diferentes para indicá-lo. Ao niilismo, ou seja, ao nada que nos invade e a que sempre estamos tentados a ceder, não podem responder meros discursos, regras, distrações, pois não são capazes de magnetizar-nos, de conquistar realmente a nossa humanidade. Isso explica a insistência do Papa Francisco no perigo de reduzir o cristianismo a

¹¹² J. Ratzinger, *Olhar para Cristo: Exercícios de fé, esperança e caridade*. São Paulo: Quadrante, 2019, p. 31.

gnosticismo ou a pelagianismo.¹¹³ Ao niilismo, ao vazio de sentido, pode responder somente uma carne, um olhar encarnado numa freira de oitenta anos ou num amigo, ontem ou hoje. «Só Cristo se interessa totalmente pela minha humanidade.»¹¹⁴ Ou faço hoje a experiência de uma presença que se interessa totalmente pela minha humanidade, ou no fundo não há saída, porque nem o discurso nem a ética nem as distrações de que dispomos podem produzir a plenitude que espero do fundo do meu ser.

Sem a experiência dessa “conquista” do meu eu não há cristianismo; não há cristianismo como acontecimento, conforme sua natureza original, e não há então possibilidade de mudança da forma de conceber e de tratar pessoas e coisas, não há *metanoia* e não há afeição verdadeira. «Para que o reconhecessem, Deus entrou na vida do homem como homem, segundo uma forma humana, de modo que o pensamento, a capacidade de imaginação e a afetividade do homem foram como que “agarrados”, magnetizados por Ele. O acontecimento cristão tem a forma de um “encontro”: um encontro humano na realidade banal de todos os dias.»¹¹⁵

Não há nada mais inteligível para o homem, nada mais fácil de entender do que um acontecimento que tem a forma de um encontro. Entende-se, então, por que o Papa Francisco repropõe com frequência a frase da *Deus caritas est*: «Não me cansarei de repetir estas palavras de Bento XVI que nos levam ao centro do Evangelho: “Ao início do ser cristão, não há uma de-

¹¹³ Cf. Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 94.

¹¹⁴ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 9.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 34.

cisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”¹¹⁶. Este é o método de Deus, é o método que Deus escolheu para tirar o homem – eu, você, cada um de nós – do nada, da impossibilidade de realizar-se, da suspeita de que tudo acabe em nada, da decepção melancólica consigo mesmo, da facilidade em conformar-se e em desesperar. «Tudo na nossa vida, tanto hoje como na época de Jesus, começa com um encontro.»¹¹⁷

Deus fez-se carne e habita entre nós: o cristianismo é isto; não primeiramente uma doutrina, uma moral, mas Alguém presente, aqui e agora. O resto – a doutrina, a moral – vem depois. «Aquilo que fez todas as coisas [isto é, Deus, a origem, o destino, o sentido da vida] identificou-se com a precariedade de uma carne, identifica-se [ainda] com a precariedade de uma carne, torna-se audível e tangível com a precariedade de uma carne»,¹¹⁸ a de pessoas como você e como eu; uma carne frágil, cheia de limites, mas que foi agarrada e transformada. Se o cristianismo nos fascinou, se nos ligamos a uma determinada realidade, é porque vimos pessoas comprometidas de maneira diferente com as coisas de todos, com uma letícia e uma paz – mesmo na dor e na dificuldade – que desejamos para nós, com uma gratuidade e uma positividade de olhar, até diante das circunstâncias mais difíceis e contraditórias, que passamos a “invejar”; pessoas “tomadas”, mudadas

¹¹⁶ Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 7.

¹¹⁷ Francisco, *Discurso ao movimento Comunhão e Libertação*, Praça de São Pedro, 7 de março de 2015.

¹¹⁸ L. Giussani, *La verità nasce dalla carne*. Milão: Bur, 2019, p. 115.

pelo acontecimento cristão – que também para elas teve a forma de um encontro –, testemunhas de uma novidade de vida que perturba em sentido humano o ambiente ao redor delas. A origem de tal perturbação é bem descrita pela Liturgia Ambrosiana: «Tornarei evidente a minha presença na letícia de seus corações». ¹¹⁹

Desta forma, observa Giussani, se Deus se tornou carne em Jesus, «é preciso estar na carne para entender Jesus. É uma experiência o que nos faz entender Jesus. Se Deus, o Mistério, se tornou carne, nascido das entranhas de uma mulher, só se pode entender algo desse Mistério partindo de experiências materiais. Se, para fazer-se entender, se tornou carne, é preciso partir da carne». E ainda: «Se você deixa a carne de lado, o paradoxo se destrói: essa fé não interessa mais a ninguém», ¹²⁰ vira discurso, fica abstrata, vira ética, manual de instruções, e já não nos magnetiza. Só uma experiência humana é que nos permite descobrir a presença de Cristo, entender o que é a nossa relação com Ele.

4. Para identificar a verdade basta uma atenção sincera

Identificar a presença contemporânea de Cristo é fácil: são raras as presenças que nos magnetizam, que nos

¹¹⁹ «Populus Sion, ecce Dominus veniet ad salvandas gentes: et auditam faciet Dominus gloriam laudis suae in laetitia cordis vestri» (Canto da Fração do Pão [Confratório] do 4º Domingo do Advento ambrosiano. In: Messale Ambrosiano. Dall'Avvento al Sabato Santo. Milão: 1942, p. 78).

¹²⁰ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?* Milão: Bur, 2011, pp. 481, 207.

fazem experimentar a correspondência de que falamos. Por isso identificá-las é fácil: para Pedro, Zaqueu, a Samaritana e Madalena foi fácil. É fácil, mas não é óbvio. Via-se isso também com Jesus. Pensemos no escândalo e na conseqüente repulsão daqueles que O viram ir à casa de Zaqueu.

Que será que havia em Pedro, em Zaqueu, na Samaritana, em Madalena e nos outros que O encontraram, para que identificassem a Sua novidade, a Sua diversidade, a Sua unicidade? Uma atenção sincera, um olhar escancarado. De fato, «a verdade última é como encontrar uma linda coisa no nosso próprio caminho: só a vemos e reconhecemos se estivermos atentos. O problema, portanto, é essa atenção».¹²¹ Ela está ao alcance de todos, e isso é libertador, porque desobstrui o campo de uma objeção recorrente, que esconde um descompromisso com a realidade da vida: «Eu não sou capaz, não sou inteligente, faltam-me os meios para entender». Para identificar a verdade, basta a atenção.

Claro, nunca é fácil prestar atenção, como escreve Simone Weil: «Há algo em nossa alma que sente repugnância à verdadeira atenção de maneira muito mais violenta do que a carne sente repugnância ao cansaço. [...] A atenção consiste em suspender o pensamento, em deixá-lo disponível, vazio e penetrável ao objeto».¹²² Mas para permeabilizar o próprio pensamento ao objeto, para não ficar fechado na própria medida, para

¹²¹ L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 59.

¹²² S. Weil, *Espera de Deus*: cartas escritas de 19 de janeiro a 26 de maio de 1942. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 77.

«uma abertura à totalidade dos fatores em jogo»,¹²³ é preciso uma centelha de afeição a si mesmo, de interesse pelo destino da própria existência; é essa centelha, mesmo recôndita no fundo da alma, o que nos permite aceitar sermos amados, “reagir” a uma presença que afirma o nosso ser e prestar-lhe atenção.

Pedro, Zaqueu, a Samaritana, Madalena não tinham posto uma surdina na humanidade deles: no olhar deles havia uma sede, uma espera inquieta, até sofrida, que a presença daquele Homem evocara, fizera ressoar, abraçando-a, correspondendo a ela.

Decerto tal olhar escancarado foi suscitado, solicitado neles pela presença excepcional de Jesus, mas eles tiveram de favorecer aquela provocação, aquela solicitação, nada neles aconteceu magicamente ou mecanicamente (o que ocorresse de tal modo seria estranho ao humano).

Para perceber as presenças que carregam uma novidade de vida, para identificá-las, cumpre ter portanto uma atenção, uma razão afetivamente empenhada, uma humanidade viva. Não pode haver atenção ou abertura da razão sem vibração afetiva, sem interesse. Um olhar atento é sempre um olhar interessado. «Enfim, se uma determinada coisa não me interessa, não olho para ela: se não olho para ela, não posso conhecê-la. Para ter conhecimento dela, preciso fixar nela a

¹²³ L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 192. O autor observa: «De qualquer modo, estas são as questões fundamentais para um caminho humano: educar a liberdade para a atenção, isto é, para uma abertura à totalidade dos fatores em jogo, e educá-la para a aceitação, ou seja, para abraçar conscientemente o que encontramos». Desta forma, ele apresenta também o problema essencial de uma *educação* da liberdade para a atenção.

minha atenção. Atenção quer dizer, em latim, “ato ou efeito de estar propenso a...” Se me interessa, se me toca, estarei propenso a relacionar-me com ela.»¹²⁴

5. Um reconhecimento que se chama fé

Esta atenção é, pois, o início do reconhecimento da natureza do que temos diante de nós. De fato, quando se identifica uma presença de humanidade diferente – no momento em que acontece, no lugar em que acontece –, é difícil abafar uma pergunta sobre a natureza do que se vê. Perante a presença de Jesus, nas pessoas que o ouviam falar e o viam agir, nascia a pergunta: «Quem é este?» Uma pergunta estranha, suscitada pela irreduzível diversidade d’Ele. «Sabem de onde vem, conhecem sua mãe e seus parentes, todos sabem dele, mas é tão desproporcional o poder que esse homem demonstra, ele é tão grande e tão diferente em sua personalidade, que até a pergunta tem um sentido diferente: quem será que é este?»¹²⁵

A mesma pergunta nasce em nós hoje perante a presença de pessoas com quem deparamos, que conhecemos e frequentamos, de quem viramos amigos: «Quem é você, por que é assim?» A pergunta surge pela excepcionalidade da presença delas, uma excepcionalidade que se evidencia na nossa experiência. É desta maneira que se comunica o cristianismo, tanto hoje como naquela época. É o que bem dizia a carta

¹²⁴ Ibidem, p. 53.

¹²⁵ Cristo, a companhia de Deus ao homem – Cartaz de Páscoa, 1982, Comunhão e Libertação.

do amigo de cinquenta anos que acabei de citar. O surgimento da pergunta efetivamente é um sintoma do mesmo «problema exorbitante» que se apresentou às pessoas que conviveram com Jesus. Como observou o Papa Francisco: «O testemunho suscita admiração, e a admiração suscita perguntas em quem o vê. Os outros acabam perguntando-se: por que é que essa pessoa é assim? De onde lhe vem o dom de esperar, e de tratar os demais conforme a caridade?»¹²⁶

Todos te olham com a mesma ternura? Todos te olham com a mesma gratuidade? Todos te olham com a mesma paixão pelo teu destino? É tudo igual? Por isso, quando uma pessoa se acha diante de uma diversidade sem comparações – como o escritor Mencarelli com a freira – não pode deixar de fazer-se a pergunta: «Quem é este?» Aqui, neste contragolpe maravilhado que suscita uma pergunta insuprimível, tem início o percurso de conhecimento, de reconhecimento, que se chama fé.

Vejamos como isso se desdobra nos primeiros que encontraram Jesus. Tentemos identificar-nos numa das muitas cenas do Evangelho, para comparar-nos com a dinâmica cognoscitiva que emerge da narrativa. Jesus partiu com os discípulos para a região de Cesareia. No meio do caminho, a certa altura, Ele para e pergunta-lhes: «Quem dizem os homens que eu sou?» Pegos desprevenidos, arriscaram algumas respostas: «Alguns dizem que és João Batista; outros, que és Elias; outros, que és Jeremias ou um dos profetas». Nesse momento, a pergunta é feita direta e pessoalmente: «E vós, quem

¹²⁶ Francisco, *Senza di Lui non possiamo far nulla*. Cidade do Vaticano: LEV, 2019, p. 37.

dizeis que eu sou?» O primeiro a responder é Pedro, com seu jeito impulsivo de reagir: «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo».¹²⁷ Como é que pôde pronunciar essas palavras? Pedro não diz algo que ele mesmo pensou, a que ele mesmo chegou, com a capacidade de entendimento de sua razão; repete o que ouvira dizer o próprio Jesus. Não são palavras suas, conquistas suas. Por que as repete? O que torna plenamente razoável essa repetição, ainda que não possuísse plenamente seu significado? A certeza que Pedro alcançara sobre aquele homem, a experiência que fizera na relação com ele e que lhe evidenciara que, «se não posso confiar nesse homem, não posso confiar nem sequer em mim mesmo!»

6. Liberdade e confiança

Por que é que Pedro podia – devia – confiar em Jesus («se não crermos neste homem, não podemos ter confiança nem em nossos olhos»)? Cumpre ressaltar primeiramente que nós ficamos mais aptos a ter certeza sobre alguém quanto mais ficamos atentos à sua vida. Quem é que conseguiu entender que precisava ter confiança em Jesus? As pessoas que O seguiram e ficaram com Ele, e não a multidão que ia para ser curada, sem comprometer-se a si mesma num envolvimento vital. Só na convivência e na partilha podem acumular-se os sinais necessários para alcançar a certeza sobre alguém, de modo a chegar a dizer com plena razoabilidade: «Nele eu posso confiar».

¹²⁷ Cf. Mt 16,13-19.

Mas a inteligência dos sinais, a interpretação deles, exige a liberdade. Os sinais não “impõem” a conclusão a que conduzem: «A liberdade entra em jogo no terreno chamado sinal. [...] O sinal é um acontecimento a ser interpretado.»¹²⁸ Portanto, em relação à mesma pessoa de Jesus, entre o povo havia uma diversidade de interpretações. Com os sinais, vem à tona a liberdade.¹²⁹

Para muitos, a presença da liberdade representa uma objeção, percebida como algo que torna a vida pesada e enfraquece a verdade da conclusão a que se quer chegar.

Na tentativa de esclarecer a um jovem amigo meu que não só não podemos poupar-nos da liberdade, mas que ela é um bem para nós, propus-lhe um exemplo. «Imagine que, tendo passado alguns anos com sua namorada e tendo tido muitos sinais do quanto um é um bem para o outro, você decida perguntar-lhe explicitamente: “Quer casar comigo?” Ao fazê-lo, sentiria alguma trepidação?» Ele respondeu: «Tenho certeza que sim». «Por quê – repliquei –, se para você tudo já estaria claro?» «Porque ela pode dizer não», afirmou de pronto. «Então, você estaria nervoso porque não sabe se todos aqueles sinais vão bastar para sua namorada dizer sim, porque você está exposto à interpretação “dela” dos sinais, ou seja, à liberdade dela. É assim?» «Sim», confirmou-me. Neste momento lhe perguntei: «Você preferiria que tudo fosse mecânico, automático, sem correr nenhum risco pela liberdade dela, poupando-se do nervosismo, ou gostaria, correndo um risco, de que ela livremente lhe dissesse sim?» E ele: «Sem dúvida preferiria que me respondesse livremente». E

¹²⁸ L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 171.

¹²⁹ Sobre a liberdade no ato de fé, cf. DS 3035.

eu acrescentei: «E você acha que Deus quer menos do que você? Deus também prefere alguém que Lhe diga “sim” livremente». O Papa Francisco mencionou isso recentemente: «Como age Jesus? [...] Ele respeita, respeita a nossa situação, não invade. [...] O Senhor não acelera o passo, vai sempre ao nosso ritmo, [...] espera que dêmos o primeiro passo».¹³⁰ Isto não significa que Ele não nos dê sinais, todos os sinais de que precisamos, mas nós continuamos livres perante eles. Deus criou-nos e submeteu-se de certo modo à decisão da nossa liberdade, pois não há comparação entre um sim dito livremente pelo homem e uma anuência privada de exercício consciente da liberdade. E concluí: «Se não fosse o fruto da liberdade dela, seu “sim” não poderia provocar em você nenhuma explosão de alegria».

Como é decisivo dar-se conta de que a nossa liberdade não é uma complicação, mas um presente!

Desta forma, a liberdade está implicada numa interpretação dos sinais que nos permite atingir com plena razoabilidade a certeza de que posso confiar em outrem. É por causa dessa confiança que Pedro fez suas palavras que ouvira de Jesus. A fé não é um jogar-se no abismo, um ato feito sem nenhuma razoabilidade. «A fé é reconhecer como verdade aquilo que uma Presença histórica diz de si mesma.» «Um Homem disse de si mesmo uma coisa que outros aceitaram como verdadeira e que hoje, graças à maneira excepcional como esse Fato ainda me alcança, eu também aceito. Jesus é um homem que disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. [...] Dar atenção ao que fazia e dizia esse homem, de modo a conseguir dizer: “Eu creio

¹³⁰ Francisco, *Homilia em Santa Marta*, 26 de abril de 2020.

neste Homem”, aderir à Sua presença afirmando como verdade o que ele dizia: isso é a fé. A fé é um ato da razão movida pela excepcionalidade de uma Presença, que leva o homem a dizer: “Este que está falando é verdadeiro, não diz mentiras, aceito o que ele diz”.»¹³¹ Como diz o Catecismo, «*por conseguinte, “crer” tem dupla referência: à pessoa e à verdade; à verdade, por confiança na pessoa que a atesta*». ¹³²

A fé é o reconhecimento de “algo” – a presença do divino no humano – que ultrapassa a capacidade de compreensão da razão, que a razão sozinha não conseguiria definir, e ainda assim é um reconhecimento plenamente razoável, que explica o que tenho na frente dos olhos, a experiência que faço. Von Balthasar observa que há uma «*íntima conexão entre fé e experiência da realização*». ¹³³

«Ter a sinceridade de reconhecer, a simplicidade de aceitar e a afeição para se apegar a uma Presença como essa, isso é a fé. Sinceridade e simplicidade são palavras análogas. Ser “simples” significa encarar uma coisa sem introduzir fatores estranhos, emprestados de fora. [...] É preciso olhar com simplicidade para o fato, para o acontecimento; em outras palavras, é preciso olhar para o acontecimento pelo que diz, pelo que comunica à razão e ao coração, sem introduzir, para avaliá-lo, fatores alheios que não lhe concernem.»¹³⁴

¹³¹ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., pp. 32-33.

¹³² *Catecismo da Igreja Católica*, n. 177.

¹³³ H.U. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, op. cit., p. 119.

¹³⁴ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 39.

A simplicidade, pode-se dizer, consiste em submeter a razão à experiência, sem introduzir nada de estranho a ela. Está esculpida em nossa memória a forma com que Giussani falou disso perante o Papa, na Praça de São Pedro, em 1998: «Era uma simplicidade de coração o que me fazia sentir e reconhecer Cristo como excepcional, daquela maneira imediata e cheia de certeza, como a que se dá diante da evidência incontestável e indestrutível de fatores e momentos da realidade, que, tendo entrado no horizonte de nossa pessoa, nos tocam até chegar ao coração».¹³⁵

¹³⁵ Ibidem, p. 10.

CAPÍTULO 4

UM CAMINHO QUE DURA A VIDA INTEIRA

Uma vez ocorrido o encontro, após termos feito a experiência de ter sido magnetizados, «paralisados» por uma presença de humanidade diferente, em que reconhecemos – cada um conforme os próprios tempos e a própria história – a presença de Cristo aqui e agora, tendo começado a ver os frutos dela em nossa vida, pode parecer-nos que já chegamos, e assim que podemos parar de caminhar.

Temos de render-nos ao fato de que as coisas não funcionam assim. O encontro, que continuamente se renova e reacontece, é o contínuo reabrir-se de um caminho, que não pode cessar de ser percorrido. «Esse “dado” que de algum modo irrompeu torna-se o ponto de partida de um *caminho* [...]. O que foi dado torna-se o ponto de partida de uma busca, de um labor que de forma alguma é uma dinâmica de posse, mas antes o trabalho fatigante de um desejo que não deixará de aprender.»¹³⁶

¹³⁶ M. De Certeau, *Mai senza l'altro*. Magnano: Qiqajon - Comunità di Bose, 1993, pp. 26-27.

1. A necessidade de um caminho

Tão logo nos detemos, acreditando possuir o que nos foi dado, o peso e a aridez invadem nossos dias. Em vez de um florescimento, resta em nossas mãos a palha seca. Tornamos a ver o nada infiltrar-se no tecido de nosso tempo. E ficamos surpresos, decepcionados. Qual a razão de tal aridez? Mais do que nunca, nesses momentos, sentimos como nossas as palavras de ETTY HILLESUM: «Meu coração estava congelado de novo e não queria derreter-se: todos os canais estavam obstruídos e meu cérebro comprimido numa prensa».¹³⁷

O que acontece conosco? Aquilo que Ratzinger disse sobre Santo Agostinho: «Quando se converteu no jardim perto de Cassiciaco, Agostinho havia compreendido a conversão ainda segundo o esquema do venerado mestre Plotino e dos filósofos neoplatônicos. Pensava que a vida de pecado passada estava agora definitivamente superada; o convertido seria daquele momento em diante uma pessoa completamente nova e diferente, e seu caminho seguinte consistiria numa contínua subida para as alturas mais puras da proximidade de Deus, algo como o que descreveu Gregório de Nissa em *De vita Moysis*: “Precisamente como os corpos, logo que receberam o primeiro impulso para baixo, mesmo sem ulteriores estímulos, se afundam por si mesmos... assim mas em sentido contrário, a alma que se liberta das paixões terrenas se eleva constantemente para cima de si mesma com

¹³⁷ Cf. E. Hillesum, “4 de setembro [de 1941] dez e meia de quinta-feira à noite”. In: *Diário 1941-1943*, op. cit., p. 113.

um movimento veloz de ascensão... num voo sempre em direção ao alto”». ¹³⁸

Mesmo sem nunca termos usado essas palavras, nós também, muitas vezes, talvez sem fazer caso, concebemos o que nos aconteceu – o encontro, a «conversão» – segundo esquemas emprestados de fora, distantes do que vivemos. «Mas a experiência real de Agostinho era outra: ele teve de aprender que ser cristão significa, ao contrário, percorrer um caminho cada vez mais cansativo com todos os seus altos e baixos. A imagem da ascensão é substituída com a de um *iter*, um caminho, de cujas fadigosas asperezas nos confortam e amparam os momentos de luz, que de vez em quando podemos receber. A conversão é um caminho, uma via que dura a vida inteira. Por isso, a fé é sempre *desenvolvimento*, e precisamente assim maturação da alma para a Verdade, que “nos é mais íntima de quanto nós o somos para nós mesmos”». ¹³⁹

Ratzinger formula essas observações no centenário da morte de John Henry Newman, para sublinhar a concepção mais verdadeira e diferente da conversão que foi própria do cardeal inglês, agora santo: «Newman expôs na ideia do desenvolvimento a própria experiência pessoal de uma conversão jamais concluída, e assim nos ofereceu a interpretação não só do caminho da doutrina cristã, mas também da vida cristã. O sinal característico do grande doutor da Igreja parece-me que seja aquele que ele não ensina só com seu pensamento e com seus discursos, mas também

¹³⁸ J. Ratzinger, *Discurso do cardeal Joseph Ratzinger no centenário da morte do cardeal John Henry Newman*, Roma, 28 de abril de 1990.

¹³⁹ *Ibidem*.

com sua vida, porque nele pensamento e vida compenetraram-se e determinam-se reciprocamente. Se isto é verdade, então Newman pertence deveras aos grandes doutores da Igreja, porque ele toca ao mesmo tempo o nosso coração e ilumina o nosso pensamento».¹⁴⁰

Precisamos reter e tirar proveito da preciosa contribuição contida neste passo de Ratzinger: «A conversão é um caminho, uma via que dura a vida inteira»; «a fé é sempre *desenvolvimento*». Estas palavras ecoam em Péguy, com sua prosa premente: «Nada de adquirido é adquirido para sempre. E é a condição mesma do homem. E é a condição mais profunda do cristão. A ideia de uma aquisição eterna, a ideia de uma aquisição definitiva e que não será mais contestada é o que há de mais contrário ao pensamento cristão. A ideia de um domínio eterno e definitivo e que não será mais posto em discussão é o que há de mais contrário ao destino do homem, no sistema do pensamento cristão».¹⁴¹

O batismo mesmo, que introduz algo irreduzível e definitivamente novo em nós, marcando um divisor de águas entre o antes e o depois, não é senão um início: o início da luta que Cristo trava para conquistar, como *vir pugnator*, a nossa existência, para “invadi-la” e assim realizá-la. Com o Batismo, «que chama o homem a compreender e a aceitar que faz parte do acontecimento de Cristo» – o Batismo, na Igreja, «aparece sempre ligado à fé: [...] os Apóstolos e seus colaboradores» oferecem-no «a todo aquele que crer

¹⁴⁰ Ibidem.

¹⁴¹ Ch. Péguy, “Nota congiunta su Cartesio e sulla filosofia cartesiana”. In: Idem, *Cartesio e Bergson*. Lecce: Milella, 1977, pp. 254-255.

em Jesus»¹⁴² –, «nasce um homem diferente, um povo diferente».¹⁴³

Mas tal «início datado no tempo poderia até ser sepultado sob uma espessa camada de terra ou num túmulo de esquecimento e ignorância», como se dá com tantas pessoas. É encontrando «uma companhia cristã viva»¹⁴⁴ que tomamos consciência do alcance do Batismo, que surpreendemos seus frutos em nossa vida. E é pertencendo à vida desta companhia que se desenvolve em nós a graça batismal.

De novo, está implicado um caminho. Até quem foi escolhido e agarrado pelo gesto do Batismo pode, com efeito, «afundar-se no oceano de lama do mundo: isso se dá quando cede ao esquecimento, quando não vive a memória, que é a consciência da presença de Cristo, evento real na vida do homem».¹⁴⁵

Nenhuma interrupção do caminho, portanto. Mas esta evidência de que a conversão é um caminho que dura a vida inteira e de que a fé é sempre um desenvolvimento, pode induzir-nos a ceder, quase sem o percebermos, a uma tentação: a de mudar o método, ou seja – diante da vida, de suas urgências, de seus desafios pessoais e sociais –, substituir o encontro com outra coisa. Quer dizer, a tentação é dar por pressuposto o acontecimento, dar por pressuposta a fé e apostar em outra coisa: procuramos a realização da nossa vida em outro lugar e não no acontecimento que nos atraiu. Por isso Giussani escreve: «“Acontecimento”, porém, é

¹⁴² *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1226.

¹⁴³ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 73.

¹⁴⁴ *Ibidem*, p. 73.

¹⁴⁵ *Ibidem*, pp. 76.

a palavra mais difícil de ser entendida e acolhida pela mentalidade moderna e, por conseguinte, também por cada um de nós. [...] A coisa mais difícil de aceitar é que seja um acontecimento aquilo que nos desperta para nós mesmos, para a verdade da nossa vida, para o nosso destino, para a esperança, para a moralidade».¹⁴⁶ Acabamos assim por buscar refúgio e apoio em algo pensado e feito por nós, que seria na nossa opinião – embora isso se mantenha implícito – mais capaz de atacar o nada que nos circunda e se insinua em nós.

Mas por que decaímos e, depois do fascínio inicial, nos vemos presos numa luta que às vezes nos esgota? Por que mudamos de método? Há que fazer uma primeira observação. A decisão de nos centrarmos no que nos parece mais controlável por nós e até mais capaz de realizar-nos, em vez de no encontro, é fortemente promovida e facilitada, conquanto de maneira prevalentemente não manifesta, pela mentalidade que nos circunda e nos permeia. «Vivemos mergulhados numa realidade “mundana” contrária ao que nos aconteceu: essa realidade necessita do acontecimento de Cristo, tem necessidade de que esse acontecimento seja testemunhado e vivido, mas, enquanto consciência e afeição, é radicalmente estranha e adversa à personalidade nova, à “criatura nova” a que Cristo dá início.»¹⁴⁷ A contradição entre a novidade introduzida pelo acontecimento de Cristo e o contexto histórico em que estamos desafia continuamente o cristão, o batizado. Como pode este não sucumbir? Só graças à presença concreta e contínua do Mistério feito carne, que se faz

¹⁴⁶ Ibidem, p. 29.

¹⁴⁷ Ibidem, p. 76.

experimentável por meio de uma realidade cristã viva.

Longe de tal presença concreta e contínua de Cristo, que nos envolve mediante uma preferência humana («Zaqueu, desce depressa da árvore! Hoje eu devo ficar na tua casa»), cada um de nós, mesmo tendo recebido o Batismo e tendo deparado num determinado momento com a companhia da Igreja, permanece só diante de suas vontades, à mercê das forças e das bajulações do poder, das imagens de realização que lhe são fornecidas todo dia pelo contexto e que consciente ou inconscientemente faz suas.

Mas atenção: se é verdade que sem um vínculo presente com a companhia constante de Cristo, através dos rostos humanos de que Ele se serve, é difícil, se não impossível, não sucumbir à mentalidade que nos circunda, é igualmente verdade que estarmos imersos numa companhia cristã viva não nos previne automaticamente do risco de cedermos à tentação de substituir o acontecimento encontrado com outra coisa, de depositar a esperança em outra coisa, de voltar a imaginar a via da plenitude a partir de nossos próprios recursos. Esta é uma tentação que hoje é igual à do início, e o será por toda a história, e no fundo o «pecado» consiste em ceder a ela. María Zambrano observa isso a seu modo, voltando seu olhar para a origem: «Se tomamos por base o relato sagrado do Gênesis, [Adão] sucumbiu à sedução promissora do futuro: “Sereis como deuses”, não em apetite de felicidade, mas, ao contrário, saindo da felicidade que o inundava para ir buscar uma criação própria, de algo que ele fizesse; não se restringindo a contemplar o que se lhe oferecia, para fugir da pura presença dos seres de quem sabia o nome, mas não o segredo».¹⁴⁸

¹⁴⁸ M. Zambrano, *Claros del bosque*. Barcelona: Seix Barral, 2002, pp. 66-67.

Cada um de nós é chamado a ver o que acontece na vida pessoal ou comunitária quando vamos atrás da tentação de substituir a novidade produzida pelo Mistério feito carne com uma criação apenas nossa, com algo feito por nós.

2. A tentação de afirmar-se de si mesmo

Um olhar para a história nascida do carisma doado a Dom Giussani pode revelar-se precioso para entendermos os fatores que entram em jogo no caminho cristão.

Num determinado momento histórico, nos anos posteriores a 1968, no meio das contínuas pressões que vinham do contexto cultural, social e político, e que, em alguns aspectos, são parecidas àquelas a que estamos submetidos hoje, Giussani descreveu com precisão a tentação de que estamos falando. Era o ano de 1975, mas as observações que ele dirigiu a um grupo de adultos de Milão, reunidos na sala do Conservatório para o habitual Dia de Início de Ano,¹⁴⁹ valem tais e quais para nós hoje.

Giussani denunciou na realidade do movimento de CL um «decaimento» – um empobrecimento da experiência, uma confusão, uma preocupação – e o atribuiu a «uma carência de método, uma carência de atenção». Como entender essa carência de método e de atenção? Ela consiste no fato de «ser dado por óbvio o fundo da questão, a raiz da qual tudo cresce, a fonte da energia

¹⁴⁹ Refere-se à reunião no início do ano letivo dos membros do movimento Comunhão e Libertação, após as férias de verão europeu do mês de agosto.

e da inteligência; esta não é mais alimentada, cultivada, ajudada pela nossa atenção e pela nossa vontade, de modo que é como se lentamente tendesse a desaparecer, a ficar abstrata. Numa vida como a cristã, ai de quem dá por óbvio, como quer que seja, aquilo que é a origem constante do nosso rosto, da nossa personalidade, da nossa luz e da nossa força!»¹⁵⁰ Quando damos por óbvia a origem, o acontecimento ocorrido, este se transforma de fato num *a priori* que jogamos numa gaveta; damos o acontecimento por pressuposto e depois encaramos a realidade a partir de nossos próprios projetos e de nossas próprias interpretações. O acontecimento sobrevive como categoria conhecida e até utilizada, mas não como raiz vital de conhecimento e de ação. Não agimos a partir do acontecimento cristão nem esperamos dele a satisfação e a correspondência às exigências originais do coração: nós a buscamos em nossas realizações, em nossa capacidade de construção, numa afirmação de nós mesmos. Assim se produz – insensivelmente – a mudança de método que mencionamos anteriormente.

Desta forma, Giussani identifica a carência de método e de atenção no «grave predomínio da expressividade, da busca dessa expressão tanto pessoal como coletiva», na perseguição de «uma expressividade instintivamente entendida. Instintividades, exigências, necessidades que abarrotam nossa vida pessoal e se notam na nossa vida coletiva; sentimos a urgência de que todas elas sejam satisfeitas, privilegiando muito perigosamente o ponto que constitui o contínuo ali-

¹⁵⁰ FCL, *Documentação audiovisual*, Dia de Início de Ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975.

mento do nosso caminhar humano e cristão». Enfim, prevalece a busca de uma expressividade própria em detrimento desse acontecimento que entrou na vida e, prontamente, se revelou como origem de uma novidade humana, de uma inteligência e de uma afetividade novas.

Qual é a raiz do problema? Giussani responde sem hesitar: a afirmação de si como finalidade e horizonte último da ação. «O valor que perseguimos indo à igreja ou lutando numa fábrica, na escola ou na universidade, quando estamos sozinhos e quando estamos juntos, é a afirmação de nós mesmos, segundo o aspecto que interessa (seja a afetividade, o gosto e a curiosidade cultural, uma habilidade que se quer expressar, a paixão social e política). Este é o cerne da questão: o valor que estamos perseguindo, individualmente e juntos, parece-me definir-se principalmente pela necessidade de nos afirmarmos, pela pretensão e pela preocupação em nos afirmarmos de acordo com o que nos interessa, de acordo com o que sentimos como interessante para nós.»¹⁵¹ É bom notar que Giussani não está falando a um público que escolheu seguir outros caminhos, mas a pessoas que se envolveram com a experiência cristã que ele mesmo suscitara e que generosamente investem tempo e energia nos vários ambientes de sua atuação. É isso o que torna ainda mais interessante a sua observação, pois não diz respeito aos “outros”, mas a

¹⁵¹ FCL, *Documentação audiovisual*, Dia de Início de Ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975. Tolstói oferece-nos a respeito uma arguta paráfrase do Evangelho: «*Procurai o Reino de Deus e a sua verdade, que o resto vos será acrescentado. Mas nós procuramos o resto e, pelo visto, não o encontramos*» (L. Tolstói, *Ressurreição*, op. cit., p. 426).

“nós”, pessoas que vivem a proposta cristã pela qual foram atraídos.

Em seu último livro, recém-publicado, Giussani esclarece qual é o ponto crítico no marco de uma alternativa: «Em vez de afirmarmos o ser, a realidade em sua verdade integral, em seu destino total, nós ficamos determinados pela preocupação em afirmar-nos a nós mesmos». E ainda: «Nós depositamos a esperança num projeto nosso: este é o pecado, depositar a esperança num projeto nosso».¹⁵² E essa é a nossa tentação permanente. Por uma estranha e profunda fraqueza, e também por ceder a uma presunção, o homem, cada um de nós, separa-se do que o faz viver, dá-o por suposto – o que é uma forma de negá-lo – e afirma-se a si mesmo. Ele aponta para si «fixando sua atenção e seu desejo em coisas particulares e limitadas. O desígnio originário, aquilo para que o homem é criado, foi alterado pelo uso arbitrário da liberdade; os homens tendem, assim, a um aspecto particular, que, desconectado do todo, passa a ser identificado com a finalidade da vida. A experiência de todos os dias é que os homens tendem a identificar a totalidade da vida com algo parcial e limitado. E escapar a essa parcialidade não está em nossas mãos: nenhum de nós consegue, sozinho, reconquistar um olhar verdadeiro para a realidade».¹⁵³

Perseguir a afirmação de nós mesmos, contudo, não leva à plenitude e à satisfação que parece prometer-nos, não nos liberta do nada. Nossos discursos e nossos

¹⁵² L. Giussani, *Un avvenimento nella vita dell'uomo*. Milão: Bur, 2020, pp. 187, 27.

¹⁵³ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 30.

esforços são tentativas insuficientes, estéreis, como temos observado. Aliás, com todo o nosso atarefá-los, «aumenta fora de qualquer proporção a insatisfação». ¹⁵⁴ No pecado está a penitência, aquela a que Dante chamou «pena do contrapasso», pela qual «a pessoa é punida precisamente através do erro que cometeu». Com efeito, a «busca da afirmação de si, num ou nou- tro aspecto particular que mais nos interessa, sempre dá como resultado um incômodo maior. E essa atitude, que privilegia a afirmação de si, o gosto de sentir-se expressado, o gosto da própria expressividade, estraga tudo». ¹⁵⁵

Nunca como nestes tempos marcados pelo Coronavírus, vimos o limite de uma determinada forma de estar na realidade e o quanto é patético depositar a esperança numa expressividade própria. Escreveu Graham Greene: «A autoexpressão é uma coisa cruel e egoísta. Devora tudo, até o Eu. No fim descobrimos que não temos sequer um Eu para expressar. Já não há nada que me interesse». ¹⁵⁶ «Quem está centrado em si mesmo, em sua própria bondade ou inteligência, no afã ou persuasão de ter razão, acaba por já não perceber a

¹⁵⁴ FCL, *Documentação audiovisual*, Dia de Início de Ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975. Dostoiévski escreve em *Os irmãos Karamázov*: «Hoje em dia qualquer um procura dar mais destaque à sua própria personalidade, deseja experimentar em si mesmo a plenitude da vida, e, no entanto, em vez da plenitude da vida, todos os seus esforços resultam apenas no pleno suicídio, pois ele acaba caindo no pleno isolamento em vez de alcançar a plena determinação de sua essência» (F.M. Dostoiévski, *Os irmãos Karamázov*, vol. I. São Paulo: Editora 34, 2008, p. 415).

¹⁵⁵ FCL, *Documentação audiovisual*, Dia de Início de Ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975.

¹⁵⁶ G. Greene, *Un caso bruciato*. Milão: Mondadori, 1984, p. 78.

realidade em sua inexaurível e misteriosa alteridade. Assim, o único entusiasmo que se pode experimentar na vida é o de ter razão, de satisfação pessoal; e não, decerto, a surpresa pelo que acontece, pela realidade que fala à pessoa, pela graça do ser.»¹⁵⁷ Esse centrarmos-nos em nós mesmos deixa-nos surdos à realidade, à sua inexaurível e misteriosa alteridade, transforma a vida numa bolha sufocante.

O que cremos ser a fonte da satisfação leva-nos ao niilismo; privilegiar o gosto da própria expressividade estraga tudo, ou seja, reduz tudo a nada. Mas por quê? Porque vai contra a lei da realização humana. «A lei da vida é aquela que disse o Senhor: “Quem busca a si mesmo perde-se, e quem aceita perder-se encontra-se. Quem aceita perder-se por Mim reencontra-se”. É este o conceito de “conversão”.»¹⁵⁸

3. Conversão. Recuperar a fé continuamente

Eis, pois, a alternativa indicada por Giussani: «Não expressão de si, mas conversão de si. Não expressão pública, cultural, política do Movimento, mas conversão do Movimento. Esta é a palavra! É nesta conversão que,

¹⁵⁷ L. Giussani, *Un avvenimento nella vita dell'uomo*, op. cit., p. 139. Na mesma linha, De Lubac escreve: «Cremo-nos iluminados e já não sabemos discernir o essencial. Já não sabemos descobrir ao nosso redor, recém-florescidas, as mil invenções do Espírito, sempre igual a si mesmo e sempre novo» (H. de Lubac, “Le nostre tentazioni nei confronti della Chiesa”. In: Idem, *Meditazione sulla Chiesa*, op. cit., p. 200).

¹⁵⁸ FCL, *Documentação audiovisual*, Dia de Início de Ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975.

no desígnio de Deus e conforme seus tempos, também está garantido – como todos os profetas cantaram para Israel, desde que permanecesse fiel – o prêmio de Deus neste mundo: “Todos os povos virão a Ti”». ¹⁵⁹

A «conversão» ao acontecimento de Cristo é o que garante o «prêmio», o cêntuplo nesta vida – em todos os sentidos, inclusive como incidência histórica –, não a pretensão de um projeto próprio, a busca afobada de uma expressividade própria, de uma afirmação de si. Mas é este precisamente o ponto de tropeço: pois a fé, o encontro, muitas vezes nos parece frágil demais e insuficiente para obtermos a satisfação e a incidência que desejamos, a que aspiramos, assim como a imaginamos, então deixamos para trás o acontecimento e ficamos na nossa iniciativa. Tolstói captou essa atitude e suas consequências: «Pensava que acreditava, mas ao mesmo tempo sabia, com todo o seu ser, que aquela crença [...] também “não era isso”. E por isso tinha os olhos sempre tristonhos». ¹⁶⁰

Ora, se Deus, que é o significado de tudo, se fez homem e se esse acontecimento permanece na história contemporâneo à vida de cada um de nós, para o homem que o reconhece tudo deveria girar em torno dele. «O encontro que deu início ao nosso caminho tem as mesmas características, é definitivo e totalizante, de

¹⁵⁹ Ibidem. De Lubac observa a propósito: «Quando já não sabemos ver na Igreja nada além de seus méritos humanos, quando já não a consideramos mais que um meio – nobre o quanto se queira – em vista de um fim temporal, quando nela já não sabemos descobrir, embora permanecendo vagamente cristãos, em primeiro lugar um mistério de fé, quer dizer que já não a compreendemos de todo» (H. de Lubac, “Il sacramento di Gesù Cristo”. In: Idem, *Meditazione sulla Chiesa*, op. cit., p. 145).

¹⁶⁰ L. Tolstói, *Ressurreição*, op. cit., p. 276.

modo que todos os aspectos da história que vivemos fazem parte dele.» Cristo tem que ver com a vida inteira e com todos os seus meandros. «O conteúdo da fé – Deus feito homem, Jesus Cristo morto e ressuscitado – que se manifesta num encontro, e por conseguinte num ponto da história, abraça todos os seus momentos e aspectos, que, como que arrastados por um redemoinho, são levados para dentro desse encontro e devem ser enfrentados de seu ponto de vista, segundo o amor que nasce dele, segundo a possibilidade de utilidade em relação ao próprio destino e ao destino do homem que esse encontro sugere.»¹⁶¹

Para reforçar tal caráter totalizante, Giussani serve-se da diferença entre âmbito e forma. «O encontro que tivemos, totalizante por natureza, torna-se com o tempo a forma verdadeira de todos os relacionamentos, a forma verdadeira com que olhamos para a natureza, para nós mesmos, para os outros, para as coisas. Um encontro, se é totalizante, torna-se forma e não simplesmente âmbito de relações: não estabelece apenas uma companhia como lugar de relações, mas é a forma com que estas são concebidas e vividas.»¹⁶² Isso significa que o olhar para todo e qualquer aspecto da realidade, para toda e qualquer faceta da existência, é plasmado por aquele encontro. Podemos viver tudo com uma intensidade e uma dignidade inesperadas, mesmo quando estamos numa situação de aperto. Não é “poesia”, é experiência vivida. Escreveu Etty Hillesum, sentada num banquinho de madeira no campo

¹⁶¹ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 37.

¹⁶² *Ibidem*, pp. 37-38.

de concentração de Westerbork: «Aqui se aprende muito. Nomeadamente, que a vida é muito diferente do que vem escrito em todos os livros de História e que é bom viver em todo o lado, mesmo atrás de arame farpado e em barracões com correntes de ar, desde que se viva com o amor necessário pelo ser humano e pela vida». ¹⁶³

No fundo, muitas vezes, quase sem o confessarmos a nós mesmos, o pensamento que domina em nós é um ceticismo quanto à incidência do encontro e da fé, quanto à eficácia da iniciativa do Mistério no mundo. O método «suave» de Deus, como o definiu Bento XVI, parece-nos suave demais: «É próprio do mistério de Deus agir desse modo suave. Só pouco a pouco é que Ele constrói na grande história da humanidade a sua história. Torna-Se homem, mas de modo a poder ser ignorado pelos contemporâneos, pelas forças respeitáveis da história. Padece e morre, e, como Ressuscitado, quer chegar à humanidade apenas através da fé dos Seus, aos quais Se manifesta. Sem cessar, Ele bate suavemente às portas do nosso coração e, se Lhe abrirmos, lentamente vai-nos tornando capazes de “ver”. [...] Não é este precisamente o estilo divino? Não se impor pela força exterior, mas dar liberdade, conceder e suscitar amor». ¹⁶⁴

Por causa desse ceticismo, preferimos então, embora sem o declararmos – mas transparece pela maneira como nos movemos –, substituir ou “socorrer” o acon-

¹⁶³ E. Hillesum, *Cartas 1941-1943*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2009, p. 270.

¹⁶⁴ Cf. J. Ratzinger / Bento XVI, *Jesus de Nazaré*. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011, p. 246.

tecimento, o modo de revelar-se e de agir de Deus, seu estilo, com os nossos projetos, com a nossa atividade. Fazendo isso não negamos Cristo explicitamente, mas o deixamos no tabernáculo, no nicho das premissas estabelecidas: damos por pressuposta a fonte, tiramos-lhe a carne e a transformamos numa inspiração que justifica o que nós pensamos e queremos, a afirmação de nós mesmos.¹⁶⁵ É por isso que Giussani nos convida a uma conversão pessoal e coletiva.

Conversão! De que se trata e por que é esta a questão? «Converter-se é recuperar continuamente a fé, e a fé é reconhecer um fato, o fato que aconteceu, o acontecimento grande que permanece entre nós. Quem tinha fé há dois mil anos? Aqueles, poucos ou muitos que fossem, que reconheciam naquele Homem a presença de Algo grande, sobrenatural. Algo que não se via como Ele era visto, mas que evidentemente estava n'Ele, pois “ninguém é capaz de falar e fazer as coisas que Tu dizes e fazes, se Deus não está com ele”, disse Nicodemos a Jesus. Recuperar a fé, portanto, significa recuperar continuamente a consciência e a adesão ao Mistério que está entre nós, ao acontecimento que está em nós e entre nós: em cada um de nós, pelo Batismo; e entre nós, então, como parte da Igreja de Deus.» Se essa conversão se tornar realmente «projeto da nossa vida, então seremos muito mais capazes de estar prontos, disponíveis e capazes em todos os compromissos que a história nos exigir dia após dia».¹⁶⁶

¹⁶⁵ Cf. A respeito Congregação para a Doutrina da Fé, Carta *Placuit Deo* aos Bispos da Igreja católica sobre alguns aspectos da salvação cristã, 2.

¹⁶⁶ FCL, *Documentação audiovisual*, Dia de Início de Ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975.

Giussani prossegue e detalha: recuperar a fé continuamente significa «recuperar a fé como inteligência e como obediência». Aqui há duas dimensões da fé – inteligência e obediência – que temos de olhar com atenção.

Começemos pela primeira. «O acontecimento que há dentro de mim e entre vocês, entre nós, é percebido por uma inteligência. A fé, de fato, é um gesto da inteligência», mas de uma inteligência «mais profunda e maior do que a inteligência usual da razão natural, pois penetra o nível das coisas em que as coisas assumem sua consistência e seu significado. Recuperar a fé como inteligência significa reconhecimento contínuo do fato que está entre nós: “Todos nós que comemos desse Pão somos uma só coisa. Sois cada um membros uns dos outros, carregai cada um, então, os pesos uns dos outros”». ¹⁶⁷

Pergunto-me: como é que hoje nós podemos falar, no mundo em que estamos, com todas as conquistas e os desenvolvimentos que o caracterizam, com todos os ceticismos e os preconceitos que o enrijecem, das coisas a que estamos aludindo? Com que autoridade podemos dizê-las? Só com a autoridade da vida, de uma experiência, ou seja, só se crescer em nós uma autoconsciência nova e, pois, um jeito novo e mais humano de estarmos dentro das situações de todos. Como ressaltou Berdiaev, «a libertação espiritual é acompanhada não de uma passagem abstrata, mas sim da concretude [...], é a vitória sobre o poder da estranheza». ¹⁶⁸ E

¹⁶⁷ Ibidem.

¹⁶⁸ N. Berdiaev, *Schiavitù e libertà dell'uomo*. Milão: Bompiani, 2010, p. 627.

ainda, como é que podemos dizer, com as palavras de Giussani: «Nós constituímos o lugar onde o nobre esforço do homem em prol da libertação encontra maior realização»? Como podemos dizer essas coisas, «se a realidade divina, o mistério de Cristo que há entre nós e em nós, não se mantém continuamente presente, se não é o conteúdo de uma autoconsciência nova?» A autoconsciência nova «é realmente uma outra forma de perceber-se a si mesmo, é uma outra forma de perceber a presença do outro, quem é o outro e qual é a minha relação com ele. “Todos nós somos uma só coisa, de modo que sois membros uns dos outros: carregai pois os pesos uns dos outros”. Enquanto isso não se tornar o projeto de cada manhã, o programa de cada dia, o que é que estamos fazendo [no mundo]? Nossa posição perante o mundo torna-se logo um discurso entre os demais, uma ideologia entre os demais e a enésima ilusão jogada na cara do homem».¹⁶⁹

A segunda palavra usada por Giussani para indicar a conversão, essa recuperação contínua da fé, é «obediência». Trata-se não apenas da fé como inteligência, como «percepção da novidade que há dentro de nós e entre nós, mas também como obediência a essa realidade reconhecida e percebida em nós e entre nós, obediência a essa unidade com o mistério de Cristo, que eu sou e vocês são, obediência a essa unidade entre mim e vocês. A unidade do sangue que uma mãe garante é menos profunda e definitiva do que esta, como disse o Senhor aquela vez que, afastando-se da multidão, alguém lhe disse: “Mestre, aqui estão tua mãe e teus

¹⁶⁹ FCL, *Documentação audiovisual*, Dia de Início de Ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975.

irmãos”. “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos e meus parentes? Aquele que faz a vontade do Pai, este é minha mãe, irmão e irmã”». ¹⁷⁰

Retomaremos mais detidamente esta palavra – obediência – ao final de nosso percurso. Perguntemo-nos agora: qual é a verificação de que a *fé* como *reconhecimento*, como inteligência da novidade que há em nós e entre nós, e como *obediência* a essa realidade reconhecida, à «nossa unidade naquele homem, Cristo», ¹⁷¹ é real em você e em mim? Qual é a verificação da conversão? Essa verificação é uma humanidade nova, antecipação da felicidade final.

É a experiência testemunhada por São Paulo em suas cartas. «Se algum outro pensa que pode confiar na carne, eu mais ainda: fui circuncidado no oitavo dia, sou da estirpe de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus; quanto à observância da Lei, fariseu; no tocante ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que vem da Lei, irrepreensível. Mas essas coisas, que eram lucro para mim, considere-as prejuízo por causa de Cristo. Mais que isso, julgo que tudo é prejuízo diante deste bem supremo que é o conhecimento do Cristo Jesus, meu Senhor. Por causa dele, perdi tudo e considero tudo como lixo, a fim de ganhar Cristo e ser encontrado unido a ele. E isto, não com a minha justiça que vem da Lei, mas com a justiça que vem pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus, fundada na fé. É assim que eu conheço Cristo, a força da sua Ressurreição e a comunhão com os seus sofrimentos, tornando-me

¹⁷⁰ Ibidem.

¹⁷¹ L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*. Milão: Bur, 2006, pp. 25-26.

semelhante a ele na sua morte, para ver se chego até a Ressurreição dentre os mortos. Não que eu já tenha recebido tudo isso, ou já me tenha tornado perfeito, mas continuo correndo para alcançá-lo, visto que eu mesmo fui alcançado por Cristo Jesus. Irmãos, eu não julgo já tê-lo alcançado. Uma coisa, porém, faço: esquecendo o que fica para trás, lanço-me para o que está à frente. Lanço-me em direção à meta, para conquistar o prêmio que, do alto, Deus me chama a receber, em Cristo Jesus.»¹⁷²

Que significa, então, correr com vista ao prêmio? É só um adiamento para o futuro? Para esclarecer a experiência subentendida em tal corrida, Giussani debruça-se sobre a palavra que São Paulo, e portanto a liturgia, adota para indicá-la. Acrescenta assim uma observação que para nós, para a nossa experiência – tua e minha – de homens que desejam a realização, é capital: «O prêmio começa nesta vida, é a humanidade nova que foi prometida. São Paulo e a liturgia usam um termo muito claro, “penhor”, o penhor do Espírito. “Penhor” quer dizer “antecipação”, antecipação da felicidade final nesta vida. É isto que nós somos chamados a experimentar e a viver para dá-lo aos outros, ao mundo, aos homens, pois esse dom novo de humanidade nova é o melhor conselho para que os esforços humanos não sejam mistificados e mistificantes, decepcionantes no fim das contas».¹⁷³

Uma humanidade nova, diferente, mais verdadeira, mais completa, mais desejável, é o único “conselho”

¹⁷² Fl 3,4-14.

¹⁷³ FCL, *Documentação audiovisual*, Dia de Início de Ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975.

que pode abrir uma brecha na nossa consciência de homens, e de homens contemporâneos; o único conselho que pode ser ouvido como a um convite que fascina e liberta. A definição destas coisas necessariamente as mantém num nível genérico, mas o dito «vale para a sua vida familiar, com sua mulher, com seu marido, com seus filhos, vale para a relação com as pessoas do trabalho, vale para as relações que você deve ter com cada um que encontra, para cada acontecimento que ocorra na prosperidade e na adversidade, a fim de sermos igualmente humildes na prosperidade e seguros na adversidade».¹⁷⁴

Uma humanidade nova, uma antecipação da felicidade final, e portanto um jeito novo de conceber as coisas, um conhecimento novo, *um olhar verdadeiro para o real*. Este é o prêmio, a meta a que nos conduz a conversão de que falamos.

¹⁷⁴ Ibidem.

CAPÍTULO 5

A RELAÇÃO COM O PAI

Em que consiste um olhar verdadeiro para o real? Quem já o viveu? Quem o introduziu na história e pode ajudar-nos a vivê-lo?

Jesus viveu na terra como cada um de nós. Como verdadeiro homem, lidou com coisas específicas, finitas, fugazes, padeceu provações e sofrimentos, até o sofrimento extremo da cruz. O que lhe permitiu não sucumbir à parcialidade, não acabar no niilismo ou no desespero ante a prova suprema? Como é que Cristo nos ajuda a não ser engolidos pela parcialidade das coisas e das situações, pela angústia de nossas tentativas de autoafirmação, pelo vazio de sentido, pelo desespero?

1. Nossa vida depende de Outro

Em *A conveniência humana da fé*,¹⁷⁵ Giussani retoma e comenta um trecho de Ratzinger, que na *Introdução ao cristianismo* escreve: «O que acontece quando eu mesmo me torno cristão, quando me submeto ao nome desse Cristo, aceitando-o como o homem decisivo, como o padrão do ser humano? Qual é a conversão do ser que realizo nesse ato, que atitude eu assumo perante o ser humano? Qual é a profundidade desse ato?

¹⁷⁵ L. Giussani, *La convenienza umana della fede*. Milão: Bur, 2018.

Qual é a avaliação da realidade como um todo que se realiza nesse momento?»¹⁷⁶

Depois de propor esse texto, Giussani retoma algumas frases e desenvolve suas implicações: «Ratzinger começa dizendo que ser cristão quer dizer submeter-se ao nome desse Cristo – “nome” em sentido hebraico –, a essa Presença, à força dessa Presença, “aceitando-o”, reconhecendo-o “como o homem decisivo” que deve investir minha vida, como o critério, “o padrão do ser humano”. Eu deveria tentar agir como Ele age».¹⁷⁷

Qual é então a primeira mudança que se produz em nós, a primeira novidade que se introduz quando nos «submetemos» ao nome de Cristo, aceitando-o como o padrão de cada ação nossa? Em primeiro lugar, «a consciência de que a nossa vida depende de Outro e está em função desse Outro! Nossa vida, quando acordamos de manhã e tomamos café, quando arregaçamos as mangas para pôr as coisas de casa em ordem, quando vamos trabalhar, qualquer que seja esse trabalho (não há nenhuma diferença), nossa vida depende de algo diferente, maior, irremediavelmente maior, do qual está em função».¹⁷⁸

Giussani afirma que esta é a primeira coisa fundamental que Cristo como homem, Cristo como modelo de vida, como parâmetro, como critério de ação, produz, deve produzir em nós: «A consciência de que nós somos “de” algo maior, de que somos “do” Pai. Isso é

¹⁷⁶ J. Ratzinger, *Introdução ao cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 66.

¹⁷⁷ L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, op. cit., pp. 126-127.

¹⁷⁸ *Ibidem*, p. 127.

bem intuído quando a pessoa entende que toda a existência d'Ele está “em função” do Pai, é “propriedade” do Pai, é “do” Pai». ¹⁷⁹ «Pai», esta é a grande palavra.

No momento que estamos vivendo, depois do Coronavírus ter-nos conscientizado mais unanimemente do quanto somos frágeis, vulneráveis e dependentes do que acontece, essas palavras sobressaem com evidência renovada e dramática em seu alcance.

É precisamente o caráter decisivo da referência ao “pai” o «que havia intuído confusamente o apóstolo Filipe, quando, uma hora antes de Cristo ser preso, lhe perguntou: “Falas do Pai o tempo todo, mostra-nos o Pai de uma vez por todas, e ficaremos contentes!” Ele entendia que esta era a palavra que revolucionava o modo normal com que os homens sentem a si mesmos, a palavra que ia à raiz de tudo e abraçava o horizonte de tudo, pois o Pai é o horizonte de tudo, a raiz de tudo, infinitamente mais do que a comparação mais próxima que podemos fazer, a da criança recém-concebida, cujo horizonte total e raiz total é o útero da mãe (mãe e pai, dá no mesmo)». Trata-se aqui de uma paternidade última, radical e contínua. «*Tam pater nemo*, ninguém é tão pai, Ele é o único Pai, toda a nossa vida é em função d'Ele, é propriedade d'Ele. “Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me conheces? Quem me viu, viu o Pai.” Esta é a origem da ternura e da admiração sem fim que Dostoiévski tinha por Cristo, pois no Filho está o mistério do Pai, a quem nós pertencemos, que se torna familiar.» ¹⁸⁰

Para indicar essa familiaridade do Mistério, dessa fonte intangível da qual brotam o cosmos e o meu eu,

¹⁷⁹ Ibidem.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 128.

assim como o eu de todo mundo, à qual pertence em última instância todo o ser, «pai» é a palavra menos distante que podemos usar: pai e mãe são os símbolos mais próximos, os sinais mais próximos dessa familiaridade. Ora, Deus tornou-se um de nós. Mas o que Cristo introduz em nós, como modelo de humanidade, como parâmetro, é essa consciência profunda e cada vez mais invasiva de que nós pertencemos a algo maior a que podemos dizer «Pai». Temos de reconhecê-lo no nosso trabalho e nas nossas relações, de modo que o trabalho ganhe intensidade e seja oferecido, e as relações fiquem cheias de misericórdia e de caridade».¹⁸¹

Que via escolheu o Pai para introduzir-nos na relação profunda e familiar Consigo? Enviou seu Filho, tornando-o presença identificável por nós, para que no Filho feito homem por obra do Espírito Santo¹⁸² pudéssemos «ver» a que espécie de relação de intimidade com Ele nós somos chamados e que tipo de novidade isso insinua na forma de olhar e de tratar todas as coisas.

Como foi que o homem Cristo introduziu aqueles que o ouviram falar e o viram agir na consciência de pertencerem ao Pai? Cada gesto seu, cada palavra sua, cada olhar seu estava investido e plasmado pela consciência do Pai, testemunhava a consciência do Pai. «Cristo, como homem, era totalmente determinado por essa consciência, tanto é verdade que pôde dizer: «Eu e o Pai somos um» (Jo 10,30). A quem quer que O

¹⁸¹ Ibidem.

¹⁸² «Aquilo que Jesus diz do Pai e de Si-Filho brota daquela plenitude do Espírito que está nele mesmo e se derrama no seu coração, impregna o seu próprio «Eu», inspira e vivifica, a partir da profundidade do que Ele é, a sua ação» (João Paulo II, Carta encíclica *Dominum et vivificantem*, 21).

parasse enquanto caminhava, enquanto estava falando com os apóstolos, enquanto estava lá comendo, e Lhe perguntasse: “De que é que está cheia a tua consciência neste momento?”, Ele diria: “Do Pai”. “Eu tenho um alimento para comer que vós não conheceis. O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e levar a termo sua obra” (Jo 4,32-34). Levar a termo a obra d’Ele, esta é a vida.» Giussani, então, prossegue falando de si e de nós, independentemente do que façamos ou do caminho em que estejamos: «Minha vida é levar a termo a obra d’Ele, não porque sou padre; para mim é exatamente como para você, que é uma datilógrafa!»¹⁸³

A experiência de Cristo é a experiência com que nós somos chamados a comparar-nos, a identificar-nos, é para ela que temos de olhar. Se agora alguém nos parasse na rua enquanto andamos e nos perguntasse: «De que é que está cheia a sua consciência neste momento?», o que responderíamos? Que fique claro, não se trata de repetir certas palavras, mas de surpreender do que efetivamente está cheia a nossa consciência enquanto vivemos.

Que quer dizer ter consciência do Pai? Quem é o Pai? O Pai é a origem de todas as coisas, da qual em última instância provêm, procedem todas as coisas, tanto a flor do campo como o rosto da pessoa amada. E que nexos há entre a consciência que Cristo tem do Pai e a relação que Ele tem com a realidade? Que interesse tem para nós esse modo d’Ele viver sua vida humana em relação com o Pai?

Em Cristo se tornou familiar o modo de relacionar-se com o ser que corresponde ao coração, que satisfaz,

¹⁸³ L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, op. cit., pp. 128-129.

realiza, não decepciona. É para isto que fomos feitos: «Reconhecer que a realidade procede do Mistério deveria ser algo familiar à razão, já que é justamente no reconhecimento da realidade tal como é, ou seja, como Deus a desejou, e não reduzida, achatada, sem profundidade, que encontram correspondência as exigências do “coração” e se realiza até o fundo a possibilidade de razão e de afeição que nós somos. De fato, a razão, por seu dinamismo original, só se pode realizar reconhecendo que a realidade mergulha suas raízes no Mistério. A razão humana atinge seu ponto mais alto, é realmente razão, portanto, quando reconhece as coisas pelo que são, e as coisas são enquanto procedem de Outro».¹⁸⁴

Reconhecer a realidade como proveniente do Mistério não é uma ilusão própria de visionários, um autoconvencimento, mas o ápice de um uso verdadeiro da razão e da afeição. Quão familiar isso é para nós? Quantas vezes reconhecemos o Mistério ao olharmos para as coisas habituais? Não é questão de dotes. Reconhecer a realidade como sinal do Mistério está ao alcance de todos, como afirma São Paulo em sua carta aos Romanos: «O que de Deus se pode conhecer é entre eles manifesto, já que Deus o manifestou a eles. De fato, os atributos invisíveis de Deus, seu poder eterno e sua divindade, são compreendidos através das coisas feitas por ele».¹⁸⁵

Posto que esteja ao alcance de todos, não pode ser dado por óbvio. Pelo contrário. Aquilo que deveria ser

¹⁸⁴ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 29-30.

¹⁸⁵ Cf. Rm 1,19-20.

tão familiar à nossa razão – estruturalmente feita para captar o significado da realidade – quanto conforme à nossa liberdade, historicamente nos parece distante, fora de foco, não conseguimos vê-lo e afirmá-lo. Tanto é verdade que, quando reconhecemos o real como sinal do Mistério, ficamos admirados. Quer dizer que para nós não é uma experiência rotineira. Rotineira é, se muito, uma outra forma de nos relacionarmos com a realidade, que considera sua existência óbvia.

Qual é a experiência cotidiana da relação com as pessoas, com as coisas e com os eventos própria de Jesus, tal como a ilustram os Evangelhos? Jesus percebe a realidade toda como acontecimento: «A dinâmica do acontecimento descreve cada instante da vida: a flor do campo que “o Pai veste melhor que ao rei Salomão” é um acontecimento; o passarinho que cai – “e o Pai celeste sabe” – é um acontecimento; “os cabelos contados da cabeça” são um acontecimento. Mesmo os céus e a terra, que existem há milhões de séculos, são um acontecimento, um acontecimento que se dá ainda hoje como novidade, já que sua explicação não pode ser esgotada. Vislumbrar uma “outra coisa” na relação com tudo significa que a própria relação é um acontecimento».¹⁸⁶

É difícil não ficar surpreso e atraído pelo olhar de Jesus sobre o real, que os Evangelhos descrevem. Ele testemunha um jeito de viver a realidade que não a achata, não a reduz, mas encarna e testemunha uma relação verdadeira e inteira com cada aspecto do real. Ao testemunhar-nos como olhar para tudo – a flor do campo, o passarinho que cai, a pessoa que sofre –, Je-

¹⁸⁶ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., pp. 27.

sus introduz-nos numa familiaridade com o Mistério que está acontecendo agora: tudo pode ser vivido como acontecimento, ou seja, enquanto proveniente agora – em última instância – do Mistério.

O que Lhe permitia viver o real com essa intensidade? Sua relação com o Pai. Para retomar os termos utilizados antes, Jesus não punha sua esperança numa afirmação de Si, numa expressividade Sua, mas na relação com o Pai (mesmo os milagres jamais foram uma ostentação de capacidades, mas sempre uma referência ao Pai, realizados para que todos enxergassem o Pai e reconhecessem que o Pai o enviara). Sua forma de viver como homem não era uma afirmação de Si, mas uma obediência à vontade do Pai. Sua relação constante com o Pai, da qual sua consciência estava cheia a todo momento, fazia-O viver tudo com uma intensidade e uma densidade sem comparações. No homem Cristo, vemos espelhado em sua plenitude o conteúdo da frase de Romano Guardini: «Na experiência de um grande amor, [...] tudo o que acontece torna-se um acontecimento no seu âmbito».¹⁸⁷

Nada O atraía como o Pai: «Eu e o Pai somos um».¹⁸⁸ Nem o mal que sofria conseguia separá-Lo do Pai. Pelo contrário, era aí que se via toda a densidade de Sua relação com o Pai, que O levava a confiar-se além de qualquer medida. «Esta confiança originária no Pai, não perturbada por qualquer suspeita, funda-se na comunhão do Espírito Santo com o Pai e o Filho: no Filho, o Espírito mantém viva a confiança inabalável de

¹⁸⁷ R. Guardini, *L'essenza del cristianesimo*. Brécia: Morcelliana, 1980, p. 12.

¹⁸⁸ Jo 10,30.

que cada ordem do Pai – e ainda que fosse a transformação da separação em desamparo – será sempre um decreto de amor, a que agora, já que o Filho é homem, se há de responder com a obediência humana.»¹⁸⁹ Aqui está a raiz da vitória de Cristo sobre o nada. A maneira de viver do Filho é a vitória sobre o nada.

Em tudo o que faz, Cristo testemunha sua relação com o Pai. «Quem crê em mim, não é em mim que crê, mas no Pai que me enviou.»¹⁹⁰ Tudo, cada gesto ou palavra, remete ao Pai, ao Mistério. Cada olhar ou ação Sua são invadidos por essa Presença. Como diz Giussani, com aquela frase que me propus repetir sempre que possível, «o homem Jesus de Nazaré – tomado pelo mistério do Verbo e por isso assumido na própria natureza de Deus (mas sua aparência era absolutamente igual à de todos os homens) –, este homem não era visto fazendo um só gesto sem que a forma desse gesto demonstrasse a consciência do Pai».¹⁹¹ Insistindo no que caracterizava a autoconsciência do homem Jesus, Giussani retoma as palavras do Evangelho de João: «“O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e levar a termo sua obra”. Ou então: “Meu Pai trabalha até agora, e eu também trabalho”. Sua vida é como uma mimese constante, como uma imitação constante, como um espelho; Sua consciência era constantemente espelho do Pai. “Por mim mesmo, eu não posso fazer coisa alguma. Julgo segundo o que ouço”, o que

¹⁸⁹ Cf. H.U. von Balthasar, *Se não vos tornardes como esta criança*. Lisboa: Paulus, 2014, p. 38.

¹⁹⁰ Cf. Jo 12,44.

¹⁹¹ L. Giussani, “Um homem novo”, *Passos-Litterae communionis*, n. 68, mar./abr. 1999, pp. VII-IX. Também disponível em portugues.clonline.org/passos/página-um/um-homem-novo.

ouço na consciência, “e o meu julgamento é justo, porque não busco minha própria vontade, mas a vontade daquele que me enviou”». ¹⁹²

Jesus vivia na consciência de que todo o seu valor dependia da relação com o Pai. Fora dessa relação nada duraria, nada teria consistência. O Pai, a relação com Ele, dava espessura e significado a todas as coisas: «Jesus maravilha-se com todas as coisas: [...] desde a mais pequenina flor até ao céu infundo. Mas este assombro provém do enlevo muito mais profundo do Filho eterno que, no Espírito absoluto do amor, se encanta com o próprio amor que tudo penetra, anima e excede. “O Pai é maior”». ¹⁹³

2. Seguir Jesus: ser filho

Como é que para cada um de nós, historicamente, pode tornar-se familiar esse olhar sobre o mundo e sobre nós mesmos? Na companhia de Jesus. Convém-nos aprender o olhar de Jesus para o real, porque «se o homem não olha para o mundo como algo “dado”, como um acontecimento, ou seja, a partir do gesto contemporâneo de Deus que o dá a ele, o mundo perde toda a sua força de atração, de surpresa e de sugestão moral, deixa de sugerir a adesão a uma ordem e a um destino das coisas». ¹⁹⁴ No entanto, quando o real é reconhecido como acontecimento, como originado pelo Mistério,

¹⁹² L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, op. cit., p. 129.

¹⁹³ H.U. von Balthasar, *Se não vos tornardes como esta criança*, op. cit., p. 51.

¹⁹⁴ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 27.

produz-se na própria vida uma intensidade incomparável: «Que intensidade é prometida à vida daquele que percebe, a cada instante, a relação que tudo possui com a origem! Cada instante tem uma relação definitiva com o Mistério, e assim nada se perde: existimos para isso, e essa é a nossa felicidade».¹⁹⁵

É a relação com o Pai o que preenche de significado e de positividade todo e qualquer instante, até o mais efêmero. E nós precisamos ter consciência disso: «Não há momento / que não se grave em nós com a potência / dos séculos; e a vida tem em cada batimento / a medida tremenda do eterno».¹⁹⁶ Senão tudo se desagrega e o vazio de sentido vence. Por isso, seguir Jesus é da máxima conveniência para nós. Seguindo-O, podemos ver cumprir-se a Sua promessa: «Quem me segue terá o cêntuplo nesta vida». Na companhia de Jesus, a relação verdadeira com o real pode tornar-se experiência estável em nós, a religiosidade – isto é, a relação reconhecida e vivida com o Mistério, dentro de tudo, tendo relação com tudo – pode tornar-se experiência de todo instante, e com isso pode ser contínua a diferença de vida que dela deriva.

Nada se perde com Cristo, pois Ele nos permite entrar numa familiaridade com o Pai. «Depois de tanto conversarmos e depois de tanta companhia, podemos começar a sentir que tipo de intensidade, de nobreza e de leveza de vida, que tipo de vida diferente isso introduz! [...] “Eu desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E esta

¹⁹⁵ Ibidem, p. 30.

¹⁹⁶ A. Negri, “Tempo”. In: Idem, *Mia giovinezza*. Milão: Bur, 2010, p. 75.

é a vontade daquele que me enviou: que eu não perca nenhum daqueles que ele me deu”. Que eu não perca nada! Jesus referia-se aos apóstolos, aos discípulos, mas pode expandir-se o sentido dessa frase. A vontade do Pai é que eu não perca nada do que Ele me deu: cada momento, cada circunstância de vida, cada provocação, cada coisa para fazer. É uma intensidade espontânea, cada vez mais espontânea – não é uma fixação.»¹⁹⁷

Trata-se da intensidade testemunhada por Bonhoeffer numa das cartas escritas na prisão, onde acabou morrendo por causa de sua oposição ao regime nacional-socialista: «Deixai passar, irmãos queridos, o que vos atormenta e vossa falta aumenta, vê-lo-ei restituído”. Que significa “vê-lo-ei restituído”? Nada fica perdido, em Cristo tudo está guardado, protegido, naturalmente em figura transformada, transparente, claro, [...] Cristo restitui todas as coisas, assim como Deus as quis originalmente, sem a deturpação do pecado».¹⁹⁸

Todas as circunstâncias são suscetíveis de carregar a novidade que Cristo introduziu no mundo. Mas, para que isso ocorra, não é suficiente um esforço nosso – embora isso não signifique que nossa liberdade não seja necessária –. Observemos com atenção o que quer dizer seguir Jesus. Qual é a via que Jesus nos testemunha? Não o esforço, mas a filiação. Ser filho. Jesus ensina-nos o que significa ser filho testemunhando-nos como Ele é filho. A via da plenitude que Ele apresenta não é a de sermos capazes, mas a de sermos filhos.

¹⁹⁷ L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, op. cit., pp. 129-130.

¹⁹⁸ D. Bonhoeffer, *Resistência e submissão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968, p. 93.

São Paulo lembra aos cristãos da Igreja nascente a fonte dessa familiaridade: «E a prova de que sois filhos é que Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: “Abá, Pai!”»¹⁹⁹ E ainda: «Vós não recebestes espírito de escravos, para recairdes no medo, mas recebestes o Espírito de adoção filial e no qual clamamos: “Abá, Pai!”».²⁰⁰ Bento XVI comenta: «Tornando-se um ser humano como nós, mediante a Encarnação, a Morte e a Ressurreição, Jesus [...] acolhe-nos na sua humanidade e no seu próprio ser Filho, e assim também nós podemos entrar na sua pertença específica a Deus. Sem dúvida, o nosso ser filhos de Deus não contém a plenitude de Jesus: devemos ser cada vez mais filhos, ao longo do caminho de toda a nossa existência cristã, crescendo no seguimento de Cristo, na comunhão com Ele, para entrar sempre mais intimamente na relação de amor com Deus Pai, que ampara a nossa vida. É esta realidade fundamental que nos é proporcionada, quando nos abrimos ao Espírito Santo e Ele nos faz dirigir a Deus, dizendo-lhe: “Abá!”, Pai! Realmente passamos para além da criação na adoção com Jesus; unidos, estamos verdadeiramente em Deus e somos filhos de um modo novo, numa dimensão renovada».²⁰¹ Com efeito, ressalta H. Schlier, o ser em Cristo Jesus «manifesta-se a nós, torna-se acessível e presente a nós, torna-se experiência histórica nossa no “ser no Espírito” [...]. De fato, no Espírito, Jesus Cristo manifesta-se e oferece-se à experiência».²⁰²

¹⁹⁹ Gal 4,6.

²⁰⁰ Rm 8,15.

²⁰¹ Bento XVI, *Audiência geral*, 23 de maio de 2012.

²⁰² H. Schlier, *Linee fondamentali di una teologia paolina*. Bréscia: Queriniana, 2008, p. 156.

É a esse tornar-se filho que Isacco della Stella se refere, sugestivamente, em seus *Sermões*: «Que mais pode desejar o servo, senão tornar-se filho? Aliás, quem, meus irmãos, ousaria, ainda que debilmente, acreditar nisso, se a própria bondade de Deus não o permitisse e o promettesse?»²⁰³ E pouco depois: «*Assim como eu e tu somos uma só coisa, assim eles sejam uma só coisa conosco*. Eis para onde se inclina o servo, para onde se reconcilia o inimigo, para que de inimigo se torne servo, de servo amigo, de amigo filho, de filho herdeiro, de herdeiro um; mais ainda, se torne um com a própria fonte da herança; e assim como não poderá ser privado de si mesmo, do mesmo modo não poderá ser privado da herança que é o próprio Deus».²⁰⁴

Nosso erro é achar que a diversidade de Jesus reside numa capacidade superior, que Lhe permitiria fazer o que nós não conseguimos fazer: viver sem ceder ao nada. Mas Jesus não decai nem cai na aridez, não é vítima do nada, porque vive pelo Pai. Esta é a Sua única força: «Eu vivo pelo Pai».²⁰⁵ Sua diversidade não está na capacidade de ser Ele mesmo autonomamente. Sua diversidade está em ser Filho. Aqui está toda a diferença qualitativa de Cristo.

O conteúdo da autoconsciência d'Ele é a relação com o Pai. «“Quem fala por si mesmo, procura sua própria glória” [a afirmação de si] – e isso nos corta a cabeça: é só pensar em quando discutimos – “mas quem procura a glória daquele que o enviou, é verdadeiro”».

²⁰³ Isacco della Stella, “Sermone V”. In: M.A. Chirico (Org.), *Pensieri d'amore*. Casale Monferrato: Piemme, 2000, p. 102.

²⁰⁴ Ibidem, p. 110.

²⁰⁵ Jo 6,57.

Não devemos buscar a afirmação de nossos próprios pontos de vista, mas a afirmação cheia de tentativa e de humildade da verdade, na busca do “parecer” d’Aquele que nos enviou.»²⁰⁶

Que quer dizer não buscar a afirmação de nossos próprios pontos de vista? É uma atitude diferente da consciência. «A palavra “consciência” na boca do cristão é totalmente oposta à mesma palavra na boca do homem moderno. Na boca do homem moderno, a palavra consciência (“eu sigo a minha consciência”) significa o lugar onde a pessoa gera suas opiniões, seus pensamentos, e tem o direito de afirmar o que pensa e sente, pois se entende como a fonte de tudo: a consciência é concebida como a fonte dos critérios e das opiniões.» Já para o homem cristão, a consciência é «o lugar de si onde a pessoa procura e escuta a verdade de Outro; por isso o cristão é humilde por natureza, e quando a coisa é clara ele tem certeza, é humildemente seguro e totalmente disponível a pôr em ação suas energias numa procura, em “ouvir”, como diz o Evangelho de João: “Aquele que me enviou é verdadeiro, e o que ouvi dele é o que eu falo ao mundo”. Dizemos aquilo que ouvimos».²⁰⁷

Escutar a verdade de Outro, dizer o que se ouviu de Outro: por acaso é um comportamento árduo ou estranho? Não, respondeu Giussani, referindo-se aos adultos a quem estava falando: «Vocês o fazem sempre; perdão, fazem muitas vezes», só precisam tomar consciência disso. «Que grandeza é vocês terem consciência de que o fazem, surpreenderem-se ao dizer ou

²⁰⁶ L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, op. cit., p. 130.

²⁰⁷ *Ibidem*, pp. 130-131.

ao aconselhar as coisas aos filhos, bem como aos amigos, porque é o mesmo, surpreenderem-se ao falar aos filhos e poderem dizer: “Aquele que me permite falar assim é verdadeiro, e o que eu ouvi d’Ele é o que eu falo, o que eu ouvi d’Ele é o que estou falando ao meu filho”.»²⁰⁸ Quando, na relação com os filhos, essa consciência nova atua, «que tranquilidade, que segurança, que paz existe, então! Vocês ficam livres até perante a resposta que o filho poderá dar. Mas quando é a nossa opinião que conta, queremos que passe a qualquer custo: dominamos». ²⁰⁹ São estes os sinais concretíssimos para verificarmos se a nova consciência gerada por Cristo começa ou não a penetrar em nossas entranhas.

Então o ponto é que a consciência do Pai seja cada vez mais familiar, para que todo mundo possa dizer, como Jesus: «Aquele que me enviou está comigo». É uma experiência que amadurece com o tempo, ao longo do caminho, sem deixar de percorrer a estrada que o encontro sempre escancara, como dissemos. «Tentemos pensar, imaginar uma pessoa, um homem, que dez, cem, mil vezes ao dia tome consciência do fato de que Aquele que o enviou está com ele, de que o Mistério que o faz está com ele, de que Deus está com ele; a tranquilidade de alguns rostos, de alguns rostos de monges ou de monjas, tem aqui sua raiz. Mas nisto também está a serenidade impressionante do rosto de muitos de nossos amigos, porque vivem essas coisas entre nós.»²¹⁰

Essa tomada de consciência plasma todo instante,

²⁰⁸ Ibidem, p. 131.

²⁰⁹ Ibidem.

²¹⁰ Ibidem, p. 132.

todo gesto, todo olhar; plasma a maneira de encarar tudo, passo a passo. «É da parte de Deus que eu vim, eu não vim de mim mesmo!» Não estou dizendo isso a vocês, mas a mim mesmo», ressalta Giussani enquanto o relembra, e «cada um deve dizê-lo a si mesmo: eu não vim de mim mesmo, mas saí de Outro, e por isso tenho de fazer as obras d'Aquele de quem saí; preciso escutar, preciso olhar, preciso imitar. Se em qualquer momento de sua vida alguém se tivesse aproximado daquele jovem ou daquele homem, Jesus de Nazaré, e lhe houvesse perguntado: “Em que estás pensando?”, Ele teria dito: “No Pai”, mas não abstraído das coisas». Não há, de fato, nenhuma alternativa entre pensar no Pai e pensar ou interessar-se nas coisas. «Pensar no Pai é um jeito verdadeiro de pensar nas coisas, é o jeito verdadeiro de pensar nas coisas: é uma forma do olhar que você leva à sua mulher ou ao seu marido, ao seu trabalho, ao bem e ao mal que lhe acontece, a você mesmo.»²¹¹

Jesus revela-nos o Mistério como Pai. É Ele quem nos ensina a dizer: «Pai nosso». Identificar, instante por instante, a relação de tudo com a origem significa então identificar a relação de tudo com o Pai. E isso nos mostra todas as coisas em sua verdade, em sua inteireza, em sua edificabilidade. «Mas vocês acham que a relação com o Mistério, com o Pai, como dizia Jesus, e portanto a imitação de Cristo, não nos permite olhar para o homem, a mulher, os filhos e as flores, para as coisas? Não, faz com que olhemos para elas de um jeito cem vezes mais intenso e mais verdadeiro. De modo que, mesmo balbuciando, compreendemos que a ver-

²¹¹ Ibidem.

dade está aqui; seguimos balbuciando, mas percebemos que a verdade nos vem daqui.»²¹²

3. O mal é o esquecimento

A relação com o Pai não nos afasta das coisas, não as suprime, mas enche-as de significado. Pensar no Pai é a forma verdadeira de pensar nas coisas. É um olhar finalmente verdadeiro. Então tudo ganha uma densidade, uma intensidade única: finalmente se afirma o valor do instante, das relações, do trabalho, da realidade, das circunstâncias, do sofrimento nosso e dos outros.

Há alguns sinais dessa maneira verdadeira de tratar tudo: liberdade, paz, certeza inabalável, confiança, entrega («Em tuas mãos confio, entrego o meu espírito»). A ansiedade já não vence em nós, já não ficamos determinados pelo sucesso de uma expressividade nossa, já não dominam o medo e a incerteza. «Por que se atormentar quando é tão fácil obedecer?»,²¹³ disse Claudel, pondo essas palavras na boca de Anna Vercors, em *O anúncio feito a Maria*.

Contudo, quanta mentira e parcialidade no nosso jeito de pensar e de tratar-nos a nós mesmos, aos outros, às coisas! Qual é a origem disso – muitas vezes nos perguntamos–? E logo respondemos: o pecado, mas sem saber bem em que realmente o pecado consiste. Pensamos logo em nossa falta de energia, de força de vontade, de coerência. É o sintoma da tendência ao

²¹² Ibidem, p. 138.

²¹³ Cf. P. Claudel, *O anúncio feiro a Maria*. Rio de Janeiro: Agir, 1968, p. 146.

moralismo que acompanha como uma sombra tudo o que vivemos e torna opacos muitos de nossos dias.

Tratemos então de olhar para a coisa mais a fundo, sem deixar-nos desviar imediatamente pelo moralismo. A experiência do pecado é «literalmente o enfraquecimento da consciência do Pai, ou seja, o enfraquecimento da tensão por manter viva essa consciência». Com efeito, «se eu estou ligado a essa realidade “maior do que eu” [...] e se minha natureza é viver conscientemente, então o mal é abandonar a consciência dessa relação! O mal é a ação humana que abandona a consciência dessa relação. [...] O verdadeiro mal, o tecido do mal é esse esquecimento. Que importância têm então as orações da manhã e da noite! Que importância tem rezar o Pai Nosso! Obriguemo-nos a rezá-lo devagar, pesando as palavras: que pelo menos em um instante das vinte e quatro horas eu me torne homem, porque depois isso influencia em tudo!»²¹⁴

O verdadeiro problema não é antes a falta de energia, de força de vontade, de coerência, mas o esquecimento, a falta de familiaridade com o Pai. E não é uma questão de capacidade. Quando vem a faltar a consciência do Pai, isto é, a consciência de sermos filhos, reduz-se o propósito da vida; este se torna a pura afirmação de nós mesmos; quer dizer, fazemos tudo «por um propósito efêmero, que joga tudo no nada. Se fazemos por nós mesmos, jogamos tudo no nada. Noventa por cento, aliás, todas as nossas ações têm esse destino horrível, contra o qual nós temos de avançar». Portanto, na medida em que não cresce em nós a consciência de que a nossa vida está em função

²¹⁴ L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, op. cit., p. 134.

de algo maior, e com o passar do tempo essa consciência «não subjaz tudo o que fazemos, nós atiramos tudo para o nada».²¹⁵

Agir por nós mesmos equivale a jogar tudo no nada, tudo se torna efêmero por falta de profundidade e de significado. Falta o propósito adequado da ação, da coisa que temos de fazer. A vida fica reduzida a aparência, fica achatada: o comer, o beber, o constituir família, o trabalhar, o tempo livre, etc. Em última instância, não resta nada por que valha a pena viver, nada que possa atrair-nos e tornar as coisas significativas. O valor das coisas, com efeito, depende do significado que têm e da intensidade de consciência com que as vivemos.

Giussani repropõe um episódio significativo ocorrido a ele no período de seus primeiros anos de ensino. «Lembro-me – e contava a meus alunos na época das minhas primeiras aulas de religião – que logo depois da guerra, quando havia os vagões de gado, uma vez voltei de San Remo, onde eu estivera por conta da Cáritas de Milão (dirigida por Dom Bicchierai), na primeira classe. Mas até na primeira classe ficávamos um por cima do outro. Perto de mim estava um senhor muito distinto, de idade avançada, devia ter uns setenta anos. Disse-me que estivera em San Remo para doar uma grande quantia a um convento. E depois acrescentou: “Veja”, e não me disse o nome, “eu consegui tudo o que queria conseguir na vida, porque tenho dezenas de estabelecimentos, de indústrias” – enfim, era um grande industrial –, “mas eu, chegando aos setenta anos, me pergunto se não perdi a vida”.»²¹⁶

²¹⁵ Ibidem, p. 135.

²¹⁶ Ibidem, pp. 135-136.

Como é que nós, hoje, podemos aprender essa familiaridade com o Mistério, com o Pai, e portanto essa relação com a realidade que Jesus introduziu na história? Disso decorre a possibilidade de não sucumbirmos à tentação do niilismo, à suspeita sobre a inconsistência última da realidade, de nós mesmos, e sobre a positividade da vida. O que pode gerar filhos como Jesus hoje em dia?

CAPÍTULO 6

FILHOS NO FILHO

Vimos que a consciência de Cristo era dominada pelo pensar no Pai, era definida pela consciência do Pai. Portanto, se seguimos a Cristo, se decidimos segui-Lo, «a consciência de Deus deve penetrar o que fazemos; e lentamente, com o tempo, vira habitual. [...] Pensar em Deus é inerente a tudo, coincide com uma forma de ver tudo, a mulher de vocês e vocês mesmos, o bem e o mal, de modo que o bem não pode transformar-se em orgulho e o mal não se transforma em desespero».²¹⁷

Neste ponto pode surgir um questionamento. Os discípulos foram introduzidos por Jesus na consciência de Sua relação com o Pai: «A quantos, porém, o receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus».²¹⁸ E a nós, hoje, quem nos introduz nessa relação? É sempre Cristo quem nos introduz na relação com o Pai. Como?

1. Por meio da companhia dos que creem.

O carisma

Cristo, como relembramos,²¹⁹ irrompe hoje em minha vida, atraindo-me para Si, mediante uma presença,

²¹⁷ L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, op. cit., pp. 133-134.

²¹⁸ Jo 1,12.

²¹⁹ Ver aqui, pp. 61-70.

uma carne precisa, determinada, um encontro persuasivo, através do qual posso fazer a mesma experiência de relação com Ele que viveram os primeiros que O encontraram. Portanto, é no Filho, na relação com Cristo presente aqui e agora, que nos tornamos filhos, que aprendemos a dizer «Pai» e a reconhecer o Mistério que nos faz enquanto «Pai». *Abá* é o termo usado por Jesus: exprime uma familiaridade na relação com Deus que era até então inconcebível, impensável.

Como há dois mil anos, nós nos tornamos «filhos no Filho» por meio da fé e do Batismo, em que recebemos o Espírito Santo, Espírito de Cristo, «o dom precioso e necessário que nos torna filhos de Deus»²²⁰ e membros do Corpo de Cristo, que é a Igreja, o «povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo» – conforme a bela descrição de São Cipriano citada pela *Lumen Gentium* 4 – enriquecido com «dons hierárquicos e carismáticos», dados para contribuir de diversas maneiras para sua edificação e sua missão. A carta *Iuvenescit Ecclesia* sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos ecoa o princípio, enunciado por João Paulo II, da «coessencialidade» desses dons e cita o Papa Bento XVI, quando este afirma que «na Igreja as instituições essenciais são carismáticas, assim os carismas devem de uma forma ou de outra institucionalizar-se, para que haja coerência e continuidade. Assim, ambas as dimensões, originárias do Espírito Santo através do Corpo de Cristo, concorrem conjuntamente para tornar presente o mistério e a obra salvífica de Cristo no mundo».²²¹

²²⁰ Bento XVI, *Audiência geral*, 23 de maio de 2012.

²²¹ Congregação para a Doutrina da Fé, Carta *Iuvenescit Ecclesia*, 10.

Por isso, os movimentos e as novas agregações originadas pelo dom dos carismas do Espírito representam um testemunho significativo de que a Igreja não cresce «por proselitismo, mas “por atração”». ²²²

O Papa Francisco não se cansa de chamar essas novas realidades à abertura missionária, à obediência necessária aos pastores e à imanência eclesial, pois «é no âmbito da comunidade que desabrocham e florescem os dons que o Pai nos concede em abundância; e é no seio da comunidade que aprendemos a reconhecê-los como um sinal do seu amor por todos os seus filhos». ²²³

Nós pertencemos a Deus, ao Pai, somos «Seus» no sentido mais radical do termo, ou seja, somos Suas criaturas. Mas essa nossa dependência criatural «não passaria de uma percepção enigmática e passageira se não nos tivesse sido revelada claramente em Cristo [em Seu Espírito]: “A Deus, ninguém jamais viu. O Deus Unigênito, que está no seio do Pai, foi quem o revelou”». É só na pertença ao Deus que se fez Homem e entrou na história que tal «dependência [última e] total – o fato de “sermos feitos” – fica clara». ²²⁴ E a pertença é a Cristo, «não à ideia de Cristo que temos, mas ao Cristo real, aquele que na história se prolonga no seio da unidade dos que creem enquanto unidos ao Papa, ao Bispo de Roma». ²²⁵

O Filho hoje torna familiar para nós o mistério do Pai por meio da Igreja e faz-se acontecimento para nós

²²² Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, apud Congregação para a Doutrina da Fé, Carta *Iuvenescit Ecclesia*, 2.

²²³ Congregação para a Doutrina da Fé, Carta *Iuvenescit Ecclesia*, 10.

²²⁴ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 78.

²²⁵ L. Giussani, *La verità nasce dalla carne*, op. cit., p. 54.

mediante a graça do encontro com um carisma – para nós, o carisma dado a Dom Giussani –. O Espírito de Deus, em Sua liberdade e imaginação infinitas, pode bolar «mil carismas, mil maneiras de se comunicar aos homens em Cristo. O carisma representa justamente a modalidade de tempo, de espaço, de caráter, de temperamento, a modalidade psicológica, afetiva, intelectual com que o Senhor se torna acontecimento para mim e, do mesmo modo, para outros. Esse modo, a partir de mim, comunica-se a outros, de forma que há entre mim e *estes* uma afinidade que não há com todas as outras pessoas, um vínculo de fraternidade mais forte, mais específico. É dessa forma que Cristo continua presente entre nós todos os dias, até o fim do mundo, dentro das circunstâncias históricas que o mistério do Pai estabelece e por meio das quais nos faz reconhecer e amar a Sua presença».²²⁶

²²⁶ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., pp. 116. Lê-se na *Iuvenescit Ecclesia*: «Os dons carismáticos “são dados ao indivíduo, mas também podem ser partilhados por outros e de tal modo perseveram no tempo como uma herança preciosa e viva, que gera uma afinidade espiritual entre as pessoas” (João Paulo II, Exortação apostólica *Christifideles laici*, n. 24: AAS 81 (1989), 434). A ligação entre o carácter pessoal do carisma e a possibilidade de participação nele exprime um elemento decisivo da sua dinâmica, na medida em que tem que ver com a relação que, na comunidade eclesial, liga sempre a pessoa e a comunidade (Cf. *ibidem*, n. 29: AAS 81 (1989), 443-446). Na sua prática, os dons carismáticos podem gerar afinidade, proximidade e parentescos espirituais, através dos quais se pode participar no patrimônio carismático a partir da pessoa do fundador e aprofundá-lo, dando vida a verdadeiras e autênticas famílias espirituais. As agregações eclesiais, nas suas variadas formas, apresentam-se como dons carismáticos partilhados» (Congregação para a Doutrina da Fé, Carta *Iuvenescit Ecclesia* aos Bispos da Igreja Católica sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e missão da Igreja, Roma, 15 de maio de 2016, 16).

O carisma, portanto, «é a evidência do Acontecimento presente hoje, no preciso momento em que nos move, [...] a forma como o Espírito de Cristo nos faz perceber sua Presença excepcional e nos dá a capacidade de aderir a essa Presença com simplicidade e amor».²²⁷ O carisma torna viva a Igreja e está em função de toda a vida eclesial. «Cada uma das formas históricas que o Espírito utiliza para os homens entrarem em relação com o Acontecimento de Cristo é sempre um “aspecto particular”, uma forma particular de tempo e espaço, de temperamento, de caráter. Mas é um aspecto particular que habilita à totalidade.»²²⁸

João Paulo II observou com perspicácia que «a originalidade própria do carisma que dá vida a um movimento não pretende, nem o poderia, acrescentar algo à riqueza do *depositum fidei*, conservado pela Igreja com apaixonada fidelidade. Ela, porém, constitui um apoio poderoso, um apelo sugestivo e convincente a viver plenamente, com inteligência e criatividade, a experiência cristã. Está nisto a pré-condição para encontrar respostas adequadas aos desafios e às urgências dos tempos e das circunstâncias históricas sempre diversas. Nessa luz, os carismas reconhecidos pela Igreja representam vias para aprofundar o conhecimento de Cristo e para se dar com mais generosidade a Ele, enraizando-se contemporaneamente sempre mais na comunhão com o inteiro povo cristão».²²⁹

²²⁷ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., pp. 117-118.

²²⁸ Ibidem, p. 129.

²²⁹ João Paulo II, *Mensagem aos participantes no Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais*, Roma, 27 de maio de 1998.

É uma dinâmica bem representada por este testemunho: «Eu entrei na Fraternidade de CL este ano, aos cinquenta e nove anos, no momento em que normalmente as pessoas encerram as coisas, em vez de começá-las. Devo dizer que eu já rodava em torno do Movimento há uma vida, através de um punhado de primos. A mensagem de Dom Giussani me pegou assim, indiretamente. O que mais me fascinava era encontrar a resposta à minha pergunta: “Quem eu sou? Sou cristã em casa, no almoço com a família, e depois na escola não sou ninguém? Sou alguém que crê durante a missa, aos domingos, e depois no cinema sou outra coisa?” Como encaixar o que eu sentia dentro de mim – não como bagagem educacional, mas como exigência – com tudo o que eu encontrava fora, o pensamento único do pós-68, a superficialidade de um juízo preconcebido? Era uma pergunta constante, uma busca em todos os ambientes, para encontrar a cola que daria um sentido àquele quebra-cabeça. Essa pergunta tinha encontrado no convite de Giussani a “viver o real” uma primeira orientação, uma possibilidade concreta. Obviamente, era senso comum o que eu tinha conhecido em meus avós, que não separavam sua fé de sua vida, que em cada gesto estavam imbuídos pela fé, de forma natural. Já eu, no meu dia a dia, me pegava pondo tudo em dúvida, e tudo carecia de lógica. Desnorteamo, divisão, superficialidade nas relações, sem tocar em temas que não deviam ser tocados. Mas eu tinha ouvido, quase na surdina, um mestre que me indicava um caminho, havia uma solução. E com isso, com essas migalhas, segui em frente: “viver o real”. Uma vida intensa, quatro filhos, muito trabalho, muitas dificuldades e muitos sucessos, uma vida

plena, coerente. Numa procura contínua, porque todo aquele afã e todo aquele “fazer” eram procura, eram desejo, eram ir às apalpadelas, e tentar muitos caminhos, todos os caminhos percorríveis. Eu mendigava, sempre que possível, uma confirmação, um apoio. Que eu não achava. Eu achava aplausos pela minha coerência ou repreensões pela minha exuberância, julgamentos, mas não comunhão. Depois um imprevisto, um acontecimento. Alguém que me pôs contra a parede perguntando: “E você, aí dentro, tem um Cristo vivo?” Não uma resposta. Uma pergunta. E a resposta já estava lá, na minha frente, tinha a sua cara: um Cristo vivo, hoje, aqui do lado. Não um Cristo que só vou ver no fim, mas já hoje, aqui, agora. Para mim. Esse momento mudou minha vida. E então mudou meu jeito de rezar: já não fico acumulando pontos, num trabalho para seguir esquemas prefixados, mas proximidade, escuta, espera, entrega. E mudou a forma como me movo na realidade, tornou-se um “viver o real” com uma Presença a meu lado e, portanto, com um olhar diferente, o mesmo olhar que experimentei sobre mim, aquele olhar que muda a quem está na sua frente porque você é que está mudada. Tudo o que na minha vida eu tinha lido e tentado aprender, estudar, entender, era outra coisa: não fadiga, mas evidência. E essa evidência, se aprofundada numa companhia, é a música para minha alma que eu buscava desde sempre».

Se a companhia produzida pelo carisma na Igreja e para a Igreja nos impressiona, e se nos sentimos atraídos por ela, é justamente porque ela «torna experiência concreta o encontro com esse Homem, tira-O da abstração e leva-nos a experimentá-Lo como uma realidade da qual podemos viver hoje. A companhia não é

uma ideia, um discurso, uma lógica, mas um fato, uma presença que implica uma relação em que lhe pertencemos». ²³⁰

2. Autoridade: uma paternidade presente

A companhia concreta, onde se dá o encontro com Cristo, «transforma-se no espaço a que o nosso eu pertence, do qual o nosso eu extrai a maneira de perceber e de sentir as coisas em última instância, de compreendê-las intelectualmente e de julgá-las, a maneira de imaginar, projetar, decidir e fazer. Nosso eu pertence a esse “Corpo” que é a companhia cristã, e dele extrai o critério último para enfrentar todas as coisas. Essa companhia, por conseguinte, é a única modalidade que nos habilita ao real, que nos faz tocar a realidade e nos torna reais». ²³¹

Perguntemo-nos agora, com Giussani: «Qual é o fator mais importante [...] na realidade de povo como povo à qual somos chamados, na realidade de companhia da qual participamos?» Eis a sua resposta: «O fator mais importante do povo como povo, da companhia como companhia, é o que chamamos de *a autoridade*». ²³² A autoridade é o fator mais importante da realidade de um povo porque, sem autoridade, não se gera um povo. E a

²³⁰ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 86.

²³¹ *Ibidem*, p. 77.

²³² L. Giussani, “A alegria, a letícia e a audácia. Ninguém gera, se não é gerado”, *Passos-Litterae communionis*, n. 58, jul.-ago. 1997, p. II. Também disponível em portugues.clonline.org/passos/página-um/ninguém-gera-se-não-é-gerado.

autoridade é o lugar onde fica evidente que Cristo vence, onde Cristo demonstra que corresponde às exigências do coração de modo persuasivo. «A autoridade é uma pessoa que, ao ser vista, mostra que o que Cristo diz corresponde ao coração. O povo é guiado por isto.»²³³

Na nossa sociedade, a palavra “autoridade” normalmente é olhada com suspeita, é identificada com um poder que submete ou com um personalismo que une as pessoas a si. Mas na vida da Igreja, no povo de Deus, ela não é – como destaca Giussani –, não pode ser isso: «A autoridade, o guia, é justamente o contrário do poder, não existe nela nem uma vírgula, nem um ponto da palavra poder. Por isso, está completamente ausente, diante do conceito de autoridade no povo de Deus, em qualquer nível, está completamente ausente, qualquer reflexo de temor: porque ao poder corresponde o temor, e a pessoa, para se libertar do temor, deve estar pouco se importando com o poder».²³⁴

O que caracteriza, então, a relação com a autoridade, o pertencimento ao povo de Deus? Tal relação é bem expressa pela palavra filiação, de acordo com a distinção de Péguy entre ser discípulo e ser filho:²³⁵ pertencer

²³³ De uma conversa de Luigi Giussani com um grupo de *Memores Domini* (Milão, 29 de setembro de 1991). In: “Quem é este?”, *Passos-Litterae communionis*, n. 219, nov. 2019, p. 26.

²³⁴ *Ibidem*, pp. 25-26.

²³⁵ Péguy escreve: «Quando o aluno não faz mais que repetir, não a mesma ressonância, mas um mísero decalque do pensamento do mestre; quando o aluno não é mais que um aluno, ainda que fosse o maior dos alunos, nunca vai gerar nada. Um aluno não começa a criar a não ser quando ele mesmo introduz uma ressonância nova (isto é, na medida em que não é um aluno). Não que não se deva ter um mestre, mas o aluno precisa descender dele pelas vias naturais da filiação, e não pelas vias escolares do discipulado» (Cf. Ch. Péguy, *Cahiers*, VIII, XI [3.2.1907]).

implica filiação, não discipulado, não repetitividade. É pelas vias da filiação que a tônica de uma companhia verdadeira, que a originalidade de um carisma, da «forma de ensinamento à qual fomos entregues»,²³⁶ entra em nós. Giussani lembra-nos que somos filhos da autoridade. «Um filho herda a estirpe do pai, torna-a sua, é constituído pela estirpe que lhe vem do pai, é constituído pelo pai. Por isso, ele é totalmente tomado. A autoridade me toma todo, não é uma palavra que me dá medo ou me faz temer, ou que eu “sigo”. Ela me toma. Por isso, então, a palavra “autoridade”... é a palavra “autoridade” que poderia ter como sinônimo a palavra “paternidade”, capacidade de gerar, geração, comunicação de *genus*, de uma estirpe de vida. A estirpe de vida é o meu eu investido e tornado diferente por esse relacionamento. A palavra “autoridade”, que corresponde à palavra “paternidade”, é seguida pela palavra “liberdade”, gera liberdade. Ser filho é a liberdade.»²³⁷

A autoridade é uma paternidade presente. Para sermos «filhos no Filho», para sermos filhos em Cristo – não no Cristo da nossa mente, mas no Cristo real, presente aqui e agora –, para sermos introduzidos na relação com o Pai, é preciso viver uma paternidade presente: é preciso uma presença que nos gere como filhos. Giussani afirma: «Ter um pai é uma posição permanente, pois pertence à história da pessoa [à his-

²³⁶ Trata-se de uma expressão famosa de Ratzinger: «A fé é uma obediência de coração à forma de ensinamento à qual fomos entregues» (J. Ratzinger, “Discurso de apresentação do Catecismo da Igreja Católica”. In: *L'Osservatore Romano*, 20 de janeiro de 1993, p. 5). Cf. Rm 6,17.

²³⁷ L. Giussani, “A alegria, a letícia e a audácia. Ninguém gera, se não é gerado”, *Passos-Litterae communionis*, n. 58, jul.-ago. 1997, p. II.

tória de cada um, já que cada um teve um pai. Mas eis aqui o ponto decisivo...]. Se, em 1954, eu não tivesse entrado no Colégio Berchet e tivesse entrado em um outro colégio, teria sido uma história completamente diferente. A posição é permanente, mas a geração – que é a coisa interessante da paternidade – é presença, é algo presente».²³⁸

Não há florescimento da nossa personalidade, não há verdadeira criatividade, sem filiação, sem a experiência de sermos gerados. «*Ninguém gera, se não é gerado*. Não “se não foi gerado”, mas “se não é gerado”. Este conceito de paternidade é o conceito mais combatido de toda a cultura iluminista»²³⁹ e, muitas vezes, também entre os cristãos, entre nós, que tivemos a graça de deparar com o carisma dado a Dom Giussani, pelo qual pudemos descobrir de maneira nova e vibrante isto de que estamos falando.

«A pessoa não pode ser pai, geradora, se não tem ninguém como pai. Não [atenção] se “não teve” [um pai], mas se “não tem” [no presente] ninguém como pai. Pois, se não tem ninguém como pai, quer dizer que não se trata de um acontecimento, [...] não é uma geração. *A geração é um ato presente.*»²⁴⁰

Jesus nos introduz em Sua familiaridade com o Pai chamando-nos a viver, na companhia em que nos atraiu, uma paternidade presente. Tal paternidade é a via pela qual se torna nossa – tua e minha – a relação com o Pai que é própria de Jesus. Para que essa novidade ocorra, para que a relação com o Pai invista

²³⁸ Ibidem, p. IV.

²³⁹ Ibidem.

²⁴⁰ Ibidem, pp. II-IV.

totalmente a nossa vida, tornando-se assim parâmetro de todo e qualquer pensamento e ação, até a mais ordinária e banal, é preciso então uma paternidade *agora*, é preciso sermos gerados *agora* por uma presença em que Cristo se faz realidade experimentável, evidente e persuasiva: não podemos ser filhos no Filho a não ser por meio desse fato de sermos gerados agora. Sem que sejamos gerados no presente, a relação com o Pai não poderá tornar-se consciência e vida em nós e nenhum esforço terá o condão de arrancar-nos do nada.

Giussani ressaltou inigualavelmente a necessidade essencial desse “agora”: «O acontecimento não identifica somente uma coisa que aconteceu e com a qual tudo teve início, mas é aquilo que desperta o presente, define o presente, dá conteúdo ao presente, torna possível o presente. O que se sabe ou o que se tem converte-se em experiência se aquilo que se sabe ou se tem é algo que nos é dado agora: há uma mão que no-lo oferece agora, há um rosto que vem avançando agora, há sangue que se derrama agora, há uma ressurreição que tem lugar agora. Fora deste “agora” não existe nada! O nosso eu não pode ser movido, comovido, ou seja, transformado, a não ser por uma contemporaneidade: um acontecimento. Cristo é algo que me acontece agora. Então, para que aquilo que sabemos – Cristo, todo o discurso sobre Cristo – seja experiência, é necessário que seja um presente que nos provoca e percute: é um presente, como para André e para João foi um presente. O cristianismo, Cristo, é exatamente aquilo que foi para André e João quando iam atrás d’Ele; imaginem quando Se voltou, e como ficaram impressionados! E quando

foram a Sua casa... É sempre assim até agora, até este momento!»²⁴¹

Todavia, não é suficiente que haja essa paternidade presente, é preciso que eu esteja disponível a deixar-me gerar por ela. Da disponibilidade a sermos filhos depende toda a fecundidade da nossa vida. «É aquilo que Jesus disse a Nicodemos: “É preciso que tu nasças de novo”. “Como? Nascer de novo? Tenho de entrar uma segunda vez no ventre de minha mãe para nascer de novo?” “Quem não nascer de novo não poderá entender a verdade da realidade, a verdade das coisas.” Esse entendimento é um nascer de novo.»²⁴² Quem aceitar segui-Lo, tornando-se filho, vai surpreender-se com a novidade que começa a acontecer em sua vida.

3. A obediência

No entanto, Giussani solicita-nos a dar mais um passo, que ele considera decisivo para o crescimento de uma autoconsciência nova. Dissemos acima: converter-se é recuperar a *fé* como *reconhecimento*, como inteligência da novidade que há em nós e entre nós, e como *obediência*. Havíamos prometido retornar a esta palavra.

«A obediência a que essa inteligência nos convida tem que transpor, se quiserem, uma espécie de barreira, tem uma condição inevitável que deve ser levada em conta: precisa ajustar contas com o que chamamos de “autoridade”. Se o que estou recordando aqui vale para a auto-

²⁴¹ L. Giussani, texto do Cartaz de Páscoa de 2011 de Comunhão e Libertação.

²⁴² L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, op. cit., p. 130.

ridade da Igreja criada por Cristo, o Bispo unido com os outros e com o Papa, por analogia, por aplicação a níveis inferiores, igualmente reais e pedagogicamente decisivos, vale para qualquer presença do fator “autoridade”, “autoridade moral”, na vida cristã.»²⁴³

É preciso prestar atenção a este ponto, pois «sem esse sinal» – a autoridade – «não haveria companhia entre nós, não haveria mistério da Igreja, não haveria o povo novo que está caminhando no mundo, para o bem do mundo: sem autoridade não haveria a novidade que Cristo nos chamou a viver juntos».²⁴⁴

No caminho de conversão, de que falava em 1975, Giussani observa que «a relação com o fator autoridade é pedagogicamente decisiva: ao negligenciarmos esse fator, tornamo-nos poeira que o mais leve vento carrega e espalha por toda a face da terra, voltamos a ser crianças instáveis, como diz São Paulo no quarto capítulo da Carta aos Efésios: “...entregues ao sabor das ondas e levados por todo vento de doutrina, ludibriados pelos homens e por eles, com astúcia, induzidos ao erro”». Deste modo – ele prossegue – «a autoridade entre nós não é uma opinião cultural a ser discutida, não é a oferta de uma opinião como qualquer outra: a função de quem tem autoridade é uma proposta em que se joga a unidade de toda a nossa experiência humana e cristã».²⁴⁵

²⁴³ FCL, *Documentação audiovisual*, Dia de Início de Ano de CL, 14 de setembro de 1975.

²⁴⁴ L. Giussani, *Un avvenimento nella vita dell'uomo*, op. cit., p. 229.

²⁴⁵ FCL, *Documentação audiovisual*, Dia de Início de Ano de CL, 14 de setembro de 1975. Em sua fala original, Giussani diz, erroneamente, que o trecho de São Paulo referido está no segundo capítulo da Carta aos Colossenses. No texto incluímos a informação corrigida.

No trecho que se segue, ressaltam-se, então, tanto a natureza da autoridade quanto a natureza da relação a que ela, conseqüentemente, chama a cada um de nós: «A autoridade, na medida em que propõe uma experiência de vida, até mesmo no detalhe, requer que se lance a nossa pessoa toda inteira: a autoridade é o sinal supremo do Mistério, do Mistério do desígnio do Pai. É o sinal supremo do Mistério que está entre nós como história que está transcorrendo, que está se desenvolvendo. Por isso, pelo fato da autoridade ser o sinal supremo do Mistério que está entre nós, «a devoção atenta à função cheia de autoridade é obediência, é por obediência ao Senhor, não por uma vantagem que se tem numa discussão, e portanto diante dela cabe o exercício de uma fé. Por isso, não pode existir entre nós autoridade a não ser dentro de uma fidelidade real à unidade de todo o Movimento; assim, analogamente, o Movimento não teria nenhuma autoridade se não buscasse profundamente viver essa devoção à autoridade estabelecida por Cristo».²⁴⁶

Este texto também nos oferece os sinais e os critérios para reconhecermos e avaliarmos cada «autoridade» dentro da companhia cristã em que estamos inseridos. Giussani é muito preciso na descrição: «O que dizemos do Movimento tem sempre um valor pedagógico. Nossa tentativa é uma tentativa pedagógica de amadurecer o sentido da Igreja na nossa vida: [o Movimento] é a experiência que o Senhor nos chamou a viver para esse propósito. De modo que uma posição de autoridade que não se estabeleça nem seja sentida e percebida dentro de uma fidelidade profunda à vida de todo o Movimento,

²⁴⁶ Ibidem.

da unidade do Movimento, não se mantém, não é seguida. Ou então, se consegue ser seguida, é despótica, é por despotismo, e por isso é alienante, é devida a uma imposição, de algum modo. A autoridade concebida mundanamente é pedra de tropeço, não de construção.»²⁴⁷

A autoridade autêntica é fator essencial de construção. A autoridade entendida mundanamente como poder é despotismo alienante, pedra de tropeço, não constrói. Mas estas observações extrapolam o âmbito de uma experiência cristã. De fato, estamos falando de uma necessidade e de uma dimensão que dizem respeito a todos, crentes e não crentes. O que se dá com o cristianismo é uma intensificação, um reforço da dinâmica humana. Com isso, para além das figuras específicas, uma autoridade autêntica (*auctoritas*, “aquilo que faz crescer”) é fator indispensável para o crescimento do eu, para a construção da nossa personalidade. A experiência da autoridade anuncia-se na nossa vida como encontro com uma pessoa rica de consciência da realidade, que nos introduz ao conjunto das circunstâncias, encarnando uma “hipótese de significado” para interpretá-las e anunciá-las adequadamente, chamando-nos ao mesmo tempo a pô-la à prova, a verificarmos em primeira pessoa a consistência dela. Giussani atreve-se, então, a afirmar: «Autoridade, de certo modo, é o meu “eu” mais verdadeiro. Pelo contrário, hoje em dia, muitas vezes a autoridade se propõe e é sentida como algo estranho, que “se adiciona” ao indivíduo. A autoridade fica fora da consciência, ainda que possa ser um limite devotamente aceito.»²⁴⁸

²⁴⁷ Ibidem.

²⁴⁸ L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 64.

Quando essa estranheza prevalece, a autoridade é percebida como um obstáculo ao crescimento do eu, e não como fator de seu aperfeiçoamento. É em virtude dessa estranheza, promovida e vivida, que – observa Giussani – «a cultura de hoje considera impossível conhecermos, mudarmo-nos a nós mesmos e à realidade “apenas” seguindo uma pessoa. A pessoa, em nosso tempo, não é contemplada como instrumento de conhecimento e de mudança, que passam a ser entendidos redutivamente: o conhecimento como reflexão analítica e teórica, e a mudança como práxis e aplicação de regras. Mas João e André, os dois primeiros que depararam com Jesus, foi seguindo essa pessoa excepcional que aprenderam a conhecer de forma diferente e a mudarem-se a si mesmos e à realidade. A partir do instante desse primeiro encontro, o método passou a desenvolver-se no tempo».²⁴⁹

Camus, naquela intensa narrativa autobiográfica que é *O primeiro homem*, proporciona-nos um testemunho da exigência constitutiva de uma autoridade que não seja justaposta extrinsecamente ao próprio eu, de uma autoridade que seja paternidade: «Tentei descobrir eu próprio, desde o princípio, quando criança, o que estava bem e o que estava mal – porque ninguém à minha volta me podia dizer. E reconheço agora que tudo me abandona, que necessito que alguém me ensine o caminho [...] não segundo o poder, mas segundo a autoridade, pois preciso do meu pai».²⁵⁰

²⁴⁹ L. Giussani, “Dalla fede il metodo”, in *Dalla fede il metodo*, op. cit., p. 18.

²⁵⁰ Cf. A. Camus, *O primeiro homem*. Lisboa: Livros do Brasil, 1994, p. 40.

É isso que se realiza na experiência cristã, mostrando-se em toda a sua essencialidade. «Para construir, é necessário um terreno sólido, absolutamente firme, senão ninguém consegue construir. E o que temos de sólido e seguro, senão o mistério de Cristo que está entre nós e do qual temos certeza pela imanência à Sua Igreja, pela obediência à autoridade dessa Igreja, que nos custou tanto e nos vai custar ainda mais?»²⁵¹

Depois de ressaltar a obediência, Giussani – estamos em 1975, mas suas palavras conservam intacta sua pertinência à nossa situação – retorna ao ponto inicial de sua reflexão, alertando seus interlocutores para uma antítese: a existente entre a busca de uma satisfação própria e a busca da própria conversão. «Então eu queria que todos vocês refletissem bem sobre esta antítese, à qual eu atribuo o perigo de uma separação entre a raiz que alimenta, entre a fonte que alimenta nossa inteligência de fé e nossa vontade, nossa energia de empenho cristão, e toda a atividade que nos é pedida pelas circunstâncias históricas em que o bom Deus nos concedeu viver. Infelizmente, coube a nós um tempo em que não dá para ficar no sofá, pois é um tempo em que a casa está queimando. A casa humana está pegando fogo. Pois bem. Eu vejo nesta antítese o perigo de favorecer a dissociação entre a raiz e o desabrochar da planta, pois a planta arrancada da raiz está destinada a secar: é a antítese entre viver o Movimento, a comunidade e a vida cristã em si como uma busca da satisfação própria e, por outro lado, a busca da própria conversão.»²⁵²

²⁵¹ FCL, *Documentação audiovisual*, Dia de Início de Ano de CL, 14 de setembro de 1975.

²⁵² *Ibidem*.

A radicalidade e a clareza da antítese favorecem e, de certa forma, tornam inevitável a comparação com nós mesmos. O perigo, que resta como tentação para cada um de nós, é o de cair na «procura de uma afirmação de nós mesmos conforme o que pensamos e sentimos ou nos interessa, em vez de uma conversão nos critérios daquilo que pensamos e sentimos ou nos interessa. Não é por acaso que o Senhor, como primeira palavra, usou a palavra “*metanoia*”: precisamos mudar os critérios de avaliação. O valor da vida – e portanto o valor do Movimento, da comunidade, o valor do nosso compromisso em CL – não está no quanto satisfaça os interesses que para nós são importantes (ser estimado, fazer amizades, conseguir uma namorada ou um namorado, ter as próprias ideias reconhecidas), mas o valor está na conversão à fé que ocorre [em nós]. Trate-mos, pois, deste tema».²⁵³

4. «O cêntuplo nesta vida»

O jeito mais fácil de ser provocado à conversão – para nós e para os outros – são os testemunhos de vida que nos chegam. Por isso, permito-me repropor dois testemunhos entre os muitos que, por graça, nos circundam.

Antes que a pandemia estourasse, recebi esta carta que nos fornece um exemplo simples da conversão constante de que estamos falando:

«O ano passado foi bastante difícil. Meu marido e eu estávamos totalmente imersos em nossos novos

²⁵³ Ibidem.

trabalhos, e depois de um tempo percebemos que estávamos nos perdendo: estávamos só sobrevivendo, chegando até a ter dificuldades no nosso relacionamento. Tínhamos pouco tempo para fazer qualquer coisa, pouquíssimos amigos, e ainda por cima muito distantes. A certa altura tivemos que parar para nos perguntar o que é que tinha dado errado. Decidimos dar um passo atrás em nossas respectivas carreiras e voltar a fazer Escola de Comunidade,²⁵⁴ que vínhamos negligenciando fazia meses. Para podermos ir juntos à Escola de Comunidade, tivemos de contratar uma babá – cujo custo se somava ao que já pagávamos a quem cuidava das crianças de dia – e decidir comprometer dessa maneira a única noite que podíamos passar juntos. Logo nos demos conta de que indo à Escola de Comunidade estávamos mais felizes: ficou evidente e era algo que também ajudava no nosso relacionamento. Fiquei surpresa com a acolhida que recebemos lá – eu jamais teria imaginado – e toda semana fico admirada com as novas pessoas que chegavam. A maneira como muitos falam do encontro com Cristo a cada momento do caminho ou as perguntas que fazem são para mim uma ocasião para encontrar novamente a mesma Presença que nos conquistou no início. Está acontecendo de novo, para mim! Depois de quinze anos passados no Movimento, eu nunca me havia sentido tão feliz em ir à Escola de Comunidade. É um trabalho que também tentamos fazer durante a semana e que ilumina os nossos dias. A Escola de Comunidade me ensina um outro modo de olhar para a

²⁵⁴ Refere-se à catequese permanente do movimento Comunhão e Libertação.

realidade, mais verdadeiro e mais inteiro. Desde que voltamos a frequentá-la, estamos mais abertos em relação às pessoas que encontramos, pois desejamos reconhecer em todos o reflexo da presença d'Ele e em todos desejamos viver a mesma plenitude do coração. Esse olhar cheio de compaixão e simpatia pela minha pessoa, que é a forma como Cristo entrou em minha vida, é a única coisa que corresponde realmente ao meu desejo real. Todo o resto vem depois. E percebemos que conseguimos enxergar em qualquer lugar esse reflexo, graças à renovação do primeiro encontro. Agora tem muitos rostos! É entusiasmante ver a companhia d'Ele em nossos vizinhos, no padre da nossa paróquia, em nossos colegas ou nas pequenas coisas que nos ajudam com seu mero acontecer. O trabalho que fizemos este ano, seguindo, foi precioso: reconhecemos o que realmente nos sustenta, com uma fé mais madura, mais consciente, adulta, livre e alegre. Obrigada por nos ter ajudado a percorrer esse caminho de descoberta e de consciência. “Sem mim, nada podeis fazer”, disse Jesus na última ceia. Podemos afirmar, pela experiência vivida, que é verdade».

Como escreveu São Bernardo, «não podemos conservar e manter o que vem de Deus sem Ele».²⁵⁵ Quer dizer, sem o reacontecer de Sua presença e sem que nós a sigamos, não podemos reproduzir aqueles frutos que chegamos a provar. O caminho para a verdade é uma experiência: a genialidade do método educativo de Giussani está toda aqui.

²⁵⁵ São Bernardo, “Sermone I,1”. In: Idem, *Sermoni sul salmo 90*, organização dos Monges Beneditinos de Praglia. Bressio di Teolo (PD): Edizioni Scritti Monastici, 1998, pp. 7-8.

Queria propor um segundo testemunho, significativo pela novidade de vida que relata. É o de uma moça jovem que não consegue ter filhos. «Há quatro anos me casei, e meu marido e eu logo começamos a tentar ter um filho, que ainda não veio. Houve momentos realmente difíceis, em que o choro fazia parte da rotina, e ninguém, do meu marido aos meus amigos, conseguia acalmar-me. Para mim, tudo dependia desse filho que não chegava nunca. Eu identificava a totalidade da minha vida com algo parcial, como se para mim a única possibilidade de felicidade passasse pela resposta ao meu desejo de maternidade que eu tinha na cabeça. Meu marido, num determinado momento, me disse: “Escuta, vamos falar com o padre que nos casou”. Sabendo que uma das primeiras coisas que ele me perguntaria seria: “Você tem sido fiel à Escola de Comunidade?”, eu me adiantei e comecei a ler o texto para não responder toda vez que não. Estávamos lendo o *Por que a Igreja*. A certa altura, Giussani diz: “A função da Igreja na história [...] é o maternal convite a reconhecer a realidade das coisas: a dependência do homem de Deus. [...] Se for vivida a consciência da dependência original [...] todos os problemas colocar-se-ão numa condição que facilita mais a sua solução. [...] Seria, de fato, um olhar dirigido a Algo maior do que cada um dos problemas, um olhar que poderia conferir a tudo a perspectiva de um caminho bom”.²⁵⁶ Que alívio! Eu estava – sobretudo – rodeada por meu marido e pelos amigos. Um dia uma amiga me ligou e, falando de si, me disse: “Você engravida, fica feliz, mas depois percebe que nem isso basta. O ponto é onde estamos apoian-

²⁵⁶ L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., pp. 236, 238, 240.

do a nossa vida”. Imediata e inexplicavelmente, parei de chorar, de um dia para o outro. Eu mudei, estou tranquila, tanto que consigo contar tudo isto sem chorar: não mudei por causa de definições, mas através de rostos e fatos. Passei a estar num caminho e com um olhar novo em relação ao meu problema, que continua existindo. O que vejo em mim é uma letícia que não vem de mim, que me permite entregar-me completamente ao desígnio de Outro e que em última instância me enche de gratidão. O problema existe e permanece, mas posso olhar para ele com tranquilidade. Santo Agostinho dizia: “Meu coração está inquieto enquanto não descansar em Ti”. É preciso que Outro preencha minha vida para que eu deixe de lado o que tenho na cabeça. Não posso tirar o meu desejo, pois existe. Mas agora já não caio na pretensão de que a resposta chegue como eu tenho em mente: estou à espera de que Outro responda ao meu desejo, estou pronta para pegar essa resposta. Partindo de Cristo, essa dificuldade deixa de ser um peso que me esmaga. Assim que me afasto de Cristo, a ansiedade e o medo assumem as rédeas, meus pensamentos vencem, o choro vence; já quando parto da presença d’Ele, o último juízo são essa letícia e essa paz de fundo que invadiram minha vida. E, olhando para toda a minha vida, sei que Cristo não me enrola. Quando decido partir de Cristo, Sua presença deixa minha vida mais verdadeira, mais gostosa, mais humana, mais bonita. E isso é um milagre a meus olhos e aos olhos dos outros».

Como não ficar em silêncio, cheios de maravilha, perante semelhante testemunho de humanidade mudada pelo encontro com a presença carnal de Cristo? Há uma afirmação de Giussani que nos ajuda a cap-

tar todo o alcance disso: «Cristo não veio para dizer: “Quem me segue terá satisfeitos todos os seus caprichos, os seus pensamentos, os seus interesses”. Não! Mas disse: “Quem me segue mude de critérios, comece a mudar os critérios de avaliação, de valor, de juízo de valor”. E, se alguém faz assim, depois terá o cêntuplo até do que parecia perder. “Quem me segue terá a vida eterna e o cêntuplo nesta vida”. Não existe nenhuma proposta no mundo que seja mais clara e nítida do que esta, porque nos desafia experimentalmente. “Quem me segue será mais, encontrará mais, cem vezes mais”. Porém, “quem me segue”!»²⁵⁷

Quem aceita segui-Lo e ser filho no Filho torna-se um sujeito novo, «um protagonista novo na cena do mundo»,²⁵⁸ como disse Dom Giussani no Sínodo dos Bispos sobre os leigos de 1987.

Esta novidade é a nossa missão no mundo. «O significado da nossa presença pessoal e coletiva no mundo, nossa capacidade de encontrar o homem, essa nossa capacidade de encontro está fundamentada só numa novidade, uma novidade de vida que é experiência hoje. Só na medida em que fazemos experiência hoje da relação com Cristo e da nova relação entre nós por causa de Sua presença, só na medida em que fazemos essa experiência hoje, nós conseguimos criar mais humanidade ao redor, mais paz entre os homens ao nosso redor.»²⁵⁹

²⁵⁷ FCL, *Documentação audiovisual*, Dia de Início de Ano de CL, 14 de setembro de 1975.

²⁵⁸ L. Giussani, *L'avvenimento cristiano*. Milão: Bur, 2003, pp. 23-25.

²⁵⁹ FCL, *Documentação audiovisual*, Dia de Início de Ano de CL, 14 de setembro de 1975.

5. «Para o mundo, só o amor é digno de fé»

Queria concluir com os votos que Giussani fez àqueles que estavam em Milão escutando-o naquele setembro de 1975, a fim de que cada um de nós possa guardá-los no coração como sustento para o caminho diário que nos aguarda: «Nós sempre estaremos afundados nas dificuldades até o pescoço, morais e físicas, pessoais e sociais, mas nunca sucumbiremos, como diz São Paulo na Segunda Carta aos Coríntios, no capítulo quarto: “Trazemos esse tesouro em vasos de argila [ou seja, Deus agiu assim], para que este poder extraordinário seja de Deus e não nosso [nós não somos bons, somos argila]. Em tudo somos atribulados, mas não abatidos; postos em apuros, mas não desesperançados; perseguidos, mas não desamparados; derrubados, mas não aniquilados; por toda a parte e sempre levamos em nosso corpo a morte de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo”, e portanto neste mundo».²⁶⁰

Se formos fiéis à graça que nos alcançou pelo carisma de Dom Giussani – nós, que fomos atraídos por ele e desejamos segui-lo –, se vivermos o Movimento como conversão pessoal ao Acontecimento presente, «centrados em Cristo e no Evangelho», poderemos ser «braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja “em saída”»,²⁶¹ colaborando com o Papa para o futuro da Igreja no mundo, aquele futuro preconizado pelo cardeal Ratzinger no Natal longínquo de 1969:

²⁶⁰ Ibidem.

²⁶¹ Francisco, *Discurso ao movimento Comunhão e Libertação*, Praça de São Pedro, 7 de março de 2015.

«O futuro da Igreja, ainda hoje, não pode apoiar-se senão na força daqueles que vivem com raízes profundas e que vivem a partir da pura plenitude da sua fé. O futuro não se apoiará naqueles que só prescrevem receitas. O futuro não virá daqueles que apenas se adaptam a cada momento [...]. Afirmamos isto de forma positiva: também desta vez e como sempre, o futuro da Igreja será marcado pelos santos. [...] Da crise de hoje, também desta vez nascerá amanhã uma Igreja que terá perdido muito. Tornar-se-á mais pequena, terá em larga medida de recomeçar tudo de novo. Essa Igreja não vai poder encher muitos dos edifícios que construiu quando a conjuntura era favorável. Com a perda do número de seguidores, perderá também muitos dos seus privilégios na sociedade. Terá de se apresentar de modo muito mais forte do que até aqui, como uma comunidade de voluntariado, a que só se pode aceder por decisão. Enquanto pequena sociedade, vai exigir de modo muito mais marcante a iniciativa dos seus membros. [...] Essa Igreja reconhecerá de novo na fé e na pregação o centro que é verdadeiramente o seu e voltará a viver os sacramentos como serviço de Deus, e não como problema de organização litúrgica. [...] É de prever que tudo isto precise de tempo. O processo será longo e penoso [...]. Mas, depois da provação dessas divisões, uma força pujante brotará de uma Igreja interiorizada e simplificada. Porque os homens de um mundo totalmente planificado se sentirão indizivelmente solitários. Quando Deus tiver desaparecido inteiramente, aí é que experimentarão a sua total pobreza. E descobrirão então a pequena comunidade de crentes como qualquer coisa de inteiramente novo. Como uma esperança que lhes diz respeito, como uma

resposta por que secretamente sempre tinham esperado. Por isso, parece-me certo que se preparam tempos muito difíceis para a Igreja. [...] Mas florescerá de novo e tornar-se-á para os homens a pátria que lhes dará a vida e esperança para lá da morte».²⁶²

Dando eco a essa “profecia”, à perspectiva nova que se abre para nós neste tempo, Giussani dizia, menos de quinze anos depois: «Aí está, este é um momento em que seria bonito sermos só doze no mundo inteiro».²⁶³ Não o dizia como uma espécie de exclusivismo ou cheio de presunção, mas por ter a consciência de que voltamos como que ao zero, ao início de tudo. E, como no início, a única coisa que pode arrancar-nos do nada é a experiência de uma novidade hoje.

Só essa novidade pode ser crível hoje. «Todavia, o grão de trigo cristão só terá uma genuína fecundidade formadora se não se encapsular numa forma particular ilusória, ao lado das formas mundanas, condenando-se assim à esterilidade; se, a exemplo do seu Fundador, se entregar e sacrificar como forma particular – sem angústia perante a perspectiva de ser abandonado e de se abandonar a si mesmo. Pois, aos olhos do mundo, só o amor é digno de fé.»²⁶⁴

²⁶² J. Ratzinger, *Fé e futuro*. Estoril: Principia, 2008, pp. 105-110.

²⁶³ L. Giussani, *Certi di alcune grandi cose (1979-1981)*. Milão: BUR, 2007, p. 396. O trecho citado encontra-se em traduzido em *portugues. clonline.org/arquivo/outros/ter-certeza-de-algumas-grandes-coisas*.

²⁶⁴ H.U. von Balthasar, *Só o amor é digno de fé*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2008, p. 105.

Sumário

INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO 1	
O NIILISMO COMO SITUAÇÃO EXISTENCIAL	5
1. Uma suspeita sobre a consistência da realidade e sobre a positividade da vida	5
2. A perda de um sentido à altura da vida	10
3. A liberdade diante de uma alternativa	15
4. O caráter inextirpável do desejo	18
5. Um grito que implica a resposta	21
6. Um «tu» que acolha o grito	25
CAPÍTULO 2	
«COMO PREENCHÊ-LO, ESTE ABISMO DA VIDA?»	29
1. Tentativas insuficientes	29
2. A nossa humanidade	37
3. «A arte de “sentir” o homem todo»	41
CAPÍTULO 3	
«CARO CARDO SALUTIS»	47
1. Uma presença carnal	47
2. O judeu Jesus de Nazaré	54
3. Um acontecimento	61
4. Para identificar a verdade basta uma atenção sincera	70
5. Um reconhecimento que se chama fé	73
6. Liberdade e confiança	75

CAPÍTULO 4

UM CAMINHO QUE DURA A VIDA INTEIRA **81**

- 1. A necessidade de um caminho 82
- 2. A tentação de afirmar-se a si mesmo 88
- 3. Conversão. Recuperar continuamente a fé 93

CAPÍTULO 5

A RELAÇÃO COM O PAI **103**

- 1. Nossa vida depende de Outro 103
- 2. Seguir Jesus: ser filho 112
- 3. O mal é o esquecimento 120

CAPÍTULO 6

FILHOS NO FILHO **125**

- 1. Por meio da companhia dos que creem.
O carisma 125
- 2. Autoridade: uma paternidade presente 132
- 3. A obediência 137
- 4. «O cêntuplo nesta vida» 143
- 5. «Para o mundo, só o amor é digno de fé» 149

Neste volume, o presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação confronta-se com este tempo vertiginoso, em que o nada pesa tão fortemente sobre a vida de todo o mundo, insinuando a suspeita sobre a positividade da vida e sobre a consistência última da realidade, de modo que tudo parece acabar em nada, até nós mesmos. Um contexto que, paradoxalmente, traz à tona a insuportabilidade de uma vida sem sentido e o desejo indestrutível de ser querido e amado. Uma comparação fascinante com os acontecimentos presentes e com as tentativas insuficientes de sobreviver, entre distração e esquecimento.

A procura por uma resposta que esteja à altura do desafio: um «tu» que acolha o grito da nossa humanidade, redespertando um amor a nós mesmos e à nossa vida. O encontro com uma comunidade cristã viva que torna fascinante o caminhar juntos. O testemunho de uma fé que entra na experiência presente, gerando um conhecimento e uma afeição novos, uma fé capaz de valorizar tudo o que de verdadeiro, belo e bom encontra ao longo do caminho.

JULIÁN CARRÓN nasceu em 1950 em Navaconcejo (Espanha). Ordenado padre em 1975, foi docente de Sagradas Escrituras na Universidade São Dâmaso de Madrid. Em 2004 mudou-se para Milão, chamado por Dom Giussani a compartilhar com ele a responsabilidade de guia do movimento Comunhão e Libertação. É presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação desde 19 de março de 2005. Desde 2004 é docente de Teologia na Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão. Em 2015 publicou o volume *A beleza desarmada*, em 2017 *Onde está Deus?*, e em 2020 *O despertar do humano*.